

MARLENE NOBRE & GERALDO LEMOS NETO

2019

O ÁPICE DA TRANSIÇÃO
PLANETÁRIA

REVELAÇÕES DE
Chico Xavier



fe

MARLENE NOBRE & GERALDO LEMOS NETO

2019

O ÁPICE DA TRANSIÇÃO
PLANETÁRIA

REVELAÇÕES DE
Chico Xavier



fe

MARLENE NOBRE & GERALDO LEMOS NETO

2019

O ÁPICE DA TRANSIÇÃO
PLANETÁRIA

REVELAÇÕES DE

Chico Xavier



fe



Marlene Nobre e Geraldo Lemos Neto reuniram neste livro as predições de Jesus, os escritos de Allan Kardec e as revelações de Chico Xavier acerca da data-limite do velho mundo, advertindo sobre a manutenção da paz na Terra como condição essencial para os bons sucedâneos da atual transição planetária de mundo de expiações e provas para mundo de regeneração. Como verdadeiro apóstolo do Cristo no planeta, Chico Xavier deixou um legado repleto de ensinamentos, induzindo-nos ao compromisso com a prática legítima do Evangelho de Jesus com a coletividade humana. Cada um de nós tem a liberdade de optar entre o bem e o mal, seguindo o melhor ou o pior caminho. Cabe a cada coração a alternativa da paz ou da guerra. Qual é a sua escolha?

fe

ISBN - 978-85-86899-48-5



9 788586 868994



Marlene Nobre

Médica ginecologista, especialista em prevenção do câncer uterino. Foi diretora do Posto de Assistência Médica Várzea do Carmo, do INAMPS, São Paulo. De 1995 a 2015, presidiu a Associação Médico-Espírita do Brasil (AME-Brasil) e AME-Internacional. Foi editora responsável pelo jornal Folha Espírita e fundadora e presidente do Grupo Espírita Cairbar Schutel, que conta com uma obra assistencial, o Lar do Alvorecer Marlene Nobre, em Diadema, SP. É autora de diversos livros, entre eles, destacam-se: A obsessão e suas máscaras; Nossa vida no além; O clamor da vida; A alma da matéria; A vida contra o aborto; O dom da mediunidade; O passe como cura magnética; À luz do eterno recomeço. Seu

último livro, Chico Xavier – meus pedaços do espelho, revela uma narrativa de sua estreita convivência com o médium mineiro. Além desses, organizou o livro Lições de sabedoria. Participou do programa semanal “Diálogos Médicos”, da Rádio Boa Nova, e do programa Portal de Luz, da TV Aberta (Net-TVA). Marlene Nobre retornou à pátria espiritual em janeiro de 2015.

Geraldo Lemos Neto

É mineiro de Belo Horizonte, de família espírita. Ingressou no movimento espírita pela influência de sua família materna. Em 1981, conheceu Chico Xavier pessoalmente, com quem desenvolveu grande amizade. Em Belo Horizonte, iniciou as atividades no Espiritismo pelo Cenáculo Espírita Antônio de Pádua e pela União Espírita Mineira. Participou da Mocidade Espírita O Precursor e da Cantina Francisco de Assis, ambos da União Espírita Mineira. Fundou o Departamento Editorial da União Espírita Mineira em 1984, no qual coordenou a publicação de doze livros, sendo dez deles da lavra de Chico Xavier: Bastão de arrimo; Apelos cristãos; Aceitação e vida; Roseiral de luz; Pétalas da Primavera; Fulgor no entardecer; Migalha; Chico Xavier – mandato de amor; Presença de Chico Xavier em Araxá; Índice geral das mensagens psicografadas por Francisco Cândido Xavier. Foi diretor-secretário da União Espírita Mineira de 1983 até 1995. Autor da biografia Chico Xavier – mandato de amor, lançada pela União Espírita Mineira para comemorar os 65 anos de mediunidade de Chico Xavier, em 1992. Em 2004, fundou a Editora Vinha de Luz, que especializou-se na publicação de livros póstumos da lavra mediúnica inédita de Chico Xavier. Sob a sua coordenação, foram lançados 19 novos livros póstumos: Sementeira de luz; Deus conosco; Militares no além; Pérolas de sabedoria; Iluminuras; Sementeira de paz; Chico Xavier –

o primeiro livro; Colheita do bem; Luz na escola – Chico Xavier em Campos em 1940; Chico Xavier – a aurora de uma vida entre o céu e a terra; Lições para Angelita; Depois da travessia; Chico Xavier com você; Militares com Jesus; Registros imortais; Obras da fé; Palavras sublimes; A saudade é o metro do amor; Cartas do alto. Publicou também as biografias de Chico Xavier: Chiquito, de Julieta Marques; O voo da garça e o Nas trilhas da garça, de Jhon Harley; Chico Xavier – o médium dos pés descalços, de Carlos Baccelli; Pedro Leopoldo vista por Chico Xavier, de sua autoria conjunta com Geraldo Leão. É coordenador das seguintes obras: Célia Lucius, Santa Marina; Isabel – a mulher que reinou com o coração; Evangelho puro, puro Evangelho; além do CD Viajantes, na voz de Fernando Peron. Recentemente, coordenou o lançamento da obra Apocalipse segundo o Espiritismo: uma proposta de estudo. Em parceria com a dra. Marlene Nobre e a FE Editora, lançou, em 2011, o livro e o DVD Não será em 2012. Em agosto de 2014, foi lançado o documentário em DVD Data-limite segundo Chico Xavier. Em novembro de 2015, foi a vez do documentário The Afterlife Investigations. A TV Web A Caminho da Luz tem lançado muitas de suas palestras em DVD, tais como O papel da mediunidade de Chico Xavier na transição planetária; A obra de André Luiz na visão dos espíritos de Emmanuel e Neio Lúcio; A Lei de Destruição; Café filosófico – na intimidade de Chico Xavier; Crianças no mundo espiritual. É o idealizador e fundador da Casa de Chico Xavier de Pedro Leopoldo, na residência do médium em sua cidade natal, que foi transformada em um centro de referência à sua vida e obra. Foi um dos idealizadores do Encontro Nacional dos Amigos de Chico Xavier e sua obra. É o atual presidente da Fundação Cultural Chico Xavier de Pedro Leopoldo, uma entidade civil da cidade natal de Chico Xavier cujo objetivo é a preservação de sua memória. Desde 2012, participa na direção do Portal Saber Espiritismo, com o objetivo de divulgar em multimídia a vida e a obra de Chico Xavier por

meio de podcasts e videocasts especiais, como o Recordando Chico Xavier e as Séries históricas dos romances de Emmanuel. Desde o início de 2017, leva ao ar semanalmente pela Alle Tv o Programa Saber Espiritismo. Como médium psicógrafo, publicou o romance Ignácio de Antioquia e o livro Réstia de luz. Em Belo Horizonte, coordenou o Grupo de Estudos Zeca Machado e participou das atividades do Centro Espírita Luz, Amor e Caridade, entidade centenária da capital mineira, integrando o quadro de sua diretoria.

Embora
que possa
e fazer
começo
em poder
algo e
um no
e reverendo
e sabem por
e não fica
o. Oston fi
acho toda a
uma artista
boa. Adens,
li

...
voltar a
em novo
Qualquer
começa
fazer
... fim.
... a sua Directora
... que vo
... sentidas
... com m
... gente está se
... cubista.
... minhas bichas
... Abre



O ÁPICE DA TRANSIÇÃO
PLANETÁRIA



2019

REVELAÇÕES DE
Chico Xavier

3ª
Edição

2019 | O ápice da transição planetária
Copyright © - FE Editora Jornalística Ltda.
3ª Edição, 2018
Todos os direitos reservados.

Editor
Conrado Santos

Capa/Projeto Gráfico
Dimitrius Gutierrez (JiMy M4Rt3)

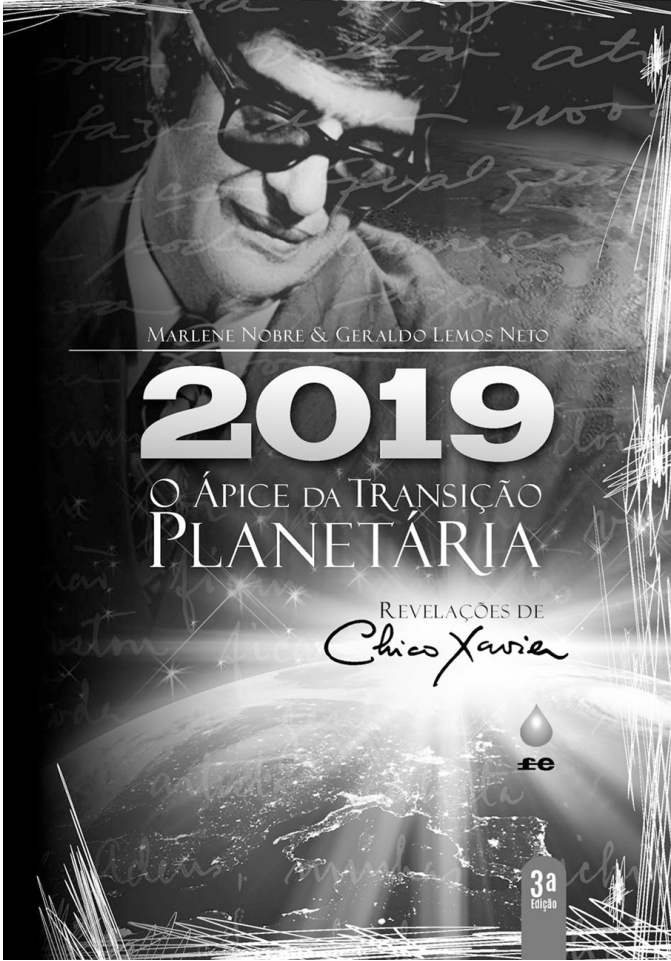
Editoração Eletrônica
Cassius Gutierrez

Revisão Textual
Gaia Revisão Textual

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (cip)

Nobre, Marlene e Neto, Geraldo Lemos
2019, O ápice da transição planetária
São Paulo, 2017
304 P.; 16x23cm
COD - 133
ISBN - 978-85-86899-48-5

FE Editora Jornalística Ltda.
Av. Pedro Severino, 325 - Jabaquara
São Paulo - SP - 04310-060
(11) 5585-1977
www.folhaespirita.com.br
folhaespirita@folhaespirita.com.br



MARLENE NOBRE & GERALDO LEMOS NETO

2019

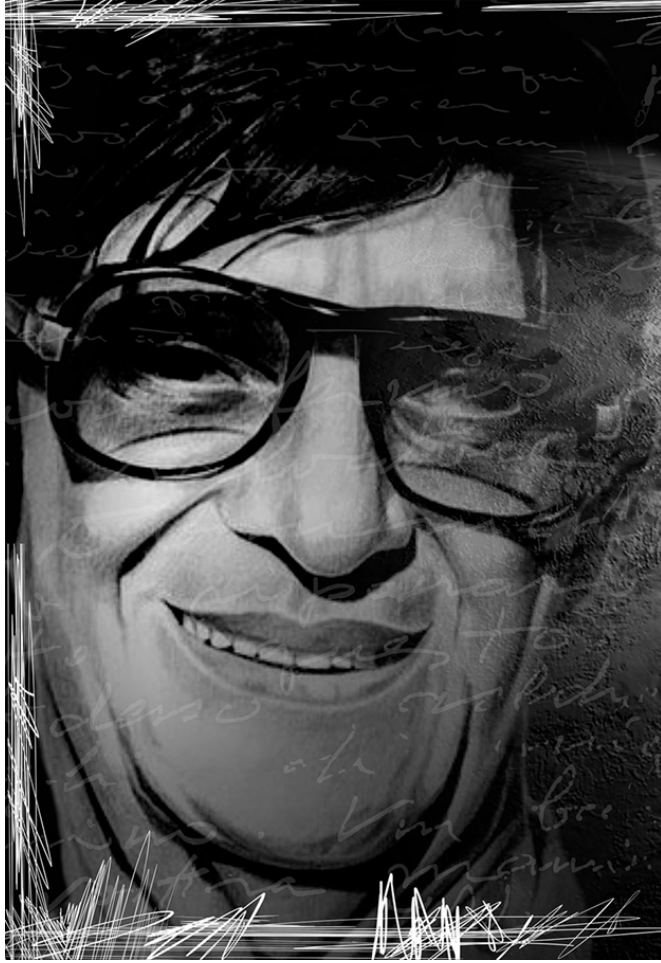
O ÁPICE DA TRANSIÇÃO
PLANETÁRIA

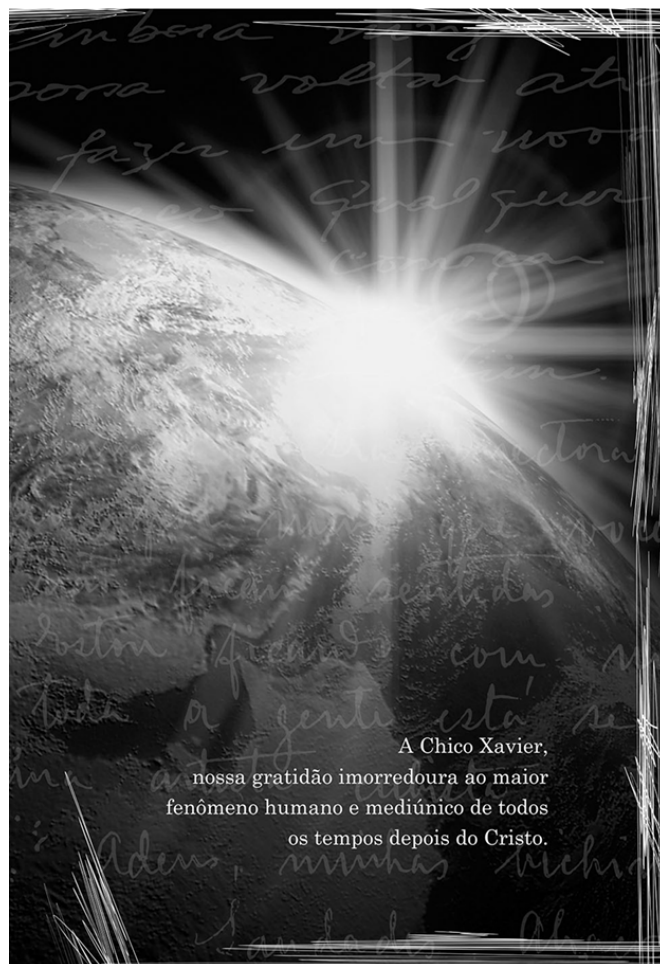
REVELAÇÕES DE

Chico Xavier

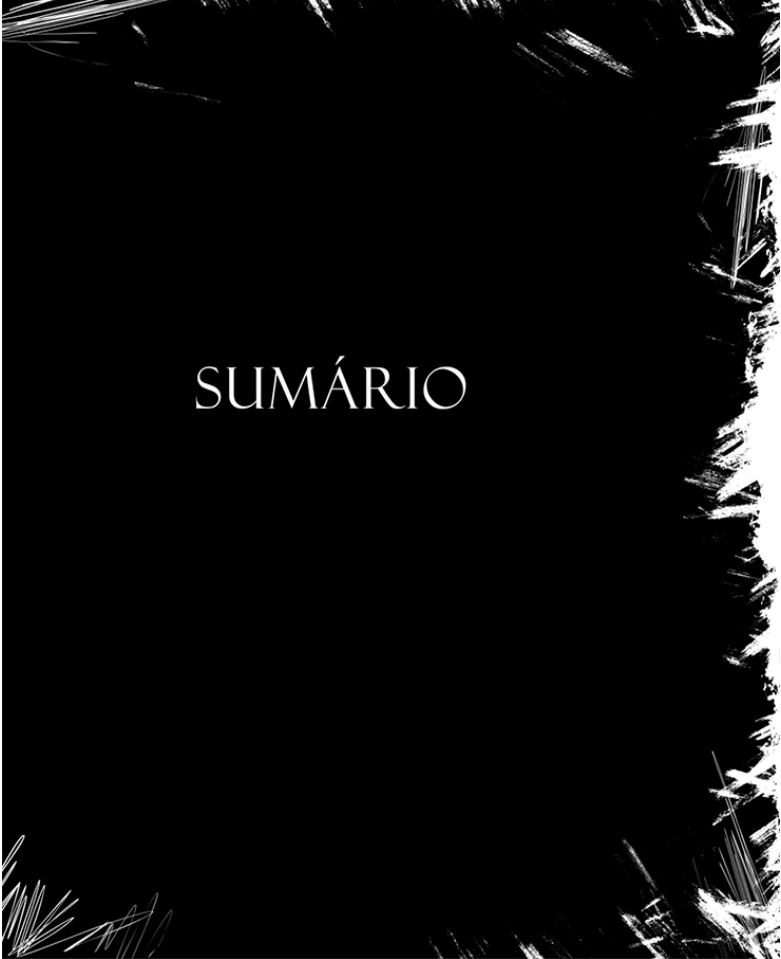


3ª
Edição





A Chico Xavier,
nossa gratidão imorredoura ao maior
fenômeno humano e mediúnico de todos
os tempos depois do Cristo.



SUMÁRIO

Table of Contents

[CAPA](#)

[SOBRE OS AUTORES](#)

[CRÉDITOS](#)

[FOLHA DE ROSTO](#)

[APRESENTAÇÃO](#)

[PREFÁCIO](#)

[1 - RENOVAÇÃO MORAL: A ESSÊNCIA DA NOSSA EVOLUÇÃO](#)

[2 - A BÍBLIA APRESENTA EXPLICAÇÕES SOBRE O MOMENTO
DE TRANSIÇÃO EM QUE VIVEMOS](#)

3 - AS PROFECIAS DO CRISTO

4 - REVELAÇÕES DE XICO XAVIER MOSTRAM QUE O FUTURO DA TERRA ESTÁ NAS MÃOS DOS HOMENS

5 - IMPORTANTES TESTEMUNHOS SOBRE O PAPEL DO BRASIL NA NOVA ERA

6 - REVELAÇÕES DE CHICO XAVIER SOBRE O PAPEL DO BRASIL NA TRANSIÇÃO

7 - REPERCUSSÕES PUBLICADAS NA FOLHA ESPÍRITA

8 - O LEGADO DE CHICO XAVIER E DOS SEUS BENFEITORES SOBRE A TRANSIÇÃO PLANETÁRIA

REFERÊNCIAS

Landmarks

[Capa](#)

[Página de Créditos](#)

[Folha de Rosto](#)

[Epígrafe](#)

[Sumário](#)

[Bibliografia](#)



APRESENTAÇÃO

Este livro é uma versão revisada e atualizada da obra *Não será em 2012: Chico Xavier revela a data-limite do velho mundo*. Esta apresentação foi mantida em homenagem à saudosa dra. Marlene Nobre (*in memoriam*).

Este livro tem por finalidade divulgar as revelações do médium Chico Xavier sobre o final dos tempos. Aborda, portanto, acontecimentos do momento atual, quando o processo de transição da vida planetária atinge o seu ponto culminante. Na verdade, esse processo já era conhecido por revelações espirituais e considerado em plena marcha, nos primórdios do Espiritismo, há mais de 150 anos. Em 1868, Kardec resumiu os inúmeros avisos dos Espíritos Instrutores em capítulo especial de A gênese, iniciando-o assim: “São chegados os tempos, dizem-nos de todas as partes, marcados por Deus, em que grandes acontecimentos se vão dar para regeneração da Humanidade”.¹

E ressaltou com clareza:

Nestes tempos, porém, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a certa região, ou a um povo, a uma raça. Trata-se de um movimento universal, a operar-se no sentido do progresso moral. Uma nova ordem de coisas tende a estabelecer-se, e os homens, que mais opostos lhe são, para ela trabalham a seu mau grado. A geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, se achará possuída de ideias e de sentimentos muito diversos dos da geração presente, que se vai a passo de gigante. O velho mundo estará morto e apenas viverá na História [...].²

Nesse mesmo capítulo, Kardec transcreve a comunicação do Espírito Arago, que é enfática no seu final:

Quando se vos diz que a Humanidade chegou a um período de transformação e que a Terra tem que se elevar na hierarquia dos mundos, nada de místico vejais nessas palavras; vede, ao contrário, a execução de uma das grandes leis fatais do Universo, contra as quais se quebra toda a má vontade humana.³

Hoje, mais de um século e meio transcorrido, venho a campo para contar as revelações de Chico Xavier acerca da fase final da transição planetária. Julgo ser um dever imperioso de consciência publicar este livro, tendo em vista que faltam poucos anos para julho de 2019, data-limite do velho mundo, segundo as previsões do inesquecível médium mineiro. Digo dever de consciência porque Chico revelou a pouquíssimas pessoas as previsões contidas neste livro. Geraldo Lemos Neto foi uma delas e contou-nos com detalhes impressionantes tudo o que ouviu do médium, na sala de jantar da residência dele, em uma madrugada do ano de 1986. Em entrevista exclusiva, publicada na Folha Espírita de maio de 2011, aqui transcrita, Geraldinho, como é mais conhecido, conta tudo o que o médium lhe revelou acerca das duas hipóteses que podem ocorrer ao planeta Terra, conforme as escolhas feitas por seus habitantes até 2019. Constatei o alívio do amigo ao relatar o que sabia. Não suportava mais o peso desse conhecimento e desejava torná-lo público a tempo de ser útil aos irmãos em humanidade. Da mesma forma, lembrei o que Chico me contou em 1992 e que está mais diretamente relacionado com a missão do Brasil na Nova Era.

Assim nasceu, a partir de fevereiro de 2011, a série “Não será em 2012”, no jornal Folha Espírita, que foi gravada também no programa Portal de Luz, da TV Aberta, e transformada em DVD, graças à generosidade do amigo

Oceano Vieira e de seus colaboradores, aos quais muito agradecemos. Ao trazer a lume esta publicação, penso que eu e Geraldinho, como autores, além de nos desincumbirmos de um dever de consciência, cremos contribuir, ainda que de forma muito modesta, para alertar os irmãos da Casa Planetária quanto à nossa responsabilidade individual e coletiva na manutenção da paz, ponto fundamental para que venhamos a herdar a Terra.

Dentro desse propósito, organizei este livro obedecendo à mesma sequência que dei à publicação da série na Folha Espírita, acrescentando algo aos artigos, quando necessário, para tornar as ideias ainda mais claras.

No Capítulo 1, relembro o calendário maia e a data prevista por eles para as grandes transformações do planeta – 22 de dezembro de 2012 –, ressaltando, porém, que o ano será 2019, segundo as previsões de Chico Xavier.

Em seguida, no Capítulo 2, trago a público uma comunicação de Emmanuel, muito pouco conhecida, dada em Pedro Leopoldo, na década de 1950, a uma caravana do Paraná, que havia procurado Chico Xavier para saber a opinião do mentor acerca dos cataclismos do final dos tempos.

No Capítulo 3, faço um resumo das profecias bíblicas, entre as quais as de Daniel, que foram confirmadas por Nosso Senhor Jesus Cristo no Sermão Profético. Revejo também algumas cenas do Apocalipse de João e as referências ao Anticristo.

No Capítulo 4, destaco as profecias do Cristo como sendo as de maior importância em qualquer estudo sobre o final dos tempos. Analiso seu Sermão Profético, nas anotações de

três dos quatro evangelistas – Mateus, Marcos e Lucas – cujos versículos são altamente esclarecedores quanto às ocorrências futuras.

No Capítulo 5, publico a longa entrevista de Geraldinho Lemos Neto com as revelações de Chico Xavier sobre a data-limite do velho mundo e todos os detalhes dos acontecimentos na grande transição.

No Capítulo 6, coloco o resumo de algumas comunicações de figuras importantes da história do Brasil, através do médium Chico Xavier, falando do papel do nosso país no concerto dos povos.

No Capítulo 7, encerro com a entrevista que o médium deu ao nosso jornal, em 27 de dezembro de 1992, falando sobre o papel do Brasil na Nova Era e que também está inserida no livro Lições de sabedoria⁴. Para dar dinâmica maior, apresentei o que ele revelou sobre a missão do Brasil, sob a forma de entrevista, que concedi a Marjorie Aun, no programa Portal de Luz de junho de 2011. Com ela, termino o livro, enriquecendo o seu final com as palavras de incentivo à concórdia e à paz, feitas pelo próprio médium.

Todos nós, que participamos da elaboração deste livro, não temos outro anseio senão o de contribuirmos para que os seres humanos escolham o caminho da paz. Aproveitamos para agradecer ao empenho dos amigos que fazem o jornal Folha Espírita, a maioria deles em trabalho voluntário e abnegado.

Agradecemos a Claudia Santos, nossa incansável editora-chefe, e a todos que coadjuvam o nosso trabalho: Sidonio Mello Mattos, Conrado Santos, Marjorie Aun, Walther Graciano Jr., Ismael Gobbo, Acildon Mattos, Sandra Marinho, Ana Graciano, André Egido e Sidney João de Oliveira.

Ao tornar público o que sabemos, enfatizamos ainda o nosso desejo de que a pior parte das profecias não se cumpra, conforme ensina-nos Emmanuel no livro Encontros no tempo.⁵

Geraldinho afirmou, e com justa razão, que, dos 50 anos de prazo dados por Nosso Senhor Jesus Cristo à humanidade, nós já cumprimos 48 sem guerra. Sem dúvida, é um grande feito e bastante promissor. Formulamos, à Sublime Consciência do Universo, os nossos votos mais sinceros de que possamos viver em paz no restante deste século e em todos os outros que ainda estão por vir, sob as bênçãos do Cristo, nosso Mestre e Senhor.

Marlene Nobre

[1 KARDEC, Allan. A gênese - os milagres e as predições segundo o Espiritismo. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Capítulo XVIII, item 1.](#)

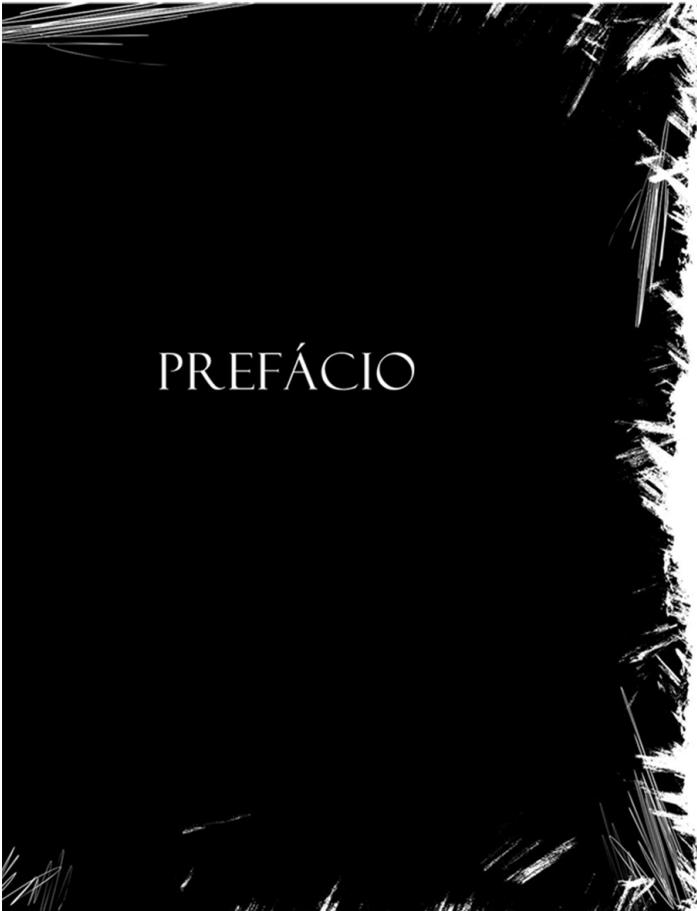
[2 KARDEC, Allan. A gênese - os milagres e as predições segundo o Espiritismo. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Capítulo XVIII, item 6.](#)

[3 KARDEC, Allan. A gênese - os milagres e as predições segundo o Espiritismo. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Capítulo XVIII, item 8.](#)

4 NOBRE, Marlene. Lições de sabedoria. 3. ed. São Paulo: FE Editora, 1997.

5 XAVIER, Francisco Cândido. Encontros no tempo. São Paulo: IDE, 1979.





PREFÁCIO

Prezados leitores, as revelações de Chico Xavier são de tamanha relevância para a humanidade e não podem ser esquecidas ou ignoradas. Sabedora disso, dra. Marlene Rossi Severino Nobre nos convidou a participar de um despertamento coletivo e, certamente inspirada por Mais Acima, publicou inúmeras entrevistas na Folha Espírita de São Paulo, que mais tarde se transformaram no livro e no DVD editados pela FE Editora, cujo título foi Não será em 2012 – Chico Xavier revela a data-limite para o velho mundo (2011).⁶

Digno de nota foi o fato de que muitos artigos, àquela ocasião, indicavam que as profecias maias apontavam para o fim do seu calendário conhecido a data de 21 de dezembro de 2012, razão pela qual a inspiração da dra. Marlene cunhou o título do livro e do DVD da maneira como foi lançado. Um livro simples que, juntando esclarecimentos constantes dos profetas hebreus, como, por exemplo, Daniel, com os alertas de Nosso Senhor Jesus Cristo, em seu sermão profético, e com as palavras dos evangelhos e do apocalipse de João, acabava por conectá-los aos esclarecimentos de Allan Kardec na codificação espírita-cristã constantes do livro A gênese e aos alertas de Chico Xavier sobre a transição planetária. Lançados com a pretensão de apenas acordar o livre exame e debate do tema, tanto o livro quanto o DVD, embora obtendo grande sucesso com o público, foram recebidos com alguma incompreensão, acolhidos pelos autores com respeito ao pensamento contraditório.

Como a Espiritualidade Maior trabalha em favor de nosso entendimento mais amplo, sem que planejássemos na Terra algo mais a fazer, juntou-se a nós um grupo de cineastas idealistas que, a partir de uma entrevista conosco na Casa de Chico Xavier de Pedro Leopoldo, desenharam e conceberam a realização de um documentário

multidisciplinar, envolvendo vários testemunhos em diversas áreas do conhecimento humano, fazendo surgir pela Pozati Filmes o documentário em DVD Data-limite segundo Chico Xavier. Este teve mais de 5 milhões de acessos gratuitos pela Internet e mais tarde foi transformado em livro por uma editora de Porto Alegre.

Passados 6 anos da primeira iniciativa, e já com a saudosa irmã Marlene Nobre residindo no plano da vida espiritual, sentimos a necessidade de aprofundar conhecimentos, buscando sempre na fonte inesgotável e cristalina da mediunidade de Chico Xavier a necessária inspiração. Os amigos da Folha Espírita e da FE Editora resolveram repaginar o livro, consultando-nos sobre o assunto, com o qual concordamos plenamente.

Tendo em vista que a questão das previsões maias não mais se justificavam, sugerimos a publicação de um livro mais completo, tanto no que tange aos esclarecimentos de Allan Kardec destacados por nós em entrevistas subsequentes na Folha Espírita quanto, principalmente, à inclusão de novas pesquisas dos textos psicografados por Chico Xavier, analisados por um participante do Portal Saber Espiritismo de Belo Horizonte, Marco Paulo Denucci Di Spirito.⁷ Seguiu-se, pois, que alguns trechos destacados da obra e dos testemunhos públicos de Chico Xavier foram incluídos aqui, no último capítulo, como profundo conteúdo de insuperáveis e inegáveis revelações espirituais de grande relevância para os tempos que correm. Recomendamos aos leitores que, para maior aprofundamento no tema, conheçam a obra completa de autoria de Marco Paulo Denucci Di Spirito, lançada recentemente pela Vinha de Luz Editora da Casa de Chico Xavier de Pedro Leopoldo⁸, cujo título é Apocalipse – segundo o Espiritismo.

Conclui-se, sem sombra de dúvidas, que excertos da inquestionável obra de Chico Xavier, tanto das mensagens espirituais por ele psicografadas quanto de suas várias entrevistas gravadas em áudio ou televisadas, nos confirmam a importância do tema da transição planetária para a Vida Maior, uma vez que os principais mentores de Chico Xavier, e ele mesmo, por diversas vezes e reiteradamente, ao longo dos anos, destacaram os perigos que rondam os caminhos políticos e econômicos tortuosos das nações terrestres, especialmente das nações mais poderosas e mais bélicas, encaminhando-as inexoravelmente ao conluio sinistro com os monstros da guerra.

A nosso ver, é inegável que tanto Chico Xavier quanto os espíritos mais responsáveis e cultos que por seu intermédio se manifestaram foram unânimes em ressaltar o perigo iminente de um conflito armado mundial de proporções devastadoras, abordando, sim, esse sensível tema de forma clara e precisa e, ao mesmo tempo, ressaltando os ingentes esforços dos Benfeitores Espirituais da Humanidade Terrestre para afastar-nos desse cálice de sangue e de sombras.

Este vasto conteúdo de alerta está inserido na insuperável obra mediúnica de Francisco Cândido Xavier, consubstanciada em 503 livros já publicados até hoje. É imprescindível que todos nós, espíritas cristãos, estejamos atentos às mensagens espirituais e aos alertas de Chico Xavier para não cometermos uma omissão injustificável, com a qual, graças a Deus, não compactuamos.

Consola-nos saber, igualmente, que todos os benfeitores espirituais de Chico Xavier, assim como as palavras memoráveis do próprio Chico em diversas entrevistas, sempre ressaltaram o papel preponderante do Brasil no

concerto das nações, indicando-nos o comprometimento de nossa nação, em termos espirituais, com a árvore frondosa e acolhedora do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, redivivo hoje pelo Consolador Prometido, que haverá, um dia, de transformá-lo no celeiro de bênçãos inesgotáveis de amor e paz, fraternidade e perdão, já neste início do terceiro milênio da vida cristã na Terra, como Coração do Mundo e Pátria do Evangelho de Jesus.

Oxalá possamos todos, especialmente nós que abraçamos a doutrina dos espíritos como filosofia de vida, com suas consequências morais, ouvir o chamado desse legado imperecível de Verdade e Vida, tornando-o, enfim, o roteiro seguro de nossa própria regeneração planetária.

Dessa forma nasce, a partir de outubro de 2017, uma nova obra, repaginada e revista por todos nós, com o sugestivo título 2019: o ápice da transição planetária – revelações de Chico Xavier, que entregamos aos leitores amigos da FE Editora com o preito imorredouro de nossa gratidão aos inesquecíveis médiuns e amigos, Chico Xavier e Marlene Nobre.

Belo Horizonte, 3 de outubro de 2017

Geraldo Lemos Neto

[6 Disponível em: www.feeditora.com.br](http://www.feeditora.com.br)

[7 Disponível em: www.saberespiritismo.com](http://www.saberespiritismo.com)

8 Disponível em: www.vinhadeluz.com.br





RENOVAÇÃO
MORAL:
A ESSÊNCIA
DA NOSSA
EVOLUÇÃO



“Toda essa eclosão de notícias, de mensagens, de avisos da vida espiritual deve significar para o homem, domiciliado na Terra do presente século, a urgência do aproveitamento das lições de Jesus.”

(Emmanuel)

A base do texto que trazemos neste capítulo foi publicada na Folha Espírita de agosto de 1999 com o título Profecias pedem urgência na renovação do Homem. É uma entrevista da década de 1950, praticamente inédita à época, dada pelo benfeitor Emmanuel, na cidade de Pedro Leopoldo, Minas Gerais. Mantivemos os comentários que fizemos em 1999, acrescidos dos atuais, com vistas ao desdobramento dos assuntos a que demos início na última edição.

Por gentileza de seus editores, chegou-nos às mãos o informativo O Universalista Cristão⁹, no qual se pode ler, com destaque, parte de uma entrevista de Emmanuel originalmente publicada em 1956, na revista Boa Vontade.¹⁰ As palavras do Benfeitor Espiritual foram ditadas a Chico Xavier e gravadas, em 5 de janeiro de 1954, em Pedro Leopoldo (MG), quando da visita de companheiros de Curitiba ligados à obra Ramatis.

Por serem revelações de inestimável valor, decidimos republicá-las. Nelas, veremos desfilar os primeiros períodos de organização da vida dos terráqueos na face do planeta, particularmente, nos primeiros capítulos da saga do Homo sapiens: há referência às civilizações mais primitivas, entre elas a lemuriana e a atlântida, desaparecidas há dezenas de milhares de anos, e à ariana, que está prestes a findar.

Quanto às profecias, Emmanuel acentua as profundas transformações pelas quais o globo passará, mas pede-nos discernimento para não nos atermos às convulsões físicas de natureza espetacular que, certamente, ocorrerão, detendo-nos, em especial, na renovação moral, que é essencial à nossa evolução. Dá ênfase ao cultivo das lições de Jesus em nossos atos, para que possamos herdar nossa Casa Planetária. Tendo em vista a gravidade da hora presente e a nossa responsabilidade na construção de um mundo melhor, publicamos a entrevista com os comentários de 1999 e os atuais.

Entrevista de Emmanuel

Chico Xavier não estava incorporado ao responder às perguntas dos irmãos visitantes, quer dizer, não o fazia através da psicofonia, nem mesmo através da psicografia, ele apenas repetia, simplesmente, o que Emmanuel lhe ditava. A entrevista segue na sequência.

Que pode o irmão dizer-nos a respeito do astro que se avizinha, segundo predição de Ramatis?

Chico Xavier: Esclarece, nosso Orientador Espiritual, que o assunto alusivo à aproximação de um planeta, ou de planetas, da zona, ou melhor, da aura da Terra, deve, naturalmente, basear-se em estudos científicos que possam saciar a curiosidade construtiva das

novas gerações renascentes no mundo. O problema, desse modo, envolve acurados exames, com a colaboração da ciência e da observação de nossos dias; razão pela qual pede ele que não nos detenhamos na expressão física dos acontecimentos - acontecimentos esses de natureza espetacular - na transformação do plano em que estamos estagiando, no presente século. Afirmo, nosso amigo, que o progresso da óptica e das ciências matemáticas será portador naturalmente de ilações, de conclusões de mais alta importância para nossos destinos no futuro próximo.

Nosso comentário: Entre outras predições quanto ao futuro da Terra, o espírito Ramatis escreveu, através do médium Hercílio Maes, sobre um planeta que estava se deslocando na direção do nosso e que provocaria grandes instabilidades e destruições quando de sua passagem por aqui. Seria uma espécie de “chupão” que levaria dois terços das pessoas da Terra no bojo dessas catástrofes de grandes proporções. Como vemos, nessa entrevista que estamos analisando, Emmanuel foi indagado sobre essa profecia e aconselhou cautela. Pediu que fôssemos prudentes e aguardássemos a confirmação delas através da ciência.

Predisse, então, para breve, o aparecimento de aparelhos ópticos e de cálculos que nos dariam mais amplas informações sobre o espaço. De fato, o portentoso telescópio Hubble foi lançado pela Nasa em 1990 e ficou por décadas enviando fotos inéditas do espaço, tendo sido desativado recentemente, sem que detectasse nenhum planeta a caminho da Terra. A ciência, portanto, não confirmou essa profecia. O Instrutor ainda fez mais uma recomendação: que nós não deveríamos nos deter à

expressão física dos acontecimentos, que seriam realmente espetaculares, mas nos concentrássemos em nossa transformação moral.

Pode Emmanuel dizer-nos algo a respeito da verticalização do eixo da Terra e das transformações que ela sofrerá, segundo Ramatis?

Chico Xavier: Afirma, nosso Orientador Espiritual, que não podemos esquecer que a Terra, em sua constituição física, propriamente considerada, possui seus grandes períodos de atividade e repouso. Cada período de atividade e cada período de repouso da matéria planetária, que hoje representa o alicerce de nossa morada temporária, cada um pode ser calculado em 260 mil anos. Atravessando o período de repouso da matéria terrestre, a vida se organiza, enxameando, de novo, os vários departamentos do planeta, representando, assim, novos caminhos para a evolução das almas.

Assim sendo, os grandes instrutores da humanidade, nos planos superiores, consideram que, desses 260 mil anos de atividade, 60 mil a 64 mil anos são empregados na reorganização dos pródromos da vida organizada.

Logo em seguida, surge o desenvolvimento das grandes raças que, como grandes quadros, enfeixam assuntos e serviços, que dizem respeito à evolução do espírito domiciliado na Terra. Assim, depois desses 60 mil a 64 mil anos de reorganização de nossa Casa Planetária, temos sempre grandes transformações, de 28 mil em 28 mil anos. Depois do período de 64 mil anos, tivemos duas raças na

Terra, cujos traços se perderam, por causa do seu primitivismo. Logo em seguida, podemos considerar a grande raça lemuriana como portadora de uma inteligência algo mais avançada, detentora de valores mais altos, nos domínios do Espírito. Em seguida aos 28 mil anos de trabalho lemuriano propriamente considerado, chegamos ao grande período da raça atlântida, em outros 28 mil anos de grandes trabalhos, no qual a inteligência do mundo se elevou de maneira considerável.

Achamo-nos, agora, nos últimos períodos da grande raça ariana. [...]

Assim considerando, será mais significativo e mais acertado, para nós, que venhamos a estudar a transformação atual da Terra sob um ponto de vista moral, para que o serviço espiritual, confiado às nossas mãos e aos nossos esforços, não se perca em considerações que podem sofrer grandes alterações, grandes desvios; porque o serviço interpretativo da filosofia e da ciência está invariavelmente subordinado ao Pensamento Divino, cuja grandeza não podemos perscrutar.

Cabe-nos, então, sentir, e, mais ainda, reconhecer que os fenômenos da vida moderna e as modificações que nosso hábitat terreal vem apresentando nos indicam a vizinhança de atividades renovadoras, de considerável extensão. Daí esse afluxo de revelações da vida extraterrestre, incidindo sobre as cogitações dos homens; esses apelos reiterados do mundo dos espíritos; essa manifestação ostensiva daqueles que, supostamente mortos na Terra, são vivos na eternidade, companheiros dos homens em outras faixas vibratórias do campo em que a humanidade evolui.

Toda essa eclosão de notícias, de mensagens, de avisos da vida espiritual deve significar para o Homem, domiciliado na

Terra do presente século, a urgência do aproveitamento das lições de Jesus. Elas devem ser apreciadas em si mesmas e examinadas igualmente no exemplo e no ensinamento de todos aqueles que, em variados setores – culturais, políticos e filosóficos do globo –, traduzem-lhe a vontade divina, que, na essência, é sempre a nossa jornada para o Supremo Bem.

Foi, de fato, há 37 mil anos que submergiu a Atlântida?

Chico Xavier: Diz nosso Amigo [Emmanuel] que o cálculo é, aproximadamente, certo, considerando-se que as últimas ilhas, que guardavam os remanescentes da civilização atlântida, submergiram, mais ou menos, 9 mil a 10 mil anos antes da Grécia de Sócrates.

Nosso comentário: Como vemos, o mentor não respondeu diretamente à pergunta sobre as profecias de Ramatis a respeito do planeta “chupão” e da verticalização do eixo da Terra. Antes de dizer que elas deveriam ser revalidadas pela ciência, fez surpreendentes revelações sobre as civilizações primitivas, bem além do que informou no livro *A caminho da luz*.¹¹ É importante saber que, de todas as etapas pelas quais passou, o nosso planeta, nestes últimos 260 mil anos, sofreu grandes transformações com o desaparecimento, a cada 28 mil anos, de quatro grandes civilizações, sendo as duas últimas a lemuriana e a atlântida. No presente momento, está em vias de sofrer novos cataclismos, com o final de ciclo da grande raça ariana,

encerrando mais um período de 28 mil anos. Quanto ao desaparecimento completo da Atlântida, o mentor fornece dados preciosos, confirmando que as últimas ilhas habitadas pelos remanescentes daquela grande civilização afundaram de vez há 9 mil ou 10 mil anos antes da Grécia de Sócrates, o que corresponde a cerca de 12,5 mil anos dos nossos dias.

No capítulo anterior, vimos que os maias também consideravam os ciclos evolutivos, fixando-os em 26 mil anos, muito próximos dos 28 mil assinalados pelo Benfeitor. Os maias afirmavam também que, em 2012, estaria se encerrando o ciclo da civilização atual. A data não será essa porque a civilização ganhou sete anos a mais de sobrevida.

Fixação nos valores morais

Prosseguindo na resposta à mesma pergunta, o Benfeitor enfatiza através de Chico Xavier:

Os termos da comunicação obtida em Curitiba (a Conexão de Profecias de Ramatis) são de admirável conteúdo para nossa inteligência, de vez que realmente todos os fatos alusivos à evolução da Terra, referentes a todos os eventos que se relacionam com a nossa peregrinação para a vida mais alta, estão naturalmente planejados por aqueles ministros de Nosso Senhor Jesus Cristo, os quais, de acordo com Ele, estabelecem programas de ação para a coletividade planetária, de modo a facilitar-lhe os voos para a divina ascensão.

Embora, porém, essa mensagem, por isso mesmo, seja digna de nosso melhor apreço, contudo, na experiência de companheiro mais velho, recomenda-nos nosso Orientador Espiritual [Emmanuel] um interesse mais efetivo para a fixação de valores morais em nossa personalidade terrena, de conformidade com os padrões estabelecidos no Evangelho de nosso Divino Mestre. Porque se, para nossa inteligência, os fenômenos renovadores da existência, que nos cercam, têm qualquer coisa de sensacional, de surpreendente, nosso coração deve inclinar-se, humilde, diante da Majestade do Senhor, que nos concede tantas oportunidades de trabalho em nós mesmos [...].

Considerando assim a questão sob esse prisma, cabe-nos contar com o concurso da ciência, no setor das observações de ordem material; com a evolução dos instrumentos de óptica; com o avanço dos processos de exame, na esfera da química planetária, na qual os mundos podem ser analisados como átomos da amplidão de universos, que se sucedem uns aos outros, no infinito da vida.

Será lícito esperar que certas afirmativas, referentes à vida material, se positivem satisfatoriamente, para mais altas concepções da mente planetária; de vez que, muito breve, o Homem estará ligado à glória da Religião Cósmica, da Religião do Amor e da Sabedoria, que o Cristianismo Renascente, no Espiritismo de hoje, edificará para a humanidade, ajustando-a ao conceito de bênçãos que o grande porvir nos reserva.

Conclusão

Emmanuel, nessa entrevista que publicamos em parte, traz alertas importantes para os eventos dramáticos que estão à nossa porta e convida-nos a prepararmo-nos convenientemente para enfrentá-los. Confirma que outras civilizações desapareceram a cada 28 mil anos e que esta última, a nossa, a chamada civilização ariana, está prestes a findar-se.

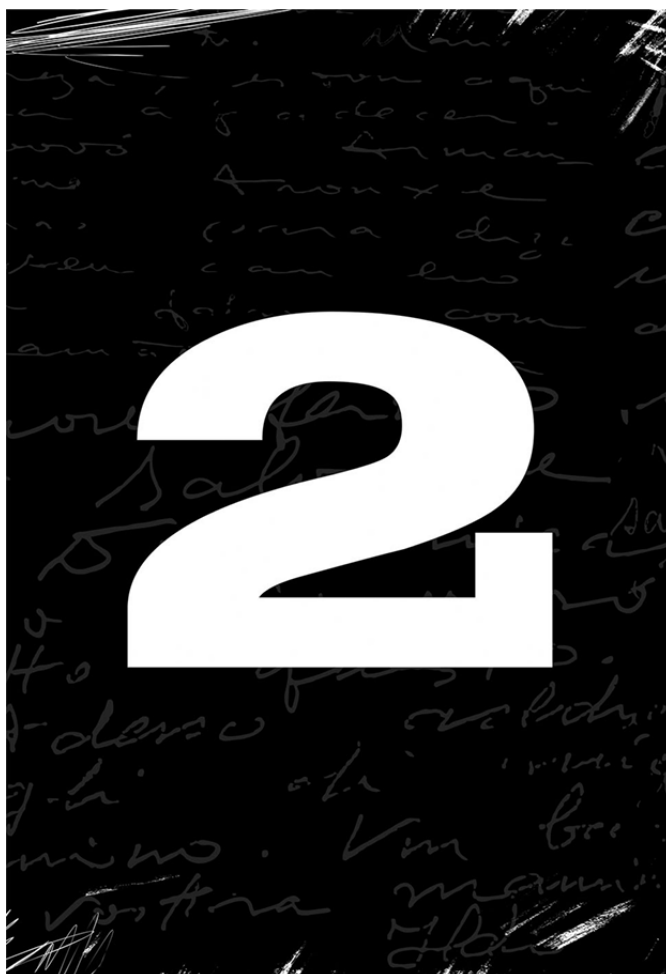
Fundamentalmente, o Instrutor conclama-nos a manter o nosso compromisso com o Cristo, a viver o Seu Evangelho, em vez de circunscrevermo-nos às hecatombes físicas que o planeta sofrerá. O lado catastrófico não ajuda as pessoas, nem a nós mesmos. Segundo nosso Benfeitor, devemos permanecer fiéis a Deus, em qualquer circunstância, mesmo nas mais adversas.

[9 O Universalista Cristão, set./dez. 1998, p. 11.](#)

[10 Boa Vontade, ano I, n. 4, out. 1956.](#)

[11 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Rio de Janeiro: FEB, 1939.](#)







A BÍBLIA
APRESENTA
EXPLICAÇÕES
SOBRE O
MOMENTO DE
TRANSIÇÃO
EM QUE
VIVEMOS



“São chegados os tempos em que as forças do mal serão compelidas a abandonar as suas derradeiras posições de domínio nos ambientes terrestres, e os seus últimos triunfos são bem o penhor de uma reação temerária e infeliz, apressando a realização dos vaticínios sombrios que pesam sobre o seu império perecível.”

(Emmanuel)¹²

Quando vemos a facilidade e a determinação com que os detonadores suicidas caminham para a morte, despedaçando o próprio corpo para levar junto dezenas de pessoas inadvertidas, sentimos um arrepio em pensar que esse mesmo fanatismo pode detonar uma bomba atômica de alto poder destruidor.

Os físicos são unânimes em afirmar que, uma vez utilizado o arsenal atômico, não haverá dia seguinte. No caso de uma guerra nuclear, uma gigantesca quantidade de poeira de tipos variados e fragmentos decorrentes de incêndios de florestas, poços de petróleo, depósitos de combustível e de gás natural que são fontes de muita fumaça, além dos resíduos radioativos produzidos pela explosão de bombas atingiriam a alta atmosfera e bloqueariam a luz solar. Os resultados do bloqueio da luz do sol seriam uma escuridão total e a queda de temperatura para 30 graus negativos, que os cientistas chamam inverno nuclear. Essa situação persistiria por vários meses e nenhuma forma de vida resistiria: humana, animal ou vegetal. Os que sobreviverem a esse confronto apocalíptico, não resistirão por muito tempo. Eles terão dificuldade de obter alimentos, serão afetados pelas modificações climáticas e a irradiação

atômica provocaria, nos sobreviventes, doenças brutais: leucemias, vários tipos de câncer, queimaduras, vômitos, diarreias e queda de cabelos.

Qualquer catástrofe nuclear, hoje, terá duração de apenas alguns minutos. Em menos de meia hora, tudo estaria consumado. Por que tocar nesse assunto? Porque há informações sobre guerra nuclear nas profecias bíblicas, mais particularmente nas profecias de Daniel e nas de nosso Senhor Jesus Cristo. Veremos também nas previsões de Chico Xavier que uma das hipóteses levantadas é a do extermínio nuclear, que poderia levar o planeta a consequências imprevisíveis. Vejamos o resumo de algumas profecias do Velho e do Novo Testamento.

Lucas e João

No Evangelho de Lucas, há a seguinte frase acerca do fim dos tempos: “Mas quando virdes os exércitos cercarem Jerusalém, então sabeis que está próxima a sua desolação” (Lc, 21-20). Parece bem claro que a cidade de Jerusalém está envolvida nesses acontecimentos finais, anunciados pelo profeta Daniel e retomados por Lucas, porque será sitiada pelos exércitos. Não é sem razão, portanto, que ficamos apreensivos com o agravamento da situação no Oriente Médio, sem perspectivas de melhora no curto prazo.

No apocalipse de João, há também referência a essa cidade e à grande batalha do Armagedon, que aí se travará, sob o comando de Gog e Magog, duas figuras identificadas como representantes das trevas.

João, o Evangelista, afirma que haverá destruição da terça parte do globo: “Por estas três pragas: pelo fogo, pelo fumo e pelo enxofre que saíam das suas bocas (dos cavalos) foi morta a terça parte dos homens” (Ap 9, 18). Felizmente, segundo João, a misericórdia divina cerceará a destruição total, preservando dois terços da população, o que exigirá, sem dúvida, muito esforço por parte da Espiritualidade Superior.

Daniel

Nosso Mestre Jesus, no Sermão Profético, confirma as visões de Daniel acerca do final dos tempos, quer dizer, dos dias que correm. Na Bíblia, no livro dedicado ao grande profeta, vemos as suas anotações sobre esses acontecimentos: “No terceiro ano do reino de Baltazar, eu, Daniel tive uma visão, depois daquela que tinha tido anteriormente” (Dn 7, 1) A visão refere-se ao final dos tempos e é uma mensagem cifrada, uma constante nas visões apocalípticas, envolvendo um carneiro e um bode, com suas peculiaridades.

Ao final, Daniel diz: “Vi um santo que falava, a quem um outro santo perguntou: ‘Quanto tempo durará o que anuncia a propósito do holocausto perpétuo, da infidelidade devastadora, do abandono do santuário e do exército dos fiéis calcado aos pés’. Aquele respondeu: ‘Duas mil e trezentas tardes e manhãs. Depois disso o santuário será restaurado’ (Dn 8, 13). “Ora, enquanto eu contemplava esta visão procurava compreendê-la, notei que estava de pé, diante de mim, um ser de forma humana. Ouvi uma voz de homem que vinha do meio do Ulai: ‘Gabriel’, gritava ela, explica-lhe a visão” (Dn 8, 15) Em seguida, o anjo Gabriel

fala ao atormentado Daniel que caíra por terra, desfalecido: “Filho do homem, fica sabendo que esta visão se refere ao tempo final” (Dn 8, 17-18). E interpreta a sua visão. Entre outras coisas, Gabriel fala de

um rei carregado de crueldade e de manha. O seu poder crescerá, todavia, de modo algum por ele mesmo. Causará extraordinárias devastações, será bem-sucedido em suas empresas, exterminará os poderosos e o povo dos santos. Graças à habilidade, fará triunfar a perfídia. O coração dele inchará de orgulho, e levará à morte muita gente por traição. Levantar-se-á contra o Príncipe dos príncipes, mas será esmagado sem intervenção de mão humana. A visão a respeito das tardes e das manhãs, que te foi mostrada, é perfeitamente verdadeira. Porém guarda em segredo esta visão, que te foi mostrada, [...] refere-se a dias longínquos” (Dn 8, 23-27).

Após a visão, o profeta ficou doente durante muitos dias, afirmando que ela fora totalmente incompreensível para ele. Interessante observar que o pivô da tragédia, o Príncipe das trevas, “será esmagado sem intervenção de mão humana”, o que leva a crer que os cataclismos terrestres vão se incumbir de exterminar os exércitos em litígio, minimizando, de certa forma, os sofrimentos humanos.

Ezequiel e Zacarias

Também o profeta Ezequiel tem visões sobre o papel de Israel no conflito final. Em suas profecias, Gog, o último anticristo, virá de sua residência do “extremo norte”, juntamente com seus exércitos e aliados: “Subirás contra Israel, meu povo, como uma nuvem para cobrir o país. Será no fim dos dias que eu te conduzirei contra o meu povo” (Ez 38, 8-9). E ainda: “Naquele dia haverá certamente grande tumulto no país de Israel. À minha vista tremerão de pavor os peixes do mar e as aves do céu, os animais dos campos e todos os répteis que se arrastam sobre a terra, assim como todos os homens que vivem sobre a face da terra” (Ez 38, 18-23). Quanto a Gog, diz ainda: “E o castigarei com a peste e o sangue, farei cair uma nuvem torrencial, saraiva, fogo e enxofre sobre ele e suas tropas e sobre os numerosos povos que estão com ele” (Ez 38, 22).

A referência a Israel também está presente nas profecias de Zacarias: “O Senhor reunirá todas as nações contra Israel para lhe darem batalha [...]” (Zc 14, 2). A seguir descreve com grande realismo as cenas de destruição:

A cidade será tomada, as casas serão destruídas, as mulheres violadas, metade da população irá para o exílio, mas o resto do povo será expulso da cidade. O monte das Oliveiras dividir-se-á em dois pelo meio a oriente e a ocidente, como um grande vale: uma parte do monte recuará para o norte e outra para o sul. Todo o país será transformado em planície [...] (Zc 14, 2).

É impressionante a descrição de Zacarias (14, 12) quanto às consequências da guerra, dá para supor que é um conflito nuclear escrito há 2.500 anos. Mais uma vez, as profecias

acentuam que o aliciador de todas as forças do mal será destruído com cataclismos naturais.

Luta do bem contra o mal

A falange do dragão, descrita por André Luiz no livro *Libertação*¹³ – uma das obras-primas da literatura mediúnica de Chico Xavier –, é responsável por todas as ações contrárias ao bem que se verificam na Terra. Formam-na a falange de espíritos rebeldes que seguem propósitos diferentes daqueles instituídos pelo Criador. Em geral, são espíritos muito inteligentes, mas destituídos de amor e que se distanciam voluntariamente do bem, apesar da assistência permanente dos espíritos superiores que buscam a sua reabilitação.

O vidente de Patmos – João, o Evangelista – refere-se, várias vezes, ao dragão no Apocalipse. Em uma delas, fica claro o seguinte: “E foi precipitado o grande dragão, antiga serpente, que se chama Diabo e Satanás, aquele que engana todo mundo” (Ap 12, 9). Ao que tudo indica, haverá uma luta mais acirrada entre o Bem e o Mal, isto é, entre a falange que serve aos propósitos de Deus e aquela outra que não deseja submeter-se ao amor, que é lei universal.

Outra questão que parece clara é a destruição de Roma. Ela é descrita como a cidade dos sete montes, onde fica a besta e a mulher vestida de púrpura e de escarlata e adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas, tendo na mão um cálice de ouro. João descreve assim a tragédia de Roma: “Ai, ai da grande cidade, onde por sua opulência se enriqueceram todos quantos tinham navios sobre o mar!

Pois em uma só hora foi ela transformada em deserto” (Ap 18, 19).

A visão final do Apocalipse é a da Jerusalém libertada. Por amor dos escolhidos, a grande tribulação será abreviada. A bondade divina prevalecerá, haverá futuro para a humanidade, um porvir radioso de muita paz e esperança.

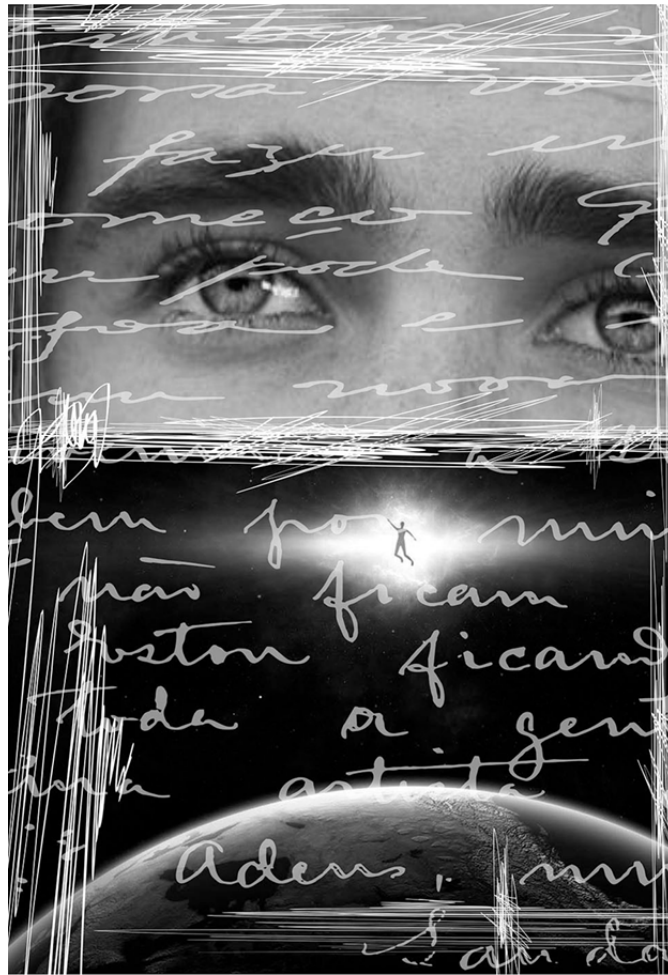
[12 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Rio de Janeiro: FEB, 1939. Capítulo XXV.](#)

[13 XAVIER, Francisco Cândido. Libertação. Rio de Janeiro: FEB, 1949.](#)





AS PROFECIAS DO CRISTO



Todos os que procuram explicações mais detalhadas acerca da época de transição que estamos vivendo não precisam demandar longas pesquisas, nem compulsar muitos livros em buscas cansativas. Basta que recorram às revelações do maior profeta de todos os tempos: Nosso Senhor Jesus Cristo. Em O Sermão Profético, o Mestre conversa com os discípulos sobre fatos que acontecerão mais próximo deles no tempo, como a destruição do Templo de Jerusalém, e outros que se consumarão mais tarde, em nossa época. Tudo isso é facilmente colocado à disposição de qualquer interessado na obra mais difundida no mundo – a Bíblia –, naturalmente, na parte dedicada às lições do Mestre Jesus – O Novo Testamento.

Três evangelistas tomaram nota de O Sermão Profético: Mateus, capítulo 24; Marcos, capítulo 13; e Lucas, capítulo 21. Segundo as anotações, certa feita, ao saírem do Templo de Jerusalém, os discípulos comentavam, entusiasmados, a beleza da construção, quando o Cristo, contemplando, melancolicamente, os edifícios, revelou-lhes que deles nada restaria: “Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derrubada” (Mc 13, 2); o que, de fato, concretizou-se no ano 70 da Era Cristã, sob o comando do imperador romano Tito.

Logo em seguida à vista do Templo, Mestre e discípulos retiraram-se para o Monte das Oliveiras, onde, ainda tocados com o tom profético das palavras do Senhor e valendo-se do clima de mais intimidade entre eles, os pupilos solicitaram-Lhe informações quanto ao destino final da Terra. Inicialmente, Jesus advertiu-os quanto aos falsos cristos, que se multiplicariam, tentando enganar, e ressaltou:

E haveis de ouvir falar de guerras e rumores de guerras: olhai, não vos assusteis; porque é necessário que assim aconteça, mas ainda não é o fim. Porque se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em diversos lugares, porém tudo isso é o princípio das dores (Mt 24, 6-8).

Creemos que, nesse ponto, o Mestre se referia ao século XX, proscênio do princípio das dores, quando passamos por duas grandes guerras mundiais, por outros conflitos regionais mais graves, cataclismos enormes e recrudescimento da fome em vários pontos do planeta. O trecho “mas ainda não é o fim” indica que o problema maior ocorreria depois desses eventos, com o advento de A grande tribulação – acontecimento previsto pelo profeta Daniel e que Jesus confirmava naquele momento, conforme se lê em Mateus (24, 15-28) e Marcos (13, 14-23).

A Grande Tribulação engloba os momentos mais terríveis pelos quais a Terra vai passar brevemente e que, nas anotações de Lucas, estão previstos para quando Israel estiver sitiada por todos os exércitos. O Senhor lamenta pelas grávidas e por aquelas que amamentarem nesses dias, ressaltando a situação de impotência dos seres humanos em relação às ocorrências, pois estas lhes fugirão totalmente ao controle, “porque aqueles dias serão de tribulação, tal qual nunca houve desde o princípio da criação por Deus, feita até agora, nem haverá jamais”. Somente “por amor dos escolhidos esses dias serão abreviados” (Mc 13, 19). Mateus e Marcos referem-se ao escurecimento do sol, à falta de claridade da lua e à queda das estrelas que se precipitarão dos céus após a tribulação. Lucas (21, 25) acentua os mesmos acontecimentos, mas

afirma ainda que haverá perplexidade das nações pelo bramido do mar e das ondas.

Todas essas descrições não deixam dúvida quanto aos grandes cataclismos naturais – maremotos e terremotos –, de alto poder destrutivo, que devem se suceder nesses momentos, em consequência das ações nefastas do homem sobre a Casa Planetária, ao longo dos milênios de história. Pode ser que essa ação nefasta aconteça, pela última vez, concomitantemente com as ocorrências dos cataclismos naturais, porque há também referências dos evangelistas ao lamento de Jesus quanto às grávidas e ao escurecimento do planeta, fenômenos que podem estar ligados à explosão nuclear. Após a tormenta, todos os evangelistas referem-se à vinda do Filho do homem e a de seus prepostos, em uma grande nuvem, ajudando, com seus anjos, os escolhidos, para o início do trabalho redentor.

A terra responderá aos abusos do homem

Em seu romance autobiográfico intitulado Há dois mil anos¹⁴, Emmanuel descreve a chegada, ao mundo espiritual, de Lívia Cornélia, sua esposa à época do Cristo, quando revestia a personalidade do senador romano Públio Lêntulus, após ter sido martirizada no circo de Roma, dando-se em holocausto à sua fé cristã.

Todos os seres que, como Lívia, tinham dado suas vidas em favor do ideal cristão, aguardaram, depois de alguns dias, em paisagem luminosa do mundo espiritual, a visita do Senhor, “como quando de sua divina presença na bucólica moldura da Galileia”. Tomando a palavra, naquele ambiente

que recordava as suas inesquecíveis pregações nas águas tranquilas do pequeno “mar” da Galileia, Jesus louvou os sacrifícios e os testemunhos dos mártires, regozijando-se pelos galardões espirituais conquistados, mas também fez previsões quanto aos destinos da Terra, confirmando suas advertências em O Sermão Profético, quando revelara aos discípulos as grandes transformações pelas quais o planeta passará.

Emmanuel tentou reproduzir “a essência de sua lição divina naquele momento inesquecível”, embora reconhecendo que o tenha feito “imperfeitamente”. É uma peça de grande beleza espiritual, da qual recolhemos trechos importantes para o nosso estudo, sobretudo os referentes às profecias do Senhor.

“Sim! Amados meus, porque o dia chegará no qual todas as mentiras humanas hão de ser confundidas pela claridade das revelações do céu. Um sopro poderoso de verdade e vida varrerá toda a Terra, que pagará, então, à evolução de seus institutos, os mais pesados tributos de sofrimento e sangue... Exausto de receber os fluidos venenosos da ignomínia e da iniquidade de seus habitantes, o próprio planeta protestará contra a impenitência dos homens, rasgando as entranhas em dolorosos cataclismos... As impiedades terrestres formarão pesadas nuvens de dor que rebentarão, no instante oportuno, em tempestades de lágrimas na face escura da Terra e, então, das claridades da minha misericórdia, contemplarei meu rebanho desditoso e direi como os meus emissários: ‘Ó Jerusalém, Jerusalém!...’”

“Mas nosso Pai, que é sagrada expressão de todo amor e sabedoria, não quer que se perca uma só de suas criaturas, transviadas nas tenebrosas sendas da impiedade!...”

“Trabalharemos com amor, na oficina dos séculos porvindouros, reorganizaremos todos os elementos destruídos, examinaremos detidamente todas as ruínas buscando o material passível de novo aproveitamento e, quando as instituições terrestres reajustarem a sua vida na fraternidade e no bem, na paz e na justiça, depois da seleção natural dos Espíritos e dentro das convulsões renovadoras da vida planetária, organizaremos para o mundo um novo ciclo evolutivo, consolidando as divinas verdades do Consolador, os progressos definitivos do homem espiritual” (grifo nosso).¹⁵

Como se vê, a terra responderá aos abusos do homem, rebentando as próprias entranhas, como forma de renovação da vida planetária. Foi também essa conclusão a que chegamos com a análise de O Sermão Profético.

A hora presente é grave. Multipliquemos a nossa fé. Trabalhem, com afinco, no autoburilamento. Acima de tudo, oremos a Jesus, porque Ele, em Sua Misericórdia, sabe o que é melhor para nós.

[14 XAVIER, Francisco Cândido. Há dois mil anos. Rio de Janeiro: FEB, 1939. Capítulo VI, 2ª parte.](#)

[15 XAVIER, Francisco Cândido. Há dois mil anos. Rio de Janeiro: FEB, 1939. Capítulo 10.](#)







REVELAÇÕES DE
CHICO XAVIER
MOSTRAM QUE
O FUTURO DA
TERRA ESTÁ
NAS MÃOS
DO HOMEM



Em razão da gravidade do assunto, trazemos aos leitores da Folha Espírita a revelação feita pelo mais importante médium da história humana, Francisco Cândido Xavier, a Geraldo Lemos Neto, fundador da Casa de Chico Xavier, de Pedro Leopoldo (MG), e da Vinha de Luz Editora, de Belo Horizonte (MG). Geraldinho, como é mais conhecido, ouviu do médium, em 1986, um amplo relato sobre o futuro que está reservado ao planeta Terra e a todos os seus habitantes nos próximos anos.

Há muito tempo carrego este fardo comigo e sempre me preocupei no sentido de que Chico Xavier não me falaria tudo o que relato nesta edição da Folha Espírita à toa, senão com uma finalidade específica. Na ocasião da conversa que descrevo nas páginas seguintes, senti que minha mente estava recebendo um tratamento mnemônico diferente para que não viesse a esquecer aquelas palavras proféticas e que, em momento oportuno do futuro, eu seria chamado a testemunhá-las.

Estou aqui na condição de um carteiro, ou, melhor dizendo, de um mensageiro de um cartório de notas a quem fosse confiada a tarefa de entregar determinada notificação por ordem de uma autoridade superior. Consciente da importância do que me foi confiado às mãos, entrego-o hoje em sua completude aos nossos irmãos em humanidade, na certeza de que estou cumprindo um dever e nada mais. O seu conteúdo não foi lavrado por mim, e sim pelo maior médium que a humanidade conheceu desde os tempos do Cristo, que é Chico Xavier. Guardo a certeza de que o médium, por sua vez, o receberá por parte da Grande Comunidade dos Praticantes do Evangelho de Jesus no Mais Além.

“Não estamos entregues à fatalidade nem predeterminados ao sofrimento, mas diante de uma encruzilhada do destino coletivo que nos une à nossa casa planetária, aqui na Terra. Temos diante de nós dois caminhos a seguir. O caminho do amor e da sabedoria nos levará a mais rápida ascensão espiritual coletiva. O caminho do ódio e da ignorância acarretar-nos-á mais amplo dispêndio de séculos na reconstrução material e espiritual de nossas coletividades” (Geraldo Lemos Neto).

2019 é o ano-limite do velho mundo

O tema da transformação da Terra de mundo de expiação e provas para mundo de regeneração, levantado pelo próprio codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec, sempre interessou e intrigou Geraldo Lemos Neto. Com 19 anos de idade, já tendo lido e estudado toda a obra de Kardec, conheceu o médium Chico Xavier, amigo da família desde os tempos de sua meninice, em Pedro Leopoldo (MG). “Naquela época, como já havia ouvido inúmeros casos relativos à sua mediunidade e caridade para com o próximo, tinha muita vontade de conhecê-lo e ouvi-lo pessoalmente, o que de fato ocorreu em outubro de 1981, em São Paulo”, lembra Geraldinho. A partir daquele primeiro encontro, uma grande afinidade os ligou, conforme conta, o que fez com que o também fundador da Editora Vinha de Luz o visitasse regularmente em Uberaba (MG), acompanhado de familiares.

Em 1984, Geraldinho casou-se com Eliana, irmã de Vivaldo da Cunha Borges, que morava com Chico Xavier desde 1968 e diagramava todos os seus livros. A partir de então, passou

a desfrutar de intimidade maior com Chico, em Uberaba, visitando-o com mais frequência e hospedando-se em sua residência. Ele recorda:

Posso dizer que essa época foi para meu coração um verdadeiro tesouro dos céus. Recordo-me até hoje daqueles anos de convivência amorosa e instrutiva na companhia do sábio médium e amigo com profunda gratidão a Deus, que me permitiu semelhante concessão por acréscimo de Sua Misericórdia Infinita. Assim, tive a felicidade de conviver na intimidade com Chico Xavier, dialogando com ele vezes sem conta, madrugada a dentro, sobre variados assuntos de nossos interesses comuns, notadamente sobre esclarecimentos palpitantes acerca da Doutrina dos Espíritos e do Evangelho de Jesus.

Um desses temas, como lembra Geraldinho, foi em relação ao Apocalipse, do Novo Testamento.

Sempre me assombrei com o tema, relatando a Chico Xavier minha dificuldade de entender o livro sagrado escrito pela mediunidade de João Evangelista. Desde então, em nossos colóquios, Chico Xavier tinha sempre uma ou outra palavra esclarecedora sobre o assunto, pontuando este ou aquele versículo e fazendo-me compreender, aos poucos, o momento de transição pelo qual passa o nosso orbe planetário, a caminho da regeneração.

Foi em uma dessas conversas habituais, lembrando o livro de sua psicografia, Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho¹⁶, que Geraldinho externou ao médium sua dúvida quanto ao título do livro, uma vez que ainda naquela ocasião, em meados da década de 1980, o Brasil vivia às voltas com a hiperinflação, a miséria, a fome, as grandes disparidades sociais, o descontrole político e econômico, sem falar nos escândalos de corrupção e no atraso cultural.

Lembro-me, como hoje, a expressão surpresa do Chico me respondendo: “Ora, Geraldinho, você está querendo privilégios para a Pátria do Evangelho, quando o fundador do Evangelho, que é Nosso Senhor Jesus Cristo, viveu na pobreza, cercado de doentes e necessitados de toda ordem, experimentou toda a sorte de vicissitudes e perseguições para ser supliciado quase abandonado pelos seus amigos mais próximos e morrer crucificado entre dois ladrões? Não nos esqueçamos de que o fundador do Evangelho atravessou toda sorte de provações, padeceu o martírio da cruz, mas depois ele largou a cruz e ressuscitou para a Vida Imortal! Isso deve servir de roteiro para a Pátria do Evangelho. Um dia haveremos de ressuscitar das cinzas de nosso próprio sacrifício para demonstrar ao mundo inteiro a imortalidade gloriosa!”, esclareceu.

Sobre estas e outras revelações feitas a ele por Chico Xavier a respeito de fatos relacionados ao ano em que se dará a grande transformação do nosso planeta, Lemos Neto expõe a seguir.

Folha Espírita (FE): No livro A caminho da luz, nosso benfeitor Emmanuel já havia previsto que no século XX haveria mais uma reunião dos Espíritos Puros e Eleitos do Senhor, a fim de decidirem quanto aos destinos da Terra. A reunião aconteceu e dela tiveram notícias Chico e Emmanuel - os missionários que trabalham abnegadamente, por séculos a fio, em favor da renovação humana. Quais os resultados dessa reunião?

Geraldo Lemos Neto: Na sequência da nossa conversa, perguntei ao Chico o que ele queria exatamente dizer a respeito do sacrifício do Brasil. Estaria ele a prever o futuro de nossa nação e do mundo? Chico pensou um pouco, como se estivesse vislumbrando cenas distantes e, depois de algum tempo, retornou para dizer-nos: “Você se lembra, Geraldinho, do livro de Emmanuel A caminho da luz? Nas páginas finais da narrativa de nosso benfeitor, no capítulo XXIV, cujo título é ‘O Espiritismo e as grandes transições’? Nele, Emmanuel afirmara que os Espíritos abnegados e esclarecidos falavam de uma nova reunião da comunidade das potências angélicas do Sistema Solar, da qual é Jesus um dos membros divinos, e que a sociedade celeste se reuniria pela terceira vez na atmosfera terrestre, desde que o Cristo recebeu a sagrada missão de redimir a nossa humanidade, para, enfim, decidir novamente sobre os destinos do nosso mundo. Pois então, Emmanuel escreveu isso nos idos de 1938 e estou informado que essa reunião de fato já ocorreu.

Ela se deu quando o homem finalmente ingressou na comunidade planetária, deixando o solo do mundo terrestre para pisar pela primeira vez o solo lunar. O homem, por seu próprio esforço, conquistou o direito e a possibilidade de

viajar até a Lua, fato que se materializou em 20 de junho de 1969. Naquela ocasião, o Governador Espiritual da Terra, que é Nosso Senhor Jesus Cristo, ouvindo o apelo de outros seres angelicais de nosso Sistema Solar, convocara uma reunião destinada a deliberar sobre o futuro de nosso planeta.

O que posso lhe dizer, Geraldinho, é que depois de muitos diálogos e debates entre eles foram dadas diversas sugestões e, ao final do celeste conclave, a bondade de Jesus decidiu conceder uma última chance à comunidade terráquea, uma última moratória para a atual civilização no planeta Terra. Todas as injunções cármicas previstas para acontecerem ao final do século XX foram então suspensas, pela Misericórdia dos Céus, para que o nosso mundo tivesse uma última chance de progresso moral.

O curioso é que nós vamos reconhecer nos Evangelhos e no Apocalipse exatamente esse período atual, em que estamos vivendo, como a undécima hora ou a hora derradeira, ou mesmo a chamada última hora”.

FE: Como você reagiu diante da descrição do que acontecera nessa reunião nas Altas Esferas?

Geraldo Lemos Neto: Extremamente curioso com o desenrolar do relato de Chico Xavier, perguntei-lhe sobre qual fora então as deliberações de Jesus, e ele me respondeu: “Nosso Senhor deliberou conceder uma moratória de 50 anos à sociedade terrena, a iniciar-se em 20 de julho de 1969, e, portanto, a findar-se em julho de 2019. Ordenou Jesus, então, que seus emissários celestes se empenhassem mais diretamente na manutenção da paz entre os povos e

as nações terrestres, com a finalidade de colaborar para que nós ingressássemos mais rapidamente na comunidade planetária do Sistema Solar, como um mundo mais regenerado, ao final desse período. Algumas potências angélicas de outros orbes de nosso Sistema Solar recearam a dilação do prazo extra, e foi então que Jesus, em sua sabedoria, resolveu estabelecer uma condição para os homens e as nações da vanguarda terrestre. Segundo a imposição do Cristo, as nações mais desenvolvidas e responsáveis da Terra deveriam aprender a se suportarem umas às outras, respeitando as diferenças entre si, abstendo-se de se lançarem a uma guerra de extermínio nuclear. A face da Terra deveria evitar a todo custo a chamada III Guerra Mundial. Segundo a deliberação do Cristo, se e somente se as nações terrenas, durante este período de 50 anos, aprendessem a arte do bom convívio e da fraternidade, evitando uma guerra de destruição nuclear, o mundo terrestre estaria enfim admitido na comunidade planetária do Sistema Solar como um mundo em regeneração.

Nenhum de nós pode prever, Geraldinho, os avanços que se darão a partir dessa data de julho de 2019, se apenas soubermos defender a paz entre nossas nações mais desenvolvidas e cultas!”.

FE: Quais são os acontecimentos que podemos prever com essas revelações para a Terra?

Geraldo Lemos Neto: Perguntei, então, ao Chico a que avanços ele se referia, e ele me respondeu: “Nós alcançaremos a solução para todos os problemas de

ordem social, como a solução para a pobreza e a fome que estarão extintas; teremos a descoberta da cura de todas as doenças do corpo físico pela manipulação genética nos avanços da Medicina; o homem terrestre terá amplo e total acesso à informação e à cultura, que se fará mais generalizada; também os nossos irmãos de outros planetas mais evoluídos terão a permissão expressa de Jesus para se nos apresentarem abertamente, colaborando conosco e oferecendo-nos tecnologias novas, até então inimagináveis ao nosso atual estágio de desenvolvimento científico; haveremos de fabricar aparelhos que nos facilitarão o contato com as esferas desencarnadas, possibilitando a nossa saudosa conversa com os entes queridos que já partiram para o além-túmulo; enfim, estaríamos diante de um mundo novo, uma nova Terra, uma gloriosa fase de espiritualização e beleza para os destinos de nosso planeta”.

Foi então que, fazendo as vezes de advogado do diabo, perguntei a ele: “Chico, até agora você tem me falado apenas da melhor hipótese, que é esta em que a humanidade terrestre permaneceria em paz até o fim daquele período de 50 anos. Mas, e se acontecer o caso de as nações terrestres se lançarem a uma guerra nuclear?” “Ah! Geraldinho, caso a humanidade encarnada decida seguir o infeliz caminho da III Guerra mundial, uma guerra nuclear de consequências imprevisíveis e desastrosas, aí então a própria mãe Terra, sob os auspícios da Vida Maior, reagirá com violência imprevista pelos nossos homens de ciência.

O homem começaria a III Guerra, mas quem iria terminá-la seriam as forças telúricas da natureza, da própria Terra cansada dos desmandos humanos, e seríamos defrontados

então com terremotos gigantescos; maremotos e ondas (tsunamis) consequentes; veríamos a explosão de vulcões há muito extintos; enfrentaríamos degelos arrasadores que avassalariam os polos do globo com trágicos resultados para as zonas costeiras, devido à elevação dos mares; e, neste caso, as cinzas vulcânicas associadas às irradiações nucleares nefastas acabariam por tornar totalmente inabitável todo o Hemisfério Norte de nosso globo terrestre”.

O que acontecerá especificamente com o Brasil?

Em certa ocasião, Geraldinho fez essa mesma pergunta a Chico Xavier. Segundo o médium,

Em todas as duas situações, o Brasil cumprirá o seu papel no grande processo de espiritualização planetária. Na melhor das hipóteses, nossa nação crescerá em importância sociocultural, política e econômica perante a comunidade das nações. Não só seremos o celeiro alimentício e de matérias-primas para o mundo, como também a grande fonte energética com o descobrimento de enormes reservas petrolíferas que farão da Petrobras uma das maiores empresas do mundo.

E prosseguiu Chico:

O Brasil crescerá a passos largos e ocupará importante papel no cenário global, isso terá como consequência a elevação da cultura brasileira ao cenário internacional e, a reboque, os livros do Espiritismo Cristão, que aqui tiveram solo fértil no seu desenvolvimento, atingirão o interesse das outras nações também. Agora, caso ocorra a pior hipótese, com o Hemisfério Norte do planeta tornando-se inabitável, grandes fluxos migratórios se formariam então para o Hemisfério Sul, onde se situa o Brasil, que então seria chamado mais diretamente a desempenhar o seu papel de Pátria do Evangelho, exemplificando o amor e a renúncia, o perdão e a compreensão espiritual perante os povos migrantes.

A Nova Era da Terra, nesse caso, demoraria mais tempo para chegar com todo seu esplendor de conquistas científicas e morais, porque seria necessário mais um longo período de reconstrução de nossas nações e sociedades, forçadas a se reorganizarem em seus fundamentos mais básicos”.

FE: Segundo Chico Xavier, esses fluxos migratórios seriam pacíficos?

Geraldo Lemos Neto: Infelizmente, não. Segundo Chico me revelou, o que restasse da ONU acabaria por decidir a invasão das nações do Hemisfério Sul, incluindo-se aí obviamente o Brasil e o restante da América do Sul, a Austrália e o sul da África, a fim de que nossas nações fossem ocupadas militarmente e divididas entre os sobreviventes do holocausto no Hemisfério Norte. Aí é que nós, brasileiros, iríamos ser chamados a exemplificar a verdadeira fraternidade cristã, entendendo que nossos irmãos

do Norte, embora invasores a “mano militare”, não deixariam de estar sobrecarregados e aflitos com as consequências nefastas da guerra e das hecatombes telúricas e, portanto, ainda assim, devendo ser considerados nossos irmãos do caminho, necessitados de apoio e arrimo, compreensão e amor.

Neste ponto da conversa, Chico fez uma pausa na narrativa e completou: “Nosso Brasil, como o conhecemos hoje, será então desfigurado e dividido em quatro nações distintas. Somente uma quarta parte de nosso território permanecerá conosco, e aos brasileiros restarão apenas os Estados do Sudeste somados a Goiás e ao Distrito Federal. Os norte-americanos, canadenses e mexicanos ocuparão os Estados da Região Norte do País, em sintonia com a Colômbia e a Venezuela. Os europeus virão ocupar os Estados da Região Sul do Brasil unindo-os ao Uruguai, à Argentina e ao Chile. Os asiáticos, notadamente chineses, japoneses e coreanos, virão ocupar o nosso Centro-Oeste, em conexão com o Paraguai, a Bolívia e o Peru. E, por fim, os Estados do Nordeste brasileiro serão ocupados pelos russos e povos eslavos. Nós não podemos nos esquecer de que todo esse intrincado processo tem a sua ascendência espiritual e somos forçados a reconhecer que temos muito que aprender com os povos invasores.

Vejamos, por exemplo: os norte-americanos podem nos ensinar o respeito às leis, o amor ao direito, à ciência e ao trabalho. Os europeus, de uma forma geral, poderão nos trazer o amor à filosofia, à música erudita, à educação, à história e à cultura. Os asiáticos poderão incorporar à nossa gente suas mais altas noções de respeito ao dever, à disciplina, à honra, aos anciãos e às tradições milenares. E, então, por fim, nós brasileiros, ofertaremos a eles, nossos irmãos na carne, os mais altos valores de espiritualidade que, mercê de Deus, entesouramos no coração fraterno e

amigo de nossa gente simples e humilde, essa gente boa que reencarnou na grande nação brasileira para dar cumprimento aos desígnios de Deus e demonstrar a todos os povos do planeta a fé na Vida Superior, testemunhando a continuidade da vida além-túmulo e o exercício sereno e nobre da mediunidade com Jesus”.

FE: O Brasil, embora sofrendo o impacto moral dessa ocupação estrangeira, estaria imune aos movimentos telúricos da Terra?

Geraldo Lemos Neto: Infelizmente, não. Segundo Chico Xavier, o Brasil não terá privilégios e sofrerá também os efeitos de terremotos e tsunamis, notadamente nas zonas costeiras. Acontece que, de acordo com o médium, o impacto por aqui será bem menor se comparado com o que sobrevirá no Hemisfério Norte do planeta.

FE: Por tudo que se depreende da fala de Chico Xavier, você também crê que a ida do homem à Lua, em junho de 1969, tenha precipitado de certa forma a preocupação com as conquistas científicas dos humanos, que poderiam colocar em risco o equilíbrio do Sistema Solar?

Geraldo Lemos Neto: Sim, creio que a revelação de Chico Xavier a respeito traz, nas entrelinhas, essa preocupação celeste quanto às possíveis interferências dos humanos terráqueos nos destinos do equilíbrio planetário em nosso Sistema Solar. Pelo que Chico Xavier falou, alguns dos seres angélicos de outros orbes planetários não estariam dispostos a nos dar mais esse prazo de 50 anos, temerosos

talvez de nossas nefastas e perniciosas influências. Essa última hora bem que poderia ser por nós considerada como a última bênção misericordiosa de Jesus Cristo em nosso favor, uma vez que, pela explicação de Chico Xavier, foi ele, Nosso Senhor, quem advogou em favor de nossa causa, ainda uma vez mais.

FE: A reunião da comunidade celeste teria decidido algo mais, segundo a exposição de Chico Xavier?

Geraldo Lemos Neto: Sim. Outra decisão dos benfeitores espirituais da Vida Maior foi a que determinou que, após o alvorecer do ano 2000 da Era Cristã, os espíritos empedernidos no mal e na ignorância não mais receberiam a permissão para reencarnar na face da Terra. Reencarnar aqui, a partir dessa data, equivaleria a um valioso prêmio justo, destinado apenas aos espíritos mais fortes e preparados, que souberam amearhar, no transcurso de múltiplas reencarnações, conquistas espirituais relevantes como a mansidão, a brandura, o amor à paz e à concórdia fraternal entre povos e nações.

Insere-se dentro dessa programação de ordem superior a própria reencarnação do mentor espiritual de Chico Xavier, o espírito Emmanuel, que, de fato, veio a renascer, segundo Chico informou a variados amigos mais próximos, exatamente no ano 2000. Certamente, Emmanuel, reencarnado aqui no coração do Brasil, haverá de desempenhar significativo papel na evolução espiritual de nosso orbe. Todos os demais espíritos, recalcitrantes no mal, seriam então, a partir de 2000, encaminhados forçosamente à reencarnação em mundos mais atrasados, de expiações e

de provas aspérrimas, ou mesmo em mundos primitivos, vivenciando ainda o estágio do homem das cavernas, para poderem purgar os seus desmandos e a sua insubmissão aos desígnios superiores. Chico Xavier tinha conhecimento desses mundos para onde os espíritos renitentes estariam sendo degredados. Segundo ele, o maior desses planetas se chamaria Kírom ou Quírom.

FE: Praticamente nos restam poucos anos pela frente. Emmanuel fala na entrevista da década de 1950, já publicada nestas páginas, que é urgente a transformação moral da humanidade. Qual deve ser a nossa conduta em relação a revelações tão assustadoras e ao conselho do mentor?

Geraldo Lemos Neto: Então, caríssima Marlene, a última hora está de fato aí demonstrada. Basta termos “olhos de ver e ouvidos de ouvir”, segundo a assertiva de Jesus. É a nossa última chance, é a última hora... Não há mais tempo para o materialismo. Não há mais tempo para ilusões ou enganos imediatistas. Ou seguiremos com a Luz que efetivamente buscarmos, ou nos afundaremos nas sombras de nossa própria ignorância. Que será de nós?

A resposta está em nosso livre-arbítrio, individual e coletivo. É a nossa escolha de hoje que vai gerar o nosso destino. Poderemos optar pelo melhor caminho, o da fraternidade, da sabedoria e do amor, e a regeneração chegará para nós de forma brilhante a partir de 2019; ou poderemos simplesmente escolher o caminho do sofrimento e da dor e, nesse caso infeliz, teremos um longo período de

reconstrução que poderá durar mais de mil anos, segundo Chico Xavier. Entretanto, sejamos otimistas.

Lembre-mo-nos que desse período de 50 anos já se passaram 48 anos em que as nações mais desenvolvidas e responsáveis do planeta conseguiram se suportar umas às outras sem se lançarem a uma guerra de extermínio nuclear. Essa era a condição imposta por Jesus. Até aqui seguimos bem, embora entre trancos e barrancos. Falta-nos hoje apenas o percurso da última milha, os últimos dois anos desse período de exceção e misericórdia do Altíssimo. Oxalá, prossigamos na melhor companhia!

Como poderemos facilmente concluir, tudo dependerá, em última análise, de nossas próprias escolhas, enquanto entidades individuais ou coletivas, para nosso progresso e ascensão espiritual. É o “A cada um será dado segundo as suas próprias obras!” que o Cristo nos ensinou. Não estamos entregues à fatalidade nem predeterminados ao sofrimento. Estamos diante de uma encruzilhada do destino coletivo que nos une à nossa casa planetária aqui na Terra.

Temos diante de nós dois caminhos a seguir.

O caminho do amor e da sabedoria nos levará a mais rápida ascensão espiritual coletiva. O caminho do ódio e da ignorância acarretar-nos-á mais amplo dispêndio de séculos na reconstrução material e espiritual de nossas coletividades. Tudo virá de acordo com nossas escolhas de agora, individuais e coletivas.

Oremos muito para que os Benfeitores da Vida Maior continuem a nos ajudar e incentivar a seguir pelo Caminho da Verdade e da Vida. O próprio espírito Emmanuel, através de Chico Xavier, respondendo a uma entrevista já publicada em livro, nos diz que as profecias são reveladas aos homens

para não serem cumpridas. São, na realidade, um importante aviso espiritual para que nos melhorem e afastemos de nós a hipótese do pior caminho.

Compartilho com os leitores da Folha Espírita mensagem de nosso benfeitor espiritual Theophorus, psicografada por nosso intermédio, na noite de 14 de agosto de 2006, em reunião pública no Centro Espírita Luz, Amor e Caridade de Belo Horizonte (MG). Com o título A terra da promessa, seu conteúdo versa exatamente sobre o tema desta entrevista.

A terra da promessa

Irmãos,

Na abertura do Capítulo IX de O Evangelho Segundo o Espiritismo, Allan Kardec, com muita propriedade, escolheu a frase inesquecível de Nosso Senhor Jesus Cristo: “Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra!” (Mt 5, 5).

Por muitos séculos, a frase augusta do divino Mestre restou não compreendida pela coletividade cristã na face terrestre. Afinal, que terra prometida é essa a que se refere o Cristo, reservando-a aos brandos de coração e aos humildes do espírito?

Não obstante o aspecto profundo, muitas vezes atribuindo às palavras iluminadas de Jesus de Nazaré o sentido figurado, em que muitos estudiosos da letra cristã consideraram essa terra sob o significado espiritual da terra simbólica da paz reinante nos corações dos justos, forçoso é

reconhecemos que o real alcance da promessa do Cristo a esse respeito vai mais longe. Os mundos, estâncias de trabalho e aperfeiçoamento que enxameiam a colmeia universal da Criação divina, também progridem espiritualmente, galgando novos postos de serviço como educandários valiosos dos espíritos de suas humanidades correlatas, em contínuo processo de ascensão.

À medida que avançam as noções superiores do espírito encarnado, levantando o próprio olhar para as realidades da vida imperecível, soa o clarim de uma nova era para as coletividades humanas sedentas de paz e de progresso. É chegado o momento de novo degrau evolutivo para a casa planetária a que chamamos Terra. O prazo de 20 séculos da mensagem espiritual do Mestre inesquecível, desde sua passagem renovadora às margens do mar da Galileia, chegará no próximo ano de 2030. Desde o advento do novo século XXI, por determinação superior, apenas têm acesso à porta da reencarnação os espíritos que atingiram em suas conquistas espirituais a mansidão, a brandura e a humildade. Aqueles que não souberam adquirir esses patrimônios morais na contabilidade de seus créditos pessoais, no transcurso de suas sucessivas reencarnações em 20 séculos de vida cristã na face da Terra, serão, como já estão sendo, conduzidos a mundos de expiação e provas que se lhes afinem com as tendências inferiores e infelizes.

Os bons alunos, que se têm esforçado por domar as suas más tendências, reajustando-se-lhes os corações em sintonia com o amor universal e a sabedoria de todos os tempos, são estes que o divino Mestre apelida de brandos e humildes, mansos e pacíficos, que hão de herdar a nova Terra. Muitos deles já estão entre vós, apresentando-se com a infância natural de seus primeiros anos de crianças terrestres.

À medida que forem chegando à juventude e à madureza, contudo, assumirão cada vez mais o relevante papel para o qual foram chamados na sociedade terrestre, o que imprimirá vigorosa transformação no ambiente conturbado que ainda vos envolve o cotidiano.

Aproxima-se a fase final desta transição que haverá de elevar a Terra à condição de “mundo regenerado” para a qual se destina. Esse período final será justamente aquele entre o centésimo aniversário do nascimento do apóstolo consolador Chico Xavier, a comemorar-se no próximo ano de 2010, em 2 de abril, e o aniversário do bicentenário do advento do Consolador prometido pelo Cristo, a comemorar-se no futuro ano de 2057, mais precisamente no dia 18 de abril. Até lá ainda experimentareis os estertores da vida sombria dos sentimentos inferiores que ainda vos circundam a existência, fadada, invariavelmente, a ser varrida da nova Terra pela presença da Luz. Estejamos, pois, confiantes que Jesus, nosso divino Mestre, está no leme de nossa embarcação planetária, conduzindo-a ao porto seguro da paz e da esperança, da alegria e do amor, que haverá de nos irmanar, uns aos outros, como genuínos herdeiros dessa nova humanidade. Irmãos, amigos queridos e companheiros de jornada, façamos, pois, nossa parte para merecê-la!

Theophorus¹⁷

■

“Tudo dependerá, em última análise, de nossas próprias escolhas, enquanto entidades individuais ou coletivas, para nosso progresso e ascensão

espiritual. É o ‘A cada um será dado segundo as suas próprias obras!’ que o Cristo nos ensinou.”

■

Previsões concretizadas

Algumas das previsões de Chico Xavier já se concretizaram. Depois de 1969, o Brasil começou um grande surto desenvolvimentista, vindo depois a democratizar-se sem traumas sangrentos, fazendo a transição de forma pacífica e ordenada.

A Europa, antes dividida em nações antagônicas, passou a considerar a possibilidade de uma união mais ampla, acabando por consolidar a efetiva existência da União Europeia como um mercado comum econômica e politicamente falando, chegando, inclusive, a lançar uma moeda única, em substituição às antigas, que é o Euro de hoje. Depois de 1969, a Guerra Fria arrefeceu-se; caiu a cortina de ferro da Europa Oriental; derrubou-se o Muro de Berlim; ruiu a antiga URSS como resultado da Perestroika, para o surgimento de uma nova Rússia mais livre, com a outras novas nações associadas.

O grande surto desenvolvimentista da China e dos países chamados tigres asiáticos, certamente, vem colaborando para a união e mais interação entre povos distantes.

O Brasil abriu-se também para o mundo, estabilizou sua economia, lançou uma moeda forte, o Real, cresceu economicamente e descobriu vastas reservas petrolíferas, tornando-se uma nação mais importante no cenário

internacional, assumindo novas responsabilidades no progresso das nações. Hoje, o mundo está muito mais consciente das responsabilidades ambientais, e grandes movimentos globais nesse sentido já surgiram, como o Protocolo de Kyoto.

As ciências avançam a passos largos, e os cientistas decodificaram o DNA humano com inegáveis benefícios para o combate às doenças do corpo físico. As telecomunicações estreitaram os laços entre os seres e as nações, com a telefonia celular ao alcance de toda a gente e a Internet de banda larga acelerando o acesso ao conhecimento geral e à liberdade de pensamento. Grandes movimentos coletivos hoje forçam governantes tirânicos a ceder espaço às novas democracias. Tudo isso fora previsto por Chico Xavier, em meados da década de 1980, muito antes de efetivamente vir a acontecer.

Afirma Lemos Neto:

Tudo se encaixa como sendo parte de um retrato mais amplo do trabalho dos benfeitores espirituais da Vida Maior em favor da paz e da concórdia, do desenvolvimento e da cultura em escala global. Os emissários do Cristo estão agindo em nosso favor e, por isso mesmo, não podemos perder a fé na continuidade desse auxílio.

Isso tudo sem mencionarmos os grandes avisos que a própria Terra está nos dando.

O aquecimento global é um fato. O Jornal Nacional noticiou que a calota polar do Norte estará totalmente degelada em meados de 2012, segundo conclusões de renomados cientistas. Depois do ano 2000, algumas nações têm sofrido tsunamis e terremotos cada vez mais assustadores, que

dizimaram dezenas de milhares de vítimas. A média global anterior, para terremotos acima de 9.0 pontos na escala de Richter, era de um por década, e, nos últimos anos, nós já tivemos cinco tremores acima dessa magnitude, sendo dois no espaço de um ano, o do Chile e o do Japão, mais recentemente. Os avisos aí estão: o homem terrestre precisa mudar interiormente, e um grande apelo à sua espiritualização ouve-se por toda parte. Continuemos a confiar em Deus e em Jesus, Nosso Senhor, que não nos desampará!

Chico Xavier falou sobre a data-limite do velho mundo no programa Pinga-Fogo¹⁸ em 1971

19

Marlene Nobre

Entre as poucas contestações à entrevista de Geraldo Lemos Neto, publicada na Folha Espírita de maio, está a dos que não creem em profecias com data marcada. Mais particularmente, contestaram o prazo de 50 anos e o ano de 2019. Pois bem, Chico Xavier afirmou em vida, em um programa de televisão campeão de audiência – o Pinga-Fogo – que o prazo é de 50 anos.

Vamos recordar as principais respostas que ele deu nesse programa referentes a esse assunto.

Pedimos ao leitor que medite bem sobre as palavras do médium, que foram ditas logo depois que a Missão Apolo pisou na Lua pela primeira vez. Tudo indica que a entrevista foi programada pela Espiritualidade Superior, a fim de que ela tivesse também a finalidade de advertência às comunidades terrestres quanto aos perigos e às oportunidades da hora presente. No trecho que publicamos na sequência, ressaltamos, em *itálico*, as frases que estão absolutamente de acordo com o que afirmou Geraldinho Lemos.

Se quisermos uma era maravilhosa de progresso para a humanidade neste terceiro milênio, temos de lutar por ela, e o preço a pagar é o da paz, o do entendimento entre todos os povos.

A seguir, os trechos do programa Pinga-Fogo.

Aquário, era maravilhosa, terá um preço: a paz

Hele Alves: Eu queria saber agora o seguinte: os espíritas dizem que os renascimentos sucessivos da criatura humana têm por objetivo a sua evolução. Outras correntes espiritualistas, como os teosofistas, os messiânicos, também dizem que nós estamos no limiar de uma era de grande beleza, a era de Aquário, na qual a humanidade será muito feliz. Eu gostaria de perguntar ao senhor o seguinte: se temos mais de uma dezena de séculos de evolução, se estamos no limiar de uma era de encontro da criatura humana consigo própria, como que o senhor explica as violências do mundo atual como a Guerra do Vietnã,

a violência da sociedade de consumo? Isso, a nosso ver, não representa uma grande evolução da humanidade.

Chico Xavier: Esses fenômenos todos - diz o nosso Emmanuel, que está presente - caracterizam mesmo o período de transformação em que nós nos encontramos. Diz ele: O nosso companheiro materialista dirá: Natureza. Mas para nós, os religiosos, Natureza é sinônimo de manifestação de Deus.

Então Deus cria a Natureza, Deus cria a vida, mas o homem, os homens ou as mulheres do planeta, são filhos de Deus e podem modificar a criação de Deus. Nós nos encontramos no limiar de uma era extraordinária, se nos mostrarmos capacitados coletivamente a recebê-la com a dignidade devida. Se os países mais cultos do globo puderem suportar a pressão dos seus próprios problemas, sem entrar em choques destrutivos, como, por exemplo, guerra de extermínio, que deixará consequências imprevisíveis para nós todos no planeta, então veremos uma era extraordinariamente maravilhosa para o homem, porque a própria automação - diz ele - nos está mostrando que vamos ser aliviados ou quase que aposentados do trabalho mais rude no trato com o planeta, para a educação da nossa vida mental, através de informações sobre o Universo com proveito enorme, proveito incalculável para benefício da humanidade. Mas isso terá um preço. Será o preço da paz. Isso se nós pudermos nos suportar uns aos outros, amar uns aos outros, seguindo os preceitos de Jesus, até que essa era prevaleça, provavelmente no próximo milênio, não sabemos se no princípio, se nos meados ou se no fim. O terceiro milênio nos promete maravilhas, mas se o homem, filho e herdeiro de Deus, também se mostrar digno dessas concessões.

As cidades de vidro e o fim do período bélico

Saulo Gomes: O Luiz Lopes, que é o nosso companheiro da TV Globo, formula esta pergunta: nossa humanidade assiste neste momento a mais um lance dramático da corrida espacial. “Apolo 15” encaminha-se para a Lua. Acreditam os mestres espirituais de Chico Xavier se ainda em nossa atual civilização o homem poderá entrar em contato com civilizações de outros planetas?

Chico Xavier: Estamos subordinando a resposta ao mesmo critério com que foi estruturada a informação para a nossa estimada entrevistadora que falou sobre a nova era. Se não entrarmos numa guerra de extermínio nos próximos 50 anos, então nós podemos esperar realizações extraordinárias da ciência humana partindo da Lua. Então diz o nosso Emmanuel, que está presente, que quando Cristóvão Colombo perambulava pelas cortes europeias, pedindo socorro para descobrir um caminho mais fácil para as Índias, muita gente considerou o programa dele como absolutamente inútil para a humanidade, que aquilo era uma despesa absolutamente inócua e que iria pesar demasiadamente no orçamento de qualquer povo, até que ele conseguisse o apoio de Fernando e Isabel, os então soberanos de Castela. Mas nós hoje sabemos, depois de quase cinco séculos, qual a importância do feito. Então nós não podemos, também, acusar os nossos irmãos que estão se dirigindo à Lua para pesquisas, que devem ser

consideradas da máxima importância para o nosso progresso futuro, porque as despesas efetuadas com isso serão naturalmente compensadas, talvez com a tranquilidade para uma sociedade mais pacífica na Terra, porque se não entrarmos, por exemplo, num conflito de proporções imensas, então na Lua é possível que o homem construa as cidades de vidro, as cidades estufas, onde cientistas possam estabelecer pontos de apoio para observação da nossa Galáxia.

Essas cidades não são sonhos da Ciência, essas cidades, naturalmente com muito sacrifício da humanidade terrestre, podem ser feitas e, provavelmente – vamos dizer –, vai se obter azoto e oxigênio e usinas de alumínio e formações de vidro e matéria plástica na própria Lua para a construção desses redutos da ciência terrestre e, provavelmente, a água fornecida pelo próprio solo lunar. Então, teremos, quem sabe, a possibilidade de entrar em contato com outras comunidades da nossa Galáxia. Então vamos, definitivamente, encerrar o período bélico na evolução dos povos terrestres, porque nós vamos compreender que fazemos parte de uma família universal, que não somos o único mundo criado por Deus. O próprio Jesus, a quem reverenciamos como Nosso Senhor e mestre, disse: “Há muitas moradas na casa de meu pai”. Portanto, nós precisamos prestigiar a paz dos povos, a tranquilidade de todos com o respeito de todos, com a veneração máxima pela Ciência, para que nós possamos auferir esses benefícios num futuro talvez mais próximo do que remoto, se nós fizermos por merecer.

[16 XAVIER, Francisco Cândido. Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho. Rio de Janeiro: FEB, 1938.](#)

17 Mensagem psicografada em reunião pública no Centro Espírita Luz, Amor e Caridade, na noite de 14 de agosto de 2006, por Geraldo Lemos Neto.

18 CHICO XAVIER – PINGA FOGO 1971 – Parte 6/10 – Água na Lua: Chico já sabia. Publicado em 25 de mai de 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6i6lhp3HadQ>. Acesso em: 10 out. 2017.

19 Esta matéria foi apresentada na edição de julho de 2011 da Folha Espírita.







IMPORTANTES
TESTEMUNHOS
SOBRE O PAPEL
DO BRASIL
NA NOVA ERA



Diante das grandes transformações pelas quais o planeta vai passar, nos próximos anos, as perguntas são inevitáveis: o que acontecerá ao Brasil? Qual o seu papel no futuro dos povos? Muitas revelações foram feitas, a respeito da missão espiritual da nossa pátria, neste terceiro milênio, especialmente nos livros: Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho²⁰ e Falando à Terra.²¹ Aceitas por muitos que as consideram como indicações preciosas, em meio às incertezas do presente, rejeitadas por alguns que se mostram descrentes, e mesmo irônicos, o fato é que, muito em breve, teremos a oportunidade de constatar se são verdadeiras ou não.

Com relação aos que duvidam, Robert Southey, historiador inglês, falando através de Chico Xavier, lembra que há uma “crítica inconsistente dos pessimistas intransigentes que só veem a falência espiritual de que são possuidores” e acentua que “não adianta o progresso material de uma nação, se ele não é acompanhado de alicerces morais efetivos”.

Afirma Ismael, o protetor do Brasil, que “a civilização armada terá que perecer, para que os homens se amem como irmãos”. Isso é o que esperamos acontecer nos próximos anos, para que venhamos a ter um desenvolvimento inimaginável em nosso planeta.

O Brasil visto pelos espíritos

Em livro psicografado na década de 1930, Brasil coração do mundo, pátria do evangelho, Humberto de Campos ressalta o fato de que Jesus transportou da Palestina para o Brasil a

árvore do seu Evangelho, buscando a preservação de suas lições, relegadas ao descaso pela humanidade. A medida impunha-se, tendo em vista as filosofias complicadas e as teorias salvacionistas extravagantes, que foram enxertadas aos seus ensinamentos, desfigurando-os a tal ponto que algumas guerras sangrentas foram patrocinadas em nome Dele, o Mestre que se imolou pela paz. O fato é que o próprio Cristo, em uma de suas excursões pelo globo, no último quartel do século XIV, escolheu o lugar onde o Brasil seria erigido, na esperança de que, em suas terras dadivosas, o seu Evangelho fosse vivido em profundidade. Durante essa visita, o Mestre conversou com os componentes da luminosa caravana que o acompanhava sobre as características da futura nação:

A região do Cruzeiro, onde se realizará a epopeia do meu Evangelho, estará, antes de tudo, ligada eternamente ao meu coração. As injunções políticas terão nela atividades secundárias, porque, acima de todas as coisas, em seu solo santificado e exuberante estará o sinal da fraternidade universal, unindo todos os espíritos”.

Assim tem sido. A unidade territorial do Brasil, com seus oito milhões e meio de quilômetros quadrados e oito mil quilômetros de costa marítima, tem sido preservada, ao longo de cinco séculos de sua história. Nunca houve exemplo como esse em todo o mundo. Basta olhar ao nosso redor e veremos as possessões espanholas fragmentadas em vinte repúblicas diversas. Mas é claro que as vitórias não virão sem muita luta e sofrimento, erros e acertos, que são frutos do próprio aperfeiçoamento.

Jesus havia determinado que a Terra do Cruzeiro se povoasse de raças humildes do planeta, inclusive que tivesse a colaboração dos povos sofredores do continente africano. Essa cooperação, todavia, deveria ser efetuada sem atrito, para tanto, havia aproximado Portugal daquelas raças sofredoras, sem violência de qualquer natureza. Lamentavelmente, porém, os homens brancos, esparsos pelos latifúndios da nação nascente, na sua sede de dominação, escolheram o pior caminho, trazendo negros de Luanda, da Guiné e de Angola, na triste condição de escravos.

Ismael, o anjo a quem Jesus entregou a direção do Brasil, consultando o Mestre quanto a essa escravização indébita, obteve como resposta: “Não nos compete cercear os atos e intenções dos nossos semelhantes, considerando que cada um será justificado na pauta de suas obras”. E acrescentou: “Se não nos é possível cercear o arbítrio livre das almas, poderemos mudar o curso dos acontecimentos, a fim de que o povo lusitano aprenda, na dor e na miséria, as lições sagradas da experiência de vida”. Depois disso, o que se viu foi o desaparecimento, para sempre, da Casa de Avis, a mesma sob cujo reinado se iniciou o tráfico hediondo dos homens livres.

No momento, ainda estamos em pagamento coletivo de dois erros graves cometidos no passado: o período de 300 anos de escravidão dos irmãos africanos e a Guerra do Paraguai, mesmo porque não adianta avançar em conquistas materiais sem os fundamentos morais consolidados. Felizmente, não temos dívidas nas demais áreas, como a maioria das outras nações, tais como a pena de morte, o aborto, as guerras civis etc. Nossa história tem sido feita sem derramamento de sangue, nossa bandeira está limpa.

No livro de Humberto de Campos, o escritor reproduz os comentários de Ismael feitas no século XX: “As rajadas de morticínio e de dor avassalarão a alma da humanidade, no século próximo, dentro dos imperativos das transições necessárias, que serão o sinal do fim da civilização precária do Ocidente”. E Ismael acrescenta: “a morte do mundo, prevista na Lei e nos profetas, não se verificará, por enquanto, com referência à constituição física do globo, mas quanto às suas expressões morais, sociais e políticas. A civilização armada terá que perecer, para que os homens se amem como irmãos”.

Ruy Barbosa: Cristo, a inspiração

Do livro Falando à Terra, destacamos a comunicação de Ruy Barbosa, “Oração ao Brasil”, verdadeira peça literária, em que seu estilo inconfundível está presente. Nela, o grande estadista e jurisconsulto, como Humberto de Campos, enfatiza a missão espiritual de nossa pátria:

Grande Brasil! Berço de triunfos esplêndidos, aberto à glorificação do Cristo, seja Ele a tua inspiração redentora, o teu apoio infalível, a trave-mestra de tua segurança; e, enaltecendo o messianismo do teu povo fraterno, em cujo seio generoso se extinguem todos os ódios de raça e se expungem todas as fronteiras do separatismo destruidor, que o Mestre encontre no âmago de teu coração o sagrado pouso das Boas-Novas de salvação, descendo, enfim, da cruz de nossa impenitência multissecular para conviver com a Humanidade terrestre para sempre.

Deodoro da Fonseca: devoção à humanidade

O proclamador da República, Deodoro da Fonseca, em sua mensagem “Impressões”, no livro Falando à Terra, enumera os vários problemas do Brasil: a escassez de sentimento cívico, a enorme população rural, a disparidade dos climas, o problema da seca, a extensão das selvas, a falta de consciência sanitária, o analfabetismo etc.

Tudo isso dificulta uma visão abrangente dos valores intrínsecos de nossa gente. Mas ele não deixa de reconhecer as nossas aquisições, a de um povo juvenil, em vias de passar à maturidade.

Segundo Deodoro, temos enorme potencial econômico, verdadeira noção de fraternidade, que é a base de uma democracia genuína; instinto de solidariedade humana; culto sistemático de ideais superiores; ojeriza pelo orgulho de raça; pacifismo construtivo; respeito tradicional à independência dos outros; bondade inata; penetração rápida nos enigmas espirituais; exaltação da caridade; vocação da liberdade; desprendimento da posse material e, sobretudo, a devoção sublime à humanidade, que converteu os oito milhões e meio de quilômetros quadrados em Novo Lar do Evangelho redivivo.

A ordem, pois, segundo ele, é trabalhar.

Robert Southey: comparação descaridosa

Poeta, historiador e crítico inglês, Robert Southey escreveu a História do Brasil sem nunca ter vindo à América. Sua mensagem “Apreciações”, também do livro Falando à Terra, explica, de certa forma, esse compêndio histórico escrito a distância, porque esclarece que reencarnou no Brasil a época colonial, no século XVI. Há duas informações importantes a ressaltar em sua mensagem: o fato de que não adianta o progresso material, de uma nação, se ele não é acompanhado de alicerces morais efetivos; e a crítica inconsistente dos pessimistas intransigentes que só veem a falência espiritual de que são possuídos.

“Não advogaríamos a causa do Brasil, que não necessita de nós para fazer-se valer na civilização contemporânea, nem desrespeitaríamos as grandes nações que orientam a vida moderna; entretanto, seria lícito indagar se conviria o progresso material sem alicerces morais suficientemente consolidados”. E enfatiza:

Por muito que esbravejem, na crítica moderna, os pessimistas intransigentes, que em tudo veem a falência espiritual de que se sentem possuídos, somos, aqui, lavradores otimistas e felizes, confiados no esplêndido porvir da jovem e vigorosa nação, depósito de firmes esperanças de milhões de espíritos, empenhados na regeneração humana.

Concordamos com Southey quando diz que não se deve estabelecer um “descaridoso confronto entre a comunidade brasileira, ainda em processo de ajustamento, e aqueles países de hegemonia política, olvidando o senso das

proporções”. Frequentemente, não nos lembramos, para não dizer quase nunca, de que as nações mais desenvolvidas do mundo ocidental, há mais de 70 anos, arrastaram praticamente o mundo todo, durante seis longos anos, para a mais sangrenta guerra de que se tem notícia.

De que valem o poder aquisitivo, a riqueza rural, a produção em massa, a vida cultural intensa, a exaltação dos princípios da dignidade pessoal e da liberdade humana, se as nações desenvolvidas se preparam de forma sistemática para a guerra, gastando três quartas partes do dinheiro público em petrechos bélicos, colocando em risco os valores conquistados?!

Um novo renascimento

Em Devassando o invisível²², Yvonne A. Pereira descreve seu encontro com Frederico Chopin, na Espiritualidade, no dia 10 de março de 1958, quando teve a imensa alegria de avistá-lo “plenamente materializado à sua frente”. Nesse dia, o inesquecível músico polonês declarou que, salvo resoluções posteriores, pretendia reencarnar no Brasil, país destinado a auxiliar as criaturas necessitadas de progresso, empenhadas no triunfo moral sobre si mesmas, mas que tal acontecimento só se verificaria a partir do ano 2000, quando, então, a Terra receberia brilhante falange com o compromisso de levantar, moralizar e sublimar as Artes. Sem poder precisar a época exata, Chopin confirmou apenas que seria a partir do terceiro milênio e que tal falange seria chefiada por Víctor Hugo, espírito experiente, com grande capacidade de liderança, ao qual o músico está ligado por afinidades espirituais de muitos séculos.

Esforço coletivo

Este estudo aponta-nos uma certeza: o Brasil cumprirá a sua predestinação histórica, a de Pátria do Evangelho. Quem viver, verá. “O país escreverá a sua epopeia de realizações morais, em favor do mundo”, confirma Humberto de Campos. Mas nada se fará sem esforço coletivo. Todos os brasileiros, independentemente de raça, classe social e religião, deverão trabalhar pela paz, cultivando a oração e buscando cumprir a regra áurea: “Ama a teu próximo como a ti mesmo”.

A hora está próxima, deixemos as conquistas ilusórias da carne e batalhemos, com humildade, pelos princípios do Mestre Inolvidável, a fim de sermos fiéis aos compromissos assumidos.

Estão sendo esperados desfechos sombrios para este final de século, consoante os processos cármicos de todas as nações do mundo. Milhões de espíritos acreditam no potencial espiritual do Brasil. O novo renascimento virá, e o Brasil será o patrono da nova era. Os espíritos não pactuam com o julgamento apressado dos homens. Eles aprenderam a esperar.

[20 XAVIER, Francisco Cândido. Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho. Rio de Janeiro: FEB, 1938.](#)

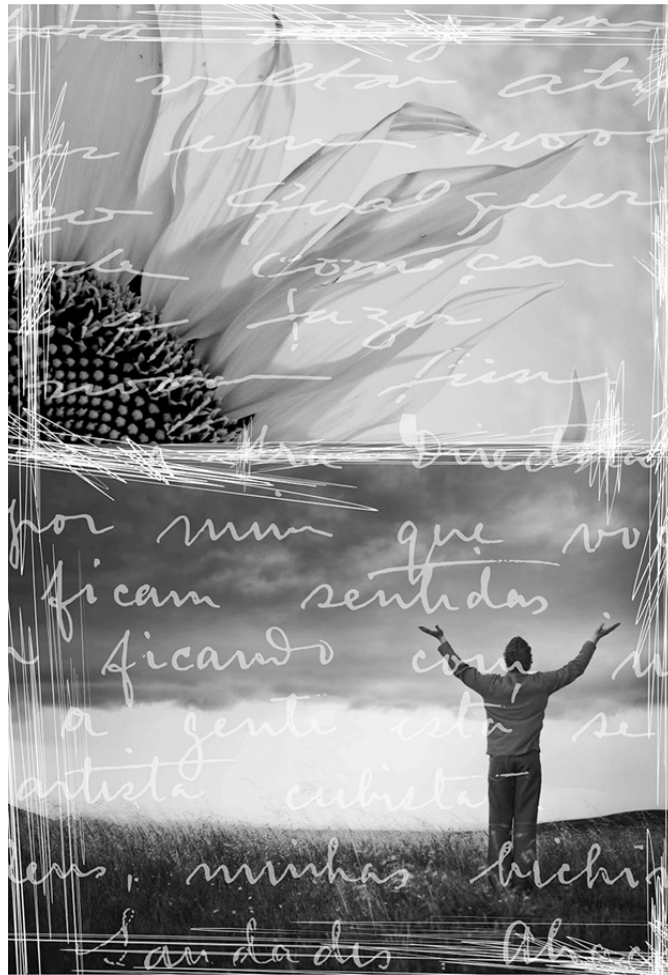
21 XAVIER, Francisco Cândido. Falando à Terra. Rio de Janeiro: FEB, 1951.

22 PEREIRA, Yvonne do Amaral. Devassando o invisível. Rio de Janeiro: FEB, 1963.





REVELAÇÕES DE
CHICO XAVIER
SOBRE O PAPEL
DO BRASIL
NA TRANSIÇÃO



Neste capítulo, trataremos das revelações que nos foram feitas pelo médium, conforme a entrevista que concedeu para a Folha Espírita, em 27 de dezembro de 1992. Feita por Marjorie Aun, para o programa Portal de Luz da TV Aberta, São Paulo, foi ao ar em junho de 2011.

Marjorie: Vimos na entrevista do nosso amigo Geraldinho Lemos o que Chico Xavier falou sobre a grande transição e a Missão do Brasil. A sra. entrevistou mais alguém a quem o médium tenha falado sobre isso?

Marlene Nobre: Sim, entrevistei Neusa Arantes, em Uberaba, no dia 6 de janeiro de 1994. Na ocasião, Neusa frequentava muito a casa do Chico, auxiliando-o a preparar as caixas de mensagens que ele gostava de despachar pelo correio para centenas de amigos. Ela auxiliava também com massagens nos pés do médium que, na época, estavam muito inchados. Era uma espécie de fisioterapia caseira.

Enquanto trabalhavam, Chico falava com ela sobre o assunto do final dos tempos. Neusa lembrava-se de ele ter dito que a França e outros países iriam desaparecer. Quanto ao que iria acontecer com o Brasil, disse-me o seguinte: “O Chico nos tem falado sobre as modificações que vão acontecer no planeta. Os espíritos o estão segurando aqui na Terra para ver se o que está previsto não venha a acontecer. Mas, para nós, ele tem contado que o Brasil vai ser dividido em diversas partes. Os estrangeiros vão entrar aqui, o Planeta vai sofrer modificações”.

Contei, então, a ela o que o Chico havia me falado sobre o Brasil nas várias entrevistas que fiz com ele, entre as quais a de 1992. Desde essa época, eu sabia que os estrangeiros

viriam para cá, mas o caro amigo não me havia falado na divisão do nosso país em várias partes, talvez para não assustar os leitores do jornal. Neusa enfatizou, então, o que ele havia dito: “Do Brasil vai ficar apenas a região Sudeste, que será composta de Minas, São Paulo, Goiás, Distrito Federal, e um pedaço do Estado do Rio de Janeiro e do Paraná. As demais terras teremos que ceder aos estrangeiros”.

Marjorie: Então, para a senhora, ele já havia dito algo também sobre o papel do Brasil nesses momentos de renovação do planeta?

Marlene Nobre: Sim, Marjorie, e nas várias ocasiões em que o entrevistei para o nosso jornal Folha Espírita e que as pessoas podem acompanhar melhor no livro Lições de sabedoria²³, que contém as várias entrevistas do médium ao longo de 23 anos.

Marjorie: Poderia nos dar mais detalhes?

Marlene Nobre: Lembro-me especialmente de uma entrevista que ele nos deu no Centro Espírita Perseverança, no dia 27 de dezembro de 1992. Foi uma reunião comovedora e inesquecível. Chico foi recebido com pétalas de rosa, cânticos e muito carinho; psicografou mensagem de Cornélio Pires e respondeu às perguntas de Guiomar Albanesi, a querida dirigente do Perseverança, sobre a Missão do Brasil. Foi algo para não se esquecer. Com a permissão de Guiomar, fizemos uma entrevista com ele para a Folha Espírita nesse dia. Percebi que ele queria falar sobre a missão do Brasil porque foi o

assunto preferencial naquela noite. Perguntei a ele, inicialmente, o que muita gente indaga: “Com tanta violência e corrupção em nosso país, os benfeitores acreditam que o Brasil seja mesmo ‘o coração do mundo e a pátria do Evangelho’”?

Chico nos respondeu que este era um assunto muito ventilado nas conversas com os companheiros de ideal e ressaltou: “O nosso Emmanuel é de opinião que dentro do mundo turbulento, com a incompreensão comandando tantos corações, tantos milhões de pessoas, não pode ser motivo de dúvida para nós que o Brasil é o coração do mundo. Em comparação com outros povos e outras nações, nós estamos com a nossa bandeira imaculada, inatingível por qualquer corrupção. Esta é nossa claridade, porque nossas dificuldades têm sido sobrepujadas pela fraternidade com que nós nos amamos uns aos outros, pela facilidade com que aprendemos os ensinamentos de nossos amigos espirituais, e vamos formando os núcleos de Paz e Amor que são as casas de nossa Doutrina”.

Percebi, então, que o compromisso do nosso país com a paz estava mantido.

Marjorie: Ele confirmou que somos o coração do mundo, mas e a “Pátria do Evangelho” já somos também?

Marlene Nobre: É aí, Marjorie, que está a questão. Ainda não somos. Ele respondeu da seguinte forma: “Quanto à conceituação de Pátria do Evangelho, nós somos compelidos a pensar no futuro, quando teremos, talvez, necessidade de exemplificarmos, até com o sacrifício, o Evangelho que nos foi confiado por Nosso Senhor Jesus Cristo. Sem nos esquecermos

que, do ponto de vista evangélico, até Ele foi atingido pelo sacrifício extremo, para dar-nos essa alvorada maravilhosa, que é a doutrina de luz que nós abraçamos e que nos une a todos num abraço só, num só coração. Chegada essa época, naturalmente, seremos compelidos a testemunhos e a exemplificações. E, agora, antes das lutas maiores que o porvir nos reserva, serão horas difíceis para nós. Como filhos da Pátria do Evangelho, devemos exemplificar e esperar”.

Marjorie: Quer dizer, então, que, segundo Chico Xavier, ainda teremos que provar que somos a “Pátria do Evangelho”?

Marlene Nobre: É isso mesmo. Chico falou-nos do período de grande tribulação pelo qual passaremos. Acenou para um mundo de fraternidade verdadeira em relação à comunidade das nações, para o qual devemos nos preparar. E ressaltou nessa entrevista de 27 de dezembro de 1992:

“Preparemo-nos para um mundo de fraternidade, de fraternidade verdadeira, em nos referindo à comunidade das nações. Preparemo-nos, talvez, para abraçar os filhos de outras terras que virão até o coração de nosso país, buscando a paz desejada, que para eles tem sido tão difícil de ser alcançada.

Como filhos da Pátria do Evangelho, somos chamados a exemplificar, porque aprendemos e ensinamos o que constitui a razão de nossas vidas.

Que Deus nos abençoe, para sermos dignos da proteção que tem sido dada, porque espalhada por todos os recantos

do nosso país.

A violência que existe no Brasil é a que existe no mundo, mas como povo nós temos sabido honrar a destinação a que fomos chamados.

Como povo, temos sofrido reviravoltas enormes, inconformações, dilapidações, faltas graves daqueles que foram chamados a dirigir nossos destinos. Mas as nossas mãos não se sujaram com sangue fraterno. Quantos povos, por muito menos, acharam, na rebelião e na indisciplina, a porta falsa a que eles se atiraram para encontrar dificuldades muito maiores.

Somos, sim, uma grandeza da Terra em que nós renascemos. Somos filhos do coração do mundo. E o Senhor nos fortalecerá para sermos filhos também da Pátria do Evangelho, quando soar a hora a que formos chamados para a grande renovação”.

Marjorie: Chico Xavier fala que talvez tenhamos que abraçar os filhos de outras terras e dar testemunho de desprendimento e bondade, mas deixa espaço também para a primeira hipótese, quer dizer, para a nossa melhor escolha, a de não termos guerra até 2019. Nesse caso, poderemos realizar a transição em paz e grande progresso. Como a sra. vê essa encruzilhada em que nós seres humanos nos encontramos?

Marlene Nobre: Sim, Marjorie, estamos vivendo um momento difícil em nossa moradia planetária. Mas também mantenho minhas esperanças de que as nações mais evoluídas da Terra venham a escolher a melhor opção. E, dessa forma, possamos fazer a transição de forma mais amena e pacífica.

Termino esta entrevista com as palavras de Chico Xavier, as que colhi dele nas entrevistas que me concedeu ao longo de mais de duas décadas para o nosso jornal Folha Espírita. Disse-me ele:

Vamos todos vibrar pela paz.

O nosso país é sempre pela conciliação, pela compreensão humana.

Vamos orar para que não tenhamos surpresas desagradáveis, para que não tenhamos conflitos, desajustes e desesperos inúteis, porque nós precisamos de união e de trabalho, cada vez mais intenso. O Brasil tem tudo para ser aquele país privilegiado. Desse modo, vamos pedir aos nossos amigos que cada um se faça um agente da conciliação, da esperança, do otimismo, na certeza de que estamos vivendo belos dias, apesar dos conflitos que estamos atravessando. Mas, vamos desejar aos nossos legisladores, estadistas, grandes amigos da paz e da liberdade, que eles todos estejam unidos também conosco nos votos a Deus, para que o Brasil continue a ser este colosso de confraternização, de luz espiritual que dimana de todos os núcleos em que o nome de Jesus é venerado. Vibremos para que o mundo permaneça em paz.

Sabemos que, diante do Divino Mestre, a separação não existe, que todos estamos ligados uns aos outros, e que, por isso mesmo, o próximo mais próximo é sempre aquela pessoa a quem devemos mais amor, mais tolerância, às vezes, quem sabe, mais perdão, mais entendimento para que a fraternidade não seja um mito em nosso mundo, em todas as dimensões.

Vamos todos vibrar pela paz.

Faço minhas essas palavras de Chico Xavier e com elas encerro este livro. Unamos os nossos corações em vibrações de paz e confiemos porque Jesus está no leme.

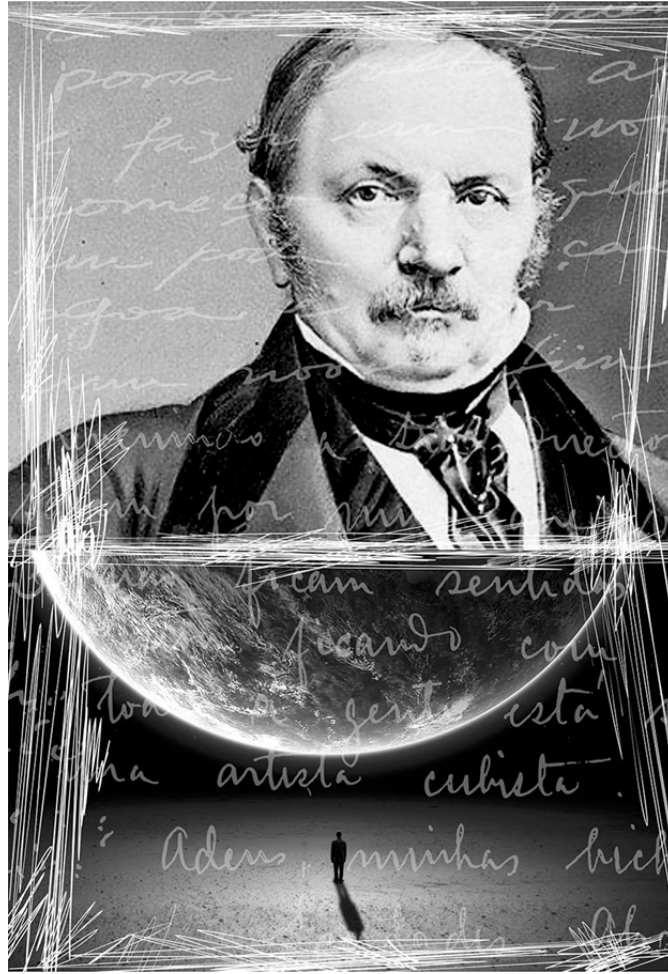
Que o Seu Amor nos ampare e fortaleça hoje e sempre!

23 NOBRE, Marlene. Lições de sabedoria. 3. ed. São Paulo: FE Editora, 1997.





REPERCUSSÕES
PUBLICADAS NA
FOLHA ESPÍRITA



Em fevereiro de 2011, lançamos a série “Não será em 2012” por meio deste jornal. Desde então, temos tido apoios e restrições diversos ao livro Não será em 2012, Chico Xavier revela a data-limite do velho mundo, que surgiu em consequência da série. Em comemoração ao primeiro ano de sua divulgação, vamos voltar ao tema, nesta²⁴ e nas edições subsequentes, procurando responder aos diferentes questionamentos que nos têm chegado. O primeiro deles diz respeito ao item 267, número 8, do capítulo XXIV de O livro dos médiuns, que poderíamos nomear como sendo “Profecia com data prefixada”.

No referido item, Kardec diz o seguinte:

Reconhecem-se ainda os Espíritos levianos pela facilidade com que predizem o futuro e precisam fatos materiais de que não nos é dado ter conhecimento. Os bons Espíritos fazem com que as coisas futuras sejam pressentidas, quando esse pressentimento convenha; nunca, porém, determinam datas. A previsão de qualquer acontecimento para uma época determinada é indício de mistificação.

Evidentemente, só posso concordar com a colocação de Kardec em O livro dos médiuns sobre as profecias com data e hora certa para acontecer, como tem ocorrido entre os fanáticos religiosos de todos os tempos, fascinados por suas próprias fantasias e por aquelas inspiradas por espíritos mistificadores e que são, inevitavelmente, desmascarados com o correr dos dias. Creio, no entanto, que não ocorreria a ninguém classificar Chico Xavier como fanático religioso ou médium fascinado. Na verdade, ele não fez previsão nenhuma, apenas relatou fatos ocorridos no mundo

espiritual e dos quais teve ciência através de sua mediunidade ímpar.

Para raciocinarmos melhor a respeito das revelações que ele nos deixou, é preciso analisar mais amplamente a questão do prazo que foi dado pelas Potências Angélicas.

Primeiramente, é preciso lembrar que esse prazo de 50 anos já fora levantado pelo próprio médium no programa Pinga-Fogo, conforme relembramos na manchete deste jornal em julho do ano passado. Nesse programa, de 1971, Chico Xavier, de certa forma, ressalta que a transformação do velho mundo se dará através de um processo (nem poderia deixar de ser), que ainda estaria vigente em 2021 e nos anos subsequentes. Isso é confirmado por outras pessoas, além de Geraldinho Lemos, que privavam da intimidade do médium em Uberaba e que ouviram dele referências às transformações mais profundas, que ocorreriam em nosso planeta nos anos de 2021 e 2022, com início em 2019.

Por que a data-limite seria 2019? A data teve origem em uma grande conquista da humanidade – a chegada do homem à Lua em 19 e 20 de junho de 1969. Uma conquista extraordinária da nossa ciência, mas preocupante. Esse fato foi determinante na marcação da Reunião de 20 de julho de 1969 na qual tomaram parte os Governadores Espirituais do sistema solar, preocupados com os destinos da família planetária. E a preocupação era e é mais do que justa, por não termos ainda, nós terráqueos, nos desvinculado dos ciclos de guerras.

Ressaltamos, portanto, que o pedido de prazo de 50 anos, a contar da data dessa Reunião, feito por Nosso Senhor Jesus Cristo aos demais membros dessa gloriosa falange, teve um ponto de partida – uma data precisa, vinculada à própria conduta humana. Como vimos por todas as informações do

querido Chico, alguns membros da falange angélica estavam relutantes em conceder esse prazo, mas prevaleceu a intercessão feita por nosso Mestre Jesus em favor da humanidade terrestre.

Assim, foi concedido o prazo de 50 anos, a partir da data daquela Reunião, na esperança de que a humanidade escolha o melhor caminho, o da paz legítima. Nós sabemos que as melhores organizações terrestres trabalham com prazos para poderem planejar com segurança e eficiência. Nada mais justo, portanto, transpormos esse raciocínio para as organizações espirituais, sempre levando em consideração que estas têm planejamentos que vão muito além da nossa capacidade de compreensão, porque são muito superiores às do plano terrestre.

Não vemos contradição alguma entre os ensinamentos de Kardec e o que expusemos em nossa série pela Folha Espírita e no nosso livro Não será em 2012. Acreditamos que o prazo que Jesus Cristo deu a todos nós esgota-se em 2019, mas que o processo de transformação do velho mundo continuará, seja qual for o caminho que tenhamos escolhido.

Destacamos a seguir a resposta do nosso irmão Geraldo Lemos Neto:

Os nossos confrades estão se esquecendo de que a nossa conversa com Chico Xavier aconteceu no ano de 1986, portanto a Reunião dos Espíritos Angélicos sob a coordenação do Cristo já havia acontecido há 17 anos, uma vez que ela se dera em julho de 1969. Então, nem Chico Xavier e nem o espírito Emmanuel estavam prevendo coisa alguma. Através de nossa conversa, Chico estava

revelando-nos as determinações de Jesus. Essas decisões do Cristo sobre o futuro da humanidade terrestre haviam sido tomadas em 1969, e Chico/Emmanuel, como já conhecedores delas em 1986, estavam, por conseguinte, apenas relatando-nos a sua ciência dos fatos. Como espíritos perfeitos e angélicos, tanto Jesus quanto as demais Potências Angélicas do sistema solar tinham como têm o poder e a prerrogativa de decidir sobre o nosso futuro planetário, estabelecendo determinações de ordem superior que nos cabe acatar em termos de prazo de tempo e datas-limites condicionais. Isso está em perfeita sintonia com a codificação espírita.

Agradecemos aos que nos escreveram, dando-nos mais oportunidade de estudo e reflexão.

O que disse Kardec sobre a transição planetária?

A Folha Espírita continua a responder aos leitores, nesta edição²⁵, sobre as matérias difundidas no livro Não será em 2012, Chico Xavier revela a data-limite do velho mundo.

Desta vez, é Geraldinho Lemos quem responde aos que criticam as revelações de Chico Xavier, feitas em 1986. Nesta entrevista, ele relembra a teoria de Allan Kardec sobre a presciência e reafirma que a revelação de Chico Xavier tem o devido respaldo nos ensinamentos do Codificador. Afirma também que um espírito como o do médium de Emmanuel tem envergadura moral para relatar visões do além que venham a auxiliar a humanidade a

atravessar o pior período de sua história. E o faz com a finalidade de contribuir para que os seres humanos façam a melhor escolha.

Está nas possibilidades dos espíritos prevenir-nos do conjunto, se convier que sejamos avisados. É assim, por exemplo, que, pelo conjunto das circunstâncias, podem os espíritos prever que uma guerra se acha mais ou menos próxima, que é inevitável, sem, contudo, poderem predizer o dia em que começará, nem os incidentes pormenorizados que possam ser modificados pela vontade dos homens.²⁶

FE: Qual a relação entre a faculdade mediúnica da presciência e a transição planetária?

Geraldinho Lemos: Vemos a relação direta entre uma coisa e outra chancelada nas sagradas escrituras, especialmente em Atos dos Apóstolos, capítulo II, versículos 17 e 18, que repete os dizeres do profeta Joel (II, 28 e 29), lembrando que “nos últimos tempos, diz o Senhor, espalharei do meu espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos jovens terão visões e vossos velhos terão sonhos. Nesses dias, espalharei do meu espírito sobre os meus servidores e servidoras e eles profetizarão”.

FE: Então quer dizer que o dom da profecia, ou para nós espíritas a mediunidade da presciência, é uma ocorrência natural e prevista nas sagradas escrituras para acontecer exatamente no final dos tempos?

Geraldinho Lemos: Exatamente. Não há nada de estranho na faculdade de profetizar o futuro, tanto é assim que as sagradas escrituras estão cheias de exemplos dessa natureza e o último livro do Novo Testamento é o Apocalipse de João Evangelista, que vislumbrou o futuro da humanidade por sua faculdade extraordinária de antevê-lo.

FE: Em que ponto da Codificação Espírita podemos encontrar respaldo doutrinário para compreender esse assunto tão palpitante e transcendente?

Geraldinho Lemos: Vamos encontrar o codificador Allan Kardec se ocupando do tema exatamente em todo o capítulo XVI do livro A gênese, no qual ele, baseando-se em suas observações e reflexões sobre os ensinamentos dos espíritos superiores, elabora a excelente Teoria da Presciência.

FE: Quais os pontos fundamentais da Teoria da Presciência de Allan Kardec?

Geraldinho Lemos: Ele diz, por exemplo, no item 3: “Os espíritos desmaterializados são como o homem da montanha; o espaço e a duração do tempo não existem para eles. A extensão e a penetração da vista são proporcionadas à depuração e à elevação que alcançaram na hierarquia espiritual”. No item 4, afirma: “Como o homem tem de concorrer para o progresso geral, como certos acontecimentos devem resultar de sua cooperação, pode convir que, em casos especiais, ele pressinta esses acontecimentos, a fim de lhes preparar o encaminhamento e de estar

pronto a agir, em chegando a ocasião. Por isso é que Deus, às vezes, permite se levante uma ponta do véu; mas sempre com um fim útil. Tal missão pode, pois, ser conferida a alguns espíritos bastante adiantados para desempenhá-la”. Mais adiante, no item 8, Kardec escreve: “Tal faculdade é inerente ao estado de espiritualização, ou de desmaterialização. Acontecimentos pertencentes ao futuro podem assim ser preditos”.

E no item seguinte, o 9, ainda reforça: “É uma faculdade inerente e proporcionada ao estado de desmaterialização da criatura”.

FE: Muito lógica a colocação de Allan Kardec.

A partir dela, nós compreendemos de imediato o porquê de Chico Xavier e também do espírito Emmanuel terem tido essa visão de longo prazo. São espíritos já bastante desmaterializados e, portanto, capazes de ver mais além...

Geraldinho Lemos: Sem dúvida alguma. Quem em sã consciência poderá questionar a perfeita capacidade espiritual tanto de Chico Xavier quanto de Emmanuel, cuja história de espiritualização transcende à nossa mediocridade terrena? Ambos enquadram-se perfeitamente dentro do conceito elaborado por Kardec na Teoria da Presciência, segundo o qual quanto mais desmaterializado está o espírito, encarnado ou desencarnado, mais capacidade ele tem para vislumbrar o futuro. Quem questionar isso está indo contra a própria codificação, e o pior, não reconhecendo a espiritualidade manifesta dos dois apóstolos do

Cristo em tempos modernos, cujas vidas de renúncia e amor à Verdade Consoladora e ao Bem Geral foram um atestado sublime de suas próprias moralidades elevadas.

FE: Segundo Kardec, quando é que essa faculdade se desenvolve?

Geraldinho Lemos: No item 6, ele diz: “É assim que em certas ocasiões essa faculdade se desenvolve providencialmente na iminência de perigos, nas grandes calamidades, nas revoluções. Nada, pois, tem de sobrenatural o dom da predição. Ele se funda nas propriedades da alma e na lei das relações do mundo visível com o mundo invisível”. Veja-se que esse trecho de Kardec está em perfeita sintonia com as sagradas escrituras, especialmente nas passagens mencionadas acima do profeta Joel e do Atos dos Apóstolos, em que se afirma que nos últimos tempos a faculdade da profecia seria dada aos servidores do Senhor. Desde o advento do Espiritismo, estamos cientes que entramos numa fase perigosa de transição planetária, ao final da qual a Terra ingressará na comunidade universal dos planetas em regeneração. Esses tempos são os últimos da Terra de expiação e de provas e, por isso mesmo, é natural que sintamos o entrechoque nas vibrações antigas com aquelas que nos convocam ao mundo novo de mais paz, mais justiça e mais amor. Não podemos desconsiderar que vivemos, sim, na iminência de perigos e grandes calamidades. Daí, naturalmente, Deus permite que seus servidores mais leais e elevados, como sejam Chico Xavier e Emmanuel,

venham providencialmente nos avisar desses perigos mais adiante.

FE: Quer dizer então que o nosso destino está definitivamente selado?

Geraldinho Lemos: Depende do sentido da pergunta. No sentido do Bem Maior, sim, o nosso destino está selado na certeza de que fatalmente a Terra ingressará no rol dos mundos de regeneração, ascendendo na escala evolutiva. Isso é da ordem Divina e nada nem ninguém poderá se interpor aos desígnios do Criador. Agora, o caminho pelo qual nós vamos chegar lá, esse não está selado, porque depende eminentemente de nosso livre-arbítrio individual e coletivo.

FE: Kardec enfatizou isso?

Geraldinho Lemos: Sem dúvida. Veja no item 14 da mesma Teoria da Presciência o que ele afirma: “Pode, portanto, ser certo o resultado final de um acontecimento, por se achar este nos desígnios de Deus”. O mundo de regeneração está nos desígnios de Deus, assim nos ensinaram os espíritos da codificação, então para lá rumamos, independentemente da nossa vontade. Agora veja o que Kardec aduz: “Como, porém, quase sempre, os pormenores e o modo de execução se encontram subordinados às circunstâncias e ao livre-arbítrio dos homens, podem ser eventuais as sendas e os meios”. Ora, aí está claramente o papel que nos cabe desempenhar. Cada um de nós, individualmente ou

de forma coletiva como nação, está conclamado pelas forças superiores da Vida a agir com responsabilidade e decisão, para a construção do mundo melhor de amanhã. Mas se falharmos, se eventualmente por infelicidade moral escolhermos a via da irresponsabilidade ou da vacilação nos caminhos do Bem Eterno, as sendas e os meios pelos quais a transição planetária se efetuará serão terríveis. É o “a cada um segundo as suas obras” expresso nos evangelhos, não é mesmo?

FE: Então muito lógico contarmos com a bênção do aviso espiritual daqueles que nos avisam dos perigos mais à frente. O que você tem mais a dizer sobre isso?

Geraldinho Lemos: Deus não desampara as criaturas, mesmo quando elas falham, não é assim? Allan Kardec, na sequência de seus raciocínios, nos diz no item 14 da Teoria da Presciência no livro A gênese: “Está nas possibilidades dos espíritos prevenir-nos do conjunto, se convier que sejamos avisados. É assim, por exemplo, que, pelo conjunto das circunstâncias, podem os espíritos prever que uma guerra se acha mais ou menos próxima, que é inevitável, sem, contudo, poderem predizer o dia em que começará, nem os incidentes pormenorizados que possam ser modificados pela vontade dos homens”. E mais adiante, no item 17, completa Allan Kardec: “Avisam-nos das coisas futuras, pessoais ou gerais, quando necessário, na medida da perspicácia de que são dotados, como o fariam conselheiros e amigos. Suas previsões, pois, são como advertências”.

FE: Visto por esse ângulo mais completo das explicações de Kardec, fica clara a possibilidade das previsões a respeito do futuro. Contudo, tenho visto artigos de alguns companheiros dizendo que a codificação diz que espíritos superiores não marcam datas. O que você pode comentar a respeito?

Geraldinho Lemos: Com todo o respeito a esses confrades, parece-me que tiraram frases isoladas sem meditar devidamente na amplitude do conjunto. A Teoria da Presciência elaborada por Allan Kardec no livro A gênese oferece-nos um farto material de análise e estudos para além das superficialidades. Veja-se, por exemplo, o que o codificador escreve no item 18: “A humanidade contemporânea também conta com seus profetas. Mais de um escritor, poeta, literato, historiador ou filósofo hão traçado, em seus escritos, a marcha futura dos acontecimentos a cuja realização agora assistimos”. O que nós precisamos entender e meditar a respeito é a urgência do tempo que corre contra nós. As revelações de Chico Xavier vêm justamente nos avisar dos perigos, elas vêm nos alertar que o tempo a nosso favor está se esgotando. Quem haverá de duvidar dos últimos tempos do planeta de expiações e de provas? Quem duvida hoje que estamos iniciando os primeiros tempos do mundo de regeneração? Eu fico me perguntando isso, porque confrades que pensam assim e duvidam da transição estão indo de encontro aos próprios postulados da codificação espírita.

Além disso, por uma questão de reverência e reconhecimento à obra realizada, não nos cabe desconsiderar os avisos de Chico Xavier. Quem mais do que ele, na face da Terra, teria condições de fazê-los? Eu, de

minha parte, desconheço alguém mais preparado em espiritualização para tanto!

Kardec e Chico Xavier destacam as profecias do Cristo

“A geração que desaparece levará consigo seus erros e prejuízos; a geração que surge, retemperada em fonte mais pura, imbuída de ideias mais sãs, imprimirá ao mundo ascensional movimento, no sentido do progresso moral que assinalará a nova fase da evolução humana.”

(Allan Kardec)²⁷

Geraldinho Lemos segue respondendo, nesta edição²⁸, às dúvidas dos leitores referentes às revelações de Chico Xavier divulgadas no livro Não será em 2012 sobre guerras e suas repercussões no Brasil.

Folha Espírita (FE): Geraldinho, muita gente se assustou com a possibilidade de haver guerras e cataclismos. Há mal nisso?

Geraldinho Lemos: Se fosse temerário divulgar tragédias futuras, por que é que o próprio Cristo, no Sermão Profético, falou delas? No capítulo 24 de Mateus, versículos 6 a 8, lemos Jesus dizendo: “E ouvireis falar de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso

tudo aconteça, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares. Mas todas essas coisas são o princípio de dores”. E Jesus ainda ressalta que, quando tudo isso vier, será apenas o princípio das dores. Nos versículos 21 e 29, o Mestre completa: “Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver. E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas”. E no versículo 42, conclui o seu alerta: “Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor”.

FE: Sim, é verdade. Por isso relembramos o destaque de Emmanuel às Profecias do Cristo no livro Há dois mil anos, na segunda parte. Basta reler. Quanto às referências de Kardec...

Geraldinho Lemos: Na entrevista anterior, citei a Teoria da Presciência de A gênese. E ainda há mais no capítulo XVIII - “Sinais dos tempos” - nos itens 8 e 9; neles, Kardec destaca duas mensagens espirituais, uma do espírito Arago e a outra do doutor Barry.

O destaque de Arago já está no livro Não será em 2012.

FE: Sim, Geraldinho, está lá. Quanto à comunicação do doutor Barry, a que você se refere, ele lembra que de tempos em tempos a humanidade mergulha em uma grande crise, que é penosa, dolorosa e arrebatada consigo as

gerações e as instituições, mas que é sempre seguida de uma fase de progresso material e moral. Barry enfatiza que nada disso deve nos surpreender, uma vez que os espíritos fazem corpo com a Humanidade; saem dela e a ela têm de voltar, sendo, pois, natural que se interessem pelos movimentos que se operam entre os homens. Essas comunicações nos dão certeza de que não estamos abandonados à própria sorte...

Geraldinho Lemos: É claro que não estamos. É dentro desse escopo evolutivo que se insere a revelação de Chico Xavier a respeito da reencarnação dos benfeitores espirituais ligados à tarefa consoladora da Doutrina Espírita. Tudo segue o planejamento superior. Nada existe ao acaso ou é aleatório no planejamento da Vida Maior. Espíritos comprometidos com a Nova Era da Humanidade é que estão reencarnando na face da Terra agora. Segundo Chico, eles estão vindo e serão capitaneados por Emmanuel reencarnado (que hoje já deve ter uns 12 anos), no campo da Espiritualidade, e pelo espírito de Victor Hugo, no campo das Artes. Infelizmente, para os que ainda estão comprometidos com o mal, não restou outra alternativa senão o caminho do degredo a mundos mais atrasados, primitivos.

FE: Podemos, então, concluir que as grandes guerras e calamidades coletivas, com a dor, acabam trazendo também a seleção natural dos elementos novos?

Geraldinho Lemos: Exatamente. No referido capítulo XVIII de A gênese, Allan Kardec destaca o valor das Profecias do Cristo. “À agitação dos encarnados e desencarnados se juntam às vezes, e frequentemente

mesmo, já que tudo se conjuga na Natureza, as perturbações dos elementos físicos... Após a qual o céu volta a estar sereno, e a Humanidade, reconstituída sobre novas bases, imbuída de novas ideias, começa a percorrer nova etapa de progresso. É no período que o Espiritismo florescerá e dará frutos. Trabalhai, portanto, mais para o futuro, do que para o presente. Era necessário que esses trabalhos se preparassem com antecedência, porque eles traçam as sendas da regeneração, pela unificação e racionalidade das crenças. Ditosos os que deles se aproveitam desde já... Anunciando a época de renovação que se havia de abrir para a Humanidade e determinar o fim do velho mundo, a Jesus, pois, foi lícito dizer que ela se assinalaria por fenômenos extraordinários, tremores de terras, flagelos diversos, sinais do céu.”

[24 Esta matéria foi apresentada na edição de fevereiro de 2012 da Folha Espírita.](#)

[25 Esta matéria foi apresentada na edição de março de 2012 da Folha Espírita.](#)

[26 KARDEC, Allan. A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Capítulo XVI.](#)

[27 KARDEC, Allan. A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.](#)

Capítulo XVIII.

28 Esta matéria foi apresentada na edição de abril de 2012 da Folha Espírita.







O LEGADO DE CHICO XAVIER E DOS SEUS BENFEITORES SOBRE A TRANSIÇÃO PLANETÁRIA¹

¹Resumo elaborado por Geraldo Lemos Neto da obra *Apocalipse segundo o Espiritismo*, de Marco Paulo Denucci Di Spirito. Editora Vinha de luz (www.vinhadeluz.com.br).



Excertos da obra de Chico Xavier, tanto das mensagens espirituais quanto de suas várias entrevistas gravadas em áudio ou televisadas, nos confirmam a importância do tema da transição planetária para a Vida Maior, uma vez que os principais mentores de Chico Xavier, e ele mesmo, por diversas vezes e reiteradamente, ao longo dos anos, destacaram os perigos que rondam os caminhos políticos e econômicos tortuosos das nações, especialmente das nações mais poderosas e mais bélicas, encaminhando-as inexoravelmente ao conluio sinistro com os monstros da guerra. Apesar de pouco estudado, é inegável que tanto Chico Xavier quanto os espíritos mais responsáveis e cultos que por seu intermédio se manifestaram foram unânimes em ressaltar o perigo iminente de um conflito armado mundial de proporções devastadoras. Abordaram esse sensível tema de forma clara e precisa e, ao mesmo tempo, ressaltaram os ingentes esforços dos Benfeitores Espirituais da Humanidade Terrestre para afastar-nos desse cálice de sangue e sombras. Cabe-nos estudar e divulgar esse vasto conteúdo de alerta inserido na insuperável obra mediúnica de Francisco Cândido Xavier, consubstanciada em 502 livros já publicados até hoje. É imprescindível estarmos atentos às mensagens espirituais e aos alertas de Chico Xavier para não cometermos uma omissão injustificável, com a qual, graças a Deus, não compactuamos.

Consola-nos saber, igualmente, que todos os benfeitores espirituais de Chico Xavier e as palavras memoráveis do próprio Chico em entrevistas sempre ressaltaram o papel preponderante do Brasil no concerto das nações, indicando-nos o comprometimento de nossa nação, em termos espirituais, com a árvore frondosa e acolhedora do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, redivivo hoje pelo Consolador Prometido, que haverá de transformá-lo no celeiro de bênçãos inesgotáveis de amor e paz, fraternidade e perdão, já neste início do terceiro milênio da vida cristã na

Terra, como Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho de Jesus.

Oxalá possamos todos, especialmente nós que abraçamos a doutrina dos espíritos como filosofia de vida, com suas consequências morais, ouvir o chamado deste legado imperecível de Verdade e Vida, entendendo-lhe como roteiro seguro de nossa própria regeneração planetária. Seguem, pois, alguns excertos destacados da obra e dos testemunhos públicos de Chico Xavier pelo confrade Marco Paulo Denucci Di Spirito, participante do Portal Saber Espiritismo, de Belo Horizonte. Destacamos aqui algum conteúdo dessas insuperáveis e inegáveis revelações espirituais da lavra de Chico Xavier e recomendamos aos leitores que, para maior aprofundamento no tema, conheçam a obra completa de autoria de Marco Paulo Denucci Di Spirito, lançada recentemente pela Vinha de Luz Editora da Casa de Chico Xavier de Pedro Leopoldo, cujo título é Apocalipse segundo o Espiritismo.

I - Sobre o Apocalipse de João Evangelista

“Vê-se, pois, que o Apocalipse de João tem singular importância para os destinos da Humanidade terrestre.”²⁹

Emmanuel, através de Francisco Cândido Xavier, confirma o intercâmbio mediúnico de João Evangelista com o Cristo no livro A caminho da luz:

O Divino Mestre chama aos Espaços o Espírito João, que ainda se encontrava preso nos liames da Terra, e o Apóstolo, atônito e aflito, lê a linguagem simbólica do invisível.

Recomenda-lhe o Senhor que entregue os seus conhecimentos ao planeta como advertência a todas as nações e a todos os povos da Terra, e o velho Apóstolo de Patmos transmite aos seus discípulos as advertências extraordinárias do Apocalipse.³⁰

O mesmo autor espiritual, em outra obra, confirma a direção espiritual de Jesus nas predições bíblicas:

Nos textos sagrados das fontes divinas do Cristianismo, as previsões e predições se efetuaram sob a ação direta do Senhor, pois só Ele poderia conhecer bastante os corações, as fraquezas e as necessidades dos seus rebeldes tutelados, para sondar com precisão as estradas do futuro, sob a misericórdia e a sabedoria de Deus.³¹

Em entrevista conduzida pela apresentadora Hebe Camargo, em 1985³², Chico Xavier responde sobre a profecia de uma terceira guerra mundial que poderia se verificar no planeta e aduziu as seguintes considerações: “Hebe, muitas vezes, nós falamos em fim do mundo, mas a verdade é que se houver um fim do mundo, esse fim do mundo se debitará à ambição e ao ódio entre os homens, mas não a uma ordem divina”.

Vejam os bem a questão dos armamentos. Os armamentos são cada vez mais especializados para veicular a morte de milhões de pessoas. Então, o homem não tem o que indagar sobre o fim do mundo, porque qualquer transformação mais trágica do mundo virá do homem e não da bondade de Deus. [...] Tudo indica que se não trabalharmos coletivamente com todos os meios ao nosso alcance para que isto seja evitado, de fato uma nova calamidade pode ocorrer sobre nós. Agora, vamos fazer a força possível para que isto não aconteça ou que aconteça pelo mínimo, se é que nós não podemos estar livres de débitos tão grandes.³³

Sobre o Apocalipse e as visões de Jonas

Vejam os ensinamentos de Humberto de Campos sobre as visões de Jonas. Este era profeta israelita da Tribo de Zebulom e recebeu uma relevante revelação, que deveria ser levada aos ninivitas, sobre o fato de que sua cidade seria destruída. Sucede que as previsões de Jonas não só foram efetivamente consideradas como o povo entoou constantes súplicas a Deus. Em consequência, a Misericórdia Divina atuou, afastando a tragédia. Foram conferidos aos habitantes “novos recursos de trabalho e corrigenda”.³⁴ Jonas ficou consideravelmente desapontado. Após outras circunstâncias, narradas por Humberto de Campos, ressurgiu para Jonas a entidade elevada, que lhe diz:

Ah! Jonas, consideras-me covarde, por exercitar a misericórdia, e apaixonaste, desta forma, por uma

aboboreira, da qual desconheces a formação, em cujo desenvolvimento não trabalhaste, que nasceu numa noite e que, num dia, pereceu? Choras amargamente por um simples vegetal, tentando recuperá-lo, e não me permites qualquer compaixão por Nínive, onde estão mais de cento e vinte mil homens, ainda fracos e ignorantes, e que, por enquanto, não sabem discernir a mão direita da mão esquerda?³⁵

Certa feita foi elaborada uma consulta a Emmanuel, por intermédio de Chico Xavier, a respeito das profecias de Nostradamus, que situavam os meses de julho e outubro de 1999 como sendo o período final da era que estamos atravessando. Eis a resposta:

Com respeito às profecias de Nostradamus que, aliás, devemos estudar com o maior respeito ao mensageiro humano dos vaticínios conhecidos, pede-nos Emmanuel para lermos com meditação a Parábola de Jonas no Antigo Testamento.³⁶

O século que passa efetuará a divisão das ovelhas do imenso rebanho. O cajado do pastor conduzirá o sofrimento na tarefa penosa da escolha e a dor se incumbirá do trabalho que os homens não aceitaram por amor. Ditadores, hegemonias econômicas, massas versáteis e inconscientes, guerras inglórias, organizações seculares, passarão com a vertigem de um pesadelo. A vitória da força é uma claridade de fogos de artifício. Toda a realidade é a do Espírito, e toda a paz é a do entendimento do Reino de Deus e de Sua Justiça.

Uma tempestade de amarguras varrerá toda a Terra. Os filhos da Jerusalém de todos os séculos devem chorar, contemplando essas chuvas de lágrimas e de sangue que reventarão das nuvens pesadas de suas consciências enegrecidas. Condenada pelas sentenças irrevogáveis de seus erros sociais e políticos, a superioridade europeia desaparecerá para sempre, como o Império Romano, entregando à América o fruto das suas experiências, com vistas à civilização do porvir. Vive-se agora, na Terra, um crepúsculo, ao qual sucederá profunda noite; e ao século XX compete a missão do desfecho desses acontecimentos espantosos.³⁷

De toda forma, e retomando a lição de Jonas, o fato é que o livro "A caminho da luz" data de 1938. Conforme se demonstrará oportunamente, a mediunidade de Chico Xavier proporcionou-nos inúmeras mensagens, mesmo após o término da Segunda Guerra Mundial, que apontam para provações coletivas de vulto que poderiam advir no futuro.

Dentre as várias manifestações, considere-se que na obra Pinga-fogo, elaborada a partir da conhecida entrevista concedida pelo médium à TV Tupi, em 1971, Chico Xavier mencionou a importância de a humanidade não se envolver numa guerra de extermínio de grandes proporções nos cinquenta anos subsequentes, como condição para uma jornada proveitosa e para "encerrar o período bélico na evolução dos povos terrestres".³⁸

Um estudo espírita do Apocalipse - Apocalipse segundo o Espiritismo

Emmanuel chama a atenção para não envolver o Apocalipse na sombra do dogmatismo estabelecido pelas imposições do sacerdócio, “que, em todos os tempos, eliminou as mais belas florações do profetismo”.³⁹

Referindo-se aos médiuns do Velho Testamento, o mentor de Chico Xavier esclarece que os interesses típicos do institucionalismo religioso podem prejudicar o intercâmbio espiritual:

Os antigos profetas de Israel nunca se caracterizaram por qualquer expressão de servilismo às convenções sociais e aos interesses econômicos, tão ao gosto do sacerdócio organizado, em todas as eras e em todos os lugares. Extremamente dedicados ao esforço próprio, não viviam do altar de sua fé, mas do trabalho edificante, fosse na indumentária dos escravos oprimidos, ou no insulamento do deserto que as suas aspirações religiosas sabiam povoar de um santo dinamismo construtivo.⁴⁰

Objetivo dos documentos religiosos da Bíblia

O Apocalipse é caracterizado por burilado edifício conceitual e analítico em torno das revelações mediúnicas de João. Indagado sobre o fato de a Bíblia encerrar símbolos especiais para a educação moral do homem, Emmanuel respondeu: “Todos os documentos religiosos da Bíblia se identificam entre si, no todo, desde a primeira revelação

com Moisés, de modo a despertar no homem as verdadeiras noções do seu dever para com os semelhantes e para com Deus”.⁴¹

Por essa razão, devemos nos ater aos pontos principais identificados por intermédio da mediunidade de Francisco Cândido Xavier.

Limitações na mediunidade de João Evangelista?

Emmanuel chama a atenção para este detalhe, no tocante à pessoa do Evangelista:

Todos os fatos posteriores à existência de João estão ali previstos. É verdade que frequentemente a descrição apostólica penetra o terreno mais obscuro; vê-se que a sua expressão humana não pôde copiar fielmente a expressão divina das suas visões de palpitante interesse para a história da Humanidade.⁴²

O Espiritismo, com sua abordagem amadurecida sobre o fenômeno mediúnico, permite a consideração dessa particularidade.

O Espiritismo é a chave

O Espiritismo fornece elementos inéditos para conduzir o estudioso na compreensão dos significados de pontos centrais para o relato profético.

Allan Kardec, no livro *O evangelho segundo o Espiritismo*, pondera que muitas passagens bíblicas permaneceram ininteligíveis ou indevidamente interpretadas. Constata ainda que os ensinamentos dos espíritos constituem a “chave indispensável” para a apreensão dos sentidos ocultos de algumas das antigas manifestações, o que lhe permitiu concluir: “O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil”.⁴³

Vejamos a advertência do espírito de João Evangelista publicada na *Revista Espírita* de fevereiro de 1868:

Muitas vezes tendes lido a revelação de João e vos perguntastes: Mas, que quer ele dizer? Como se cumprirão essas coisas surpreendentes? E, confusa, vossa razão mergulhava num tenebroso labirinto, de onde não podia sair, porque queríeis tomar ao pé da letra o que estava escrito em sentido figurado.

Agora que chegou o tempo em que uma parte dessas predições vai cumprir-se, pouco a pouco aprendereis a ler nesse livro onde o discípulo bem-amado consignou as coisas que lhe tinha sido dado ver. Entretanto, as más traduções e as falsas interpretações ainda vos aborrecerão um pouco, mas com um trabalho perseverante chegareis a compreender o que, até o presente, tinha sido para vós uma carta fechada. Apenas compreendei que, se Deus permite que os selos sejam levantados mais cedo para alguns, não é para que esse conhecimento fique estéril em suas mãos,

mas para que, pioneiros infatigáveis, desbravem as terras incultas; é para que fecundem com o doce orvalho da caridade os corações ressequidos pelo orgulho e impedidos pelos embaraços mundanos, onde a boa semente da palavra de vida não pôde ainda germinar. [...] O Espiritismo é essa voz poderosa que já repercute até os confins da Terra; todos a ouvirão. Felizes os que, não tapando voluntariamente os ouvidos, sairão de seu egoísmo, como o fariam os mortos de seus sepulcros, e daí por diante realizarão os atos da vida verdadeira, a do Espírito se desembaraçando dos entraves da matéria, como fez Lázaro de seu sudário, à voz do Salvador.⁴⁴

A leitura atenta da psicografia de Chico Xavier, bem como das demais informações emanadas de sua mediunidade (e.g., palestras, entrevistas), permitiram a identificação de chaves hermenêuticas ou interpretativas que auxiliam, sobremodo, a desvendar as advertências e mensagens do Apocalipse de João.

Nesse sentido, e para maior aprofundamento no assunto, recomendamos a leitura completa da obra Apocalipse segundo o Espiritismo.⁴⁵

O Apocalipse de João no tempo e no espaço e sua relação com as profecias de Daniel

O estudo do Apocalipse traz o desafio de identificar quais eventos no tempo e no espaço estão referidos nas suas linhas, como veremos a seguir.

Consta em seu cap. 1, v. 1: “Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e pelo seu anjo as enviou, e as notificou a João seu servo”. Essa revelação refere-se ao futuro, às coisas que devem acontecer.

Na linha da revelação positivada por intermédio de Francisco Cândido Xavier, entendemos que o mais importante é ter em conta que a Europa (mais especificamente, a “mulher-babilônia”) corresponde ao ícone mais destacado que se afigura para marcar o período da transição planetária. No livro Apocalipse segundo o Espiritismo⁴⁶, demonstra-se que a mediunidade de Chico Xavier nos legou relevantes marcos temporais para o devido balizamento dos eventos do Apocalipse.

O estudo dos trabalhos de Chico Xavier permitiu-nos assim compreender que há uma cronologia no Apocalipse, mas não estritamente na sequência dos seus capítulos. Ou seja, há uma sequência, mas que não é exata ou linear. Ademais, a mediunidade de Francisco Cândido Xavier enseja a constatação de que nos encontramos em fase avançada do Apocalipse.

Portanto, com os contributos de Emmanuel, Humberto de Campos e outros espíritos, serão pontuadas fases históricas já concretizadas, em confirmação ao Apocalipse. Retroativamente, contudo, outros trechos da Bíblia são de grande importância para a leitura do Apocalipse, mas especial destaque deve ser dado à personalidade de Daniel. A associação entre o livro de Daniel e o Apocalipse é estabelecida pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, como se verá oportunamente.

Grandes tempos de mudanças coletivas

Constata-se em Apocalipse uma passagem que indica o limite do livre-arbítrio dos homens, quando do mau uso de sua liberdade com que se comprometem com a Justiça Divina: “E o sétimo anjo derramou a sua taça no ar, e saiu grande voz do templo do céu, do trono, dizendo: Está feito” (Ap 16:17). A expressão “está feito” indica o atingimento de uma data-limite, a concretização de uma fase concedida por Deus para a atuação dos homens, a partir do qual, se os caminhos não se endireitam, sopram os vendavais de grandes mudanças.

Emmanuel menciona o exemplo do Império Romano, que recebeu do Alto todos os recursos para a consecução de sua missão espiritual. Diante do desprezo de séculos de empenho espiritual para que Roma se adequasse aos desígnios maiores, “uma força invisível arrancou-lhe todos os diademas, tirou-lhe as energias e lhe reduziu as glórias a um punhado de cinzas”.⁴⁷

O Apocalipse, portanto, é importante no que diz respeito à transição planetária, marco da mudança de fases entre o mundo de provas e expiações e o planeta de regeneração.

O Apocalipse e a transição planetária

Em termos espíritas, compreende-se que estamos enfrentando uma fase de transição para ultrapassar o planeta caracterizado por provas e expiações, quando a

Terra deixará o predomínio da dor “para ser um mundo de Regeneração, de reequilíbrio, de felicidade.

Encontramo-nos em processo de evolução”.⁴⁸ Nas palavras de Emmanuel, “Sabemos todos que a humanidade terrena atinge, atualmente, as cumeadas de um dos mais importantes ciclos evolutivos”.⁴⁹

O Apocalipse é um conjunto de profecias que trata dessa fase de transição moral que se verifica no planeta e que aborda algumas visões antecipadas do mundo de regeneração que nos aguarda (neste último caso, Ap 19-22).

O objeto do Apocalipse

Qual é o objeto do livro bíblico Apocalipse? Pelo ângulo do recorte temporal, viu-se que o Apocalipse diz respeito ao período que medeia entre a comunicação mediúnica com João – de acordo com Emmanuel, “alguns anos antes de terminar o primeiro século”⁵⁰ – até o início da fase de regeneração. Veja-se a vinculação que Emmanuel estabelece entre a fase em que nos encontramos e as passagens do livro de Daniel:

É imprescindível não perdermos de vista os aspectos sociais da civilização moderna, para encontrarmos os falsos princípios das suas bases e o fim próximo que a espera inevitavelmente. [...] A Europa, na atualidade, é o gigante cansado, à beira do seu túmulo. Infelizmente, o senso arraigado do militarismo envenenou-lhe os centros de força.

[...] De cada vez que os homens querem impor-se, arbitrários e despóticos, diante das leis divinas, há uma força misteriosa que os faz cair, dentro dos seus enganos e de suas próprias fraquezas. A impenitência da civilização moderna, corrompida de vícios e mantida nos seus maiores centros à custa das indústrias bélicas, não é diferente do império babilônico que caiu, apesar do seu fastígio e da sua grandeza. No banquete dos povos ilustres da atualidade terrestre, leem-se as três palavras fatídicas do festim de Baltasar. Uma força invisível gravou novamente o “Mane – Thecel – Pharés” na festa do mundo. Que Deus, na sua misericórdia, ampare os humildes e os justos.⁵¹

Eis o específico trecho do livro de Daniel:

Este, pois, é o escrito que se escreveu: MENE, MENE, TEQUEL, UFARSIM. Esta é a interpretação daquilo: MENE: Contou Deus o teu reino, e o acabou. TEQUEL: Pesado foste na balança, e foste achado em falta. PERES: Dividido foi o teu reino, e dado aos medos e aos persas. (Dn 5, 25-28).

A correlação expressa realizada por Emmanuel impressiona. Seria lícito, ainda, destacar, como linhas de fundo a conduzir o Apocalipse de João, a impenitência da civilização moderna e os conflitos ideológicos em torno da personalidade de Jesus.

Confira, a propósito, a síntese apresentada por Emmanuel:

Alguns anos antes de terminar o primeiro século, após o advento da nova doutrina, já as forças espirituais operam uma análise da situação amargurosa do mundo, em face do porvir. Sob a égide de Jesus, estabelecem novas linhas de progresso para a civilização, assinalando os traços iniciais dos países europeus dos tempos modernos. Roma já não representa, então, para o Plano Invisível, senão um foco infeccioso que é preciso neutralizar ou remover. Todas as dádivas do Alto haviam sido desprezadas pela cidade imperial, transformada num vesúvio de paixões e de esgotamentos. O Divino Mestre chama aos Espaços o Espírito João, que ainda se encontrava preso nos liames da Terra, e o Apóstolo, atônito e aflito, lê a linguagem simbólica do Invisível.

Recomenda-lhe o Senhor que entregue os seus conhecimentos ao planeta como advertência a todas as nações e a todos os povos da Terra, e o velho Apóstolo de Patmos transmite aos seus discípulos as advertências extraordinárias do Apocalipse. Todos os fatos posteriores à existência de João estão ali previstos. É verdade que frequentemente a descrição apostólica penetra o terreno mais obscuro; vê-se que a sua expressão humana não pode copiar fielmente a expressão divina das suas visões de palpitante interesse para a história da Humanidade. As guerras, as nações futuras, os tormentos porvindouros, o comercialismo, as lutas ideológicas da civilização ocidental, estão ali pormenorizadamente entrevistados. E a figura mais dolorosa, ali relacionada, que ainda hoje se oferece à visão do mundo moderno, é bem aquela da igreja transviada de Roma, simbolizada na besta vestida de púrpura e embriagada com o sangue dos santos.⁵²

Alguns trechos do texto em epígrafe merecem ser comentados.

Emmanuel explica que no final do primeiro século, as potestades espirituais fizeram uma análise da situação delicada do planeta, diante dos anos que se seguiriam. Esse indicado levantamento está em sintonia com os primeiros capítulos do Apocalipse e com o “Mane” (contou Deus o teu reino) do livro de Daniel. Desde o primeiro século, os espíritos puderam constatar a lamentável perspectiva de assimilação dos ensinamentos do Evangelho. Foram, assim, estabelecidos novos planos de progresso para a civilização a partir das comunidades situadas na Europa.

É muito importante destacar que de acordo com a explicação de Emmanuel, Roma já não apresentava relevância para auxiliar as forças espirituais superiores sobre o orbe. Pelo contrário, afigurava-se como um problema. Essa informação indica que não se faz pertinente a correlação do império romano com a grande babilônia cuja queda foi prenunciada.

Na linha do mesmo relato, Jesus esclarece a João que o objetivo do Apocalipse é servir de advertência para a humanidade. O texto também aponta para o recorte temporal acima referido: o Apocalipse trata de eventos posteriores à existência de João.

Emmanuel indica, ainda, elementos presentes por detrás da simbologia do Apocalipse: (i) as guerras; (ii) as nações futuras, (iii) os tormentos porvindouros; (iv) o comercialismo; (iv) as lutas ideológicas da civilização ocidental; (v) a igreja transviada de Roma, simbolizada na besta vestida de púrpura e embriagada com o sangue dos santos. Ao fim e ao cabo, o Apocalipse trata da história da

humanidade na senda da aceitação ou rejeição à Lei de Amor exemplificada pelo Cristo.

O livro das revelações pode ser resumido como a saga moral de uma coletividade após receber a visita encarnada de seu Cristo Planetário. Portanto, o Apocalipse é o livro que trata do roteiro da humanidade na linha da lei de causa e efeito e à luz de uma específica responsabilidade: a frutificação do evangelho nos corações de cada indivíduo.

O livro A caminho da luz e a saga dos arianos

A deturpação dos ensinamentos do Cristo no plano carnal e os desvios das nações tidas por civilizadas estão diretamente relacionados à saga dos arianos, explicada por Emmanuel no livro A caminho da luz. Segundo ele, a civilização ocidental originou-se dos chamados povos arianos, elucidando que os arianos consistiam em espíritos provenientes de outro orbe e que foram degredados para a Terra em virtude de não terem acompanhado o passo evolutivo de seu planeta:

A realidade, porém, qual já vimos, é que, como os egípcios, os hindus eram um dos ramos da massa de proscritos da Capela, exilados no planeta. Deles descendem todos os povos arianos, que floresceram na Europa e hoje atingem um dos mais agudos períodos de transição na sua marcha evolutiva.⁵³

Muitos séculos antes de qualquer prenúncio de civilização terrestre, os árias espalharam-se pelas planícies hindus, dominando os autóctones, descendentes dos “primatas”, que possuíam uma pele escura e deles se distanciavam pelos mais destacados caracteres físicos e psíquicos.

Mais tarde, essa onda expansionista procurou localizar-se ao longo das terras da futura Europa, estabelecendo os primeiros fundamentos da civilização ocidental nos bosques da Grécia, nas costas da Itália e da França, bem como do outro lado do Reno, onde iam ensaiar seus primeiros passos as forças da sabedoria germânica. As balizas da sociedade dos gregos, dos latinos, dos celtas e dos germanos estavam lançadas. Cada corrente da raça ariana assimilou os elementos encontrados, edificando-se os primórdios da civilização europeia; cada qual se baseou no princípio da força para o necessário estabelecimento, e, muito cedo, começaram no Velho Mundo os choques de suas famílias e tribos.⁵⁴

Na mesma obra, são apresentadas algumas características da personalidade ariana:

Conforme afirmávamos, os arianos que procuravam as novas emoções de uma terra desconhecida eram, na sua maioria, os Espíritos revoltados com as condições do seu degredo; pouco afeitos aos misteres religiosos que, pela força das circunstâncias, impunham uma disciplina de resignação e humildade, não cuidaram da conservação do seu tradicionalismo, na ânsia de conquistar um novo paraíso e serenarem, assim, as suas inquietações angustiosas.⁵⁵

Vê-se, pois, que a cultura ariana é marcada pela volúpia das conquistas, das dominações, pela inquietante perseguição às posses transitórias, pelo predomínio da força e pela revolta. A obra *A caminho da luz* destaca a irresignação desse povo consistente na rebeldia diante da condução divina, concretizada no exílio.

Não é difícil constatar o mesmo perfil nos traços da cultura ocidental atual, cuja origem espiritual é explicada por Emmanuel. As guerras de todos os tempos são indicativas da busca humana por glória, poder e dominação. A irresignação, marca da cultura ariana, consiste num dos problemas centrais a ser solucionado, de sorte a permitir uma migração para a era de regeneração com a menor conturbação possível. O estado de revolta dita a forma como o ser humano reage aos problemas, aos desafios que a vida lhe atravessa na esteira da lei de causa e efeito.

A importância disso está em que os atuais representantes da raça ariana, segundo Emmanuel, vivenciam “um dos mais agudos períodos de transição na sua marcha evolutiva”.⁵⁶ É de se questionar, pois, como os ocidentais ou “arianos modernos” reagirão aos desafios postos pela transição planetária. Fala-se em desafios da transição não apenas em virtude da indicação de Emmanuel, relativa ao citado período agudo, mas também em razão de outras inúmeras informações trazidas por Chico Xavier. Na obra *Pinga-fogo*, este apresentou as seguintes possibilidades para o período de transição:

Nós nos encontramos no limiar de uma era extraordinária, se nos mostrarmos capacitados coletivamente a recebê-la com a dignidade devida. Se os países mais cultos do globo puderem suportar a pressão dos seus próprios problemas,

sem entrar em choques destrutivos, como, por exemplo: guerra de extermínio, que deixará consequências imprevisíveis para nós todos no planeta, então veremos uma era extraordinariamente maravilhosa para o homem, porque a própria automação – diz ele – nos está dizendo que vamos ser aliviados ou quase que aposentados do trabalho mais rude no trato com o planeta, para a educação da nossa vida mental, através de informações sobre o Universo com proveito enorme, proveito incalculável para benefício da humanidade. Mas isso terá um preço. Será o preço da paz. Se pudermos nos, suportar uns aos outros, amar uns aos outros, seguindo os preceitos de Jesus, até que essa era prevaleça, provavelmente no próximo milênio, não sabemos se no princípio, se nos meados ou se no fim. O terceiro milênio nos promete maravilhas, mas se o homem, filho e herdeiro de Deus, também se mostrar digno dessas concessões. Senão vamos aguentar nós todos, talvez com as estacas zero ou quase zero para recomeçar tudo de novo.⁵⁷

Chico Xavier refere-se a um desafio à humanidade no limiar da transição. Tece alguns detalhes sobre tal conjunto de provas: (i) envolveriam os países mais cultos do globo; (ii) diria respeito a problemas internos dessas nações que poderiam conduzir a conflitos externos, como uma guerra de extermínio. A atividade dessas grandes nações apresenta a capacidade de atingir a todos, conforme Chico Xavier relatou em outra oportunidade:

Notamos que sobra hoje, em quase toda parte, a consagração do egoísmo, sem aquele espírito de confraternização e amor, uns pelos outros, que a família

verdadeiramente cristã se empenha em cultivar. Está desaparecendo desses povos que nos dirigem. E estes povos nos dirigem! E nós estamos atados a eles como os carros de uma locomotiva estão ligados a um comboio. Não há em nossos propósitos a maledicência. Nós sentimos em todos eles grandes líderes da inteligência. Em toda parte há bondade. Em toda parte há vontade de auxiliar, mas, no fundo, há um certo descaso pela formação da alma, um certo descaso pelo sentimento cristão que orienta a vida e sem o qual a felicidade é impossível.⁵⁸

A propósito desse comentário, vale lembrar que a alma ariana, agitada pelas conquistas efêmeras e ante o vazio espiritual que lhe acomete por consequência, procura no materialismo o refúgio. Dessa forma, são pertinentes as seguintes considerações de Emmanuel:

Há quem diga, e com razão, que milhões de companheiros da Humanidade se bandeiam neste século para o materialismo. Todos eles, porém, permanecem no tumulto e na insegurança, procurando a paz e a alegria que não encontram. E isso ocorre, inelutavelmente, porque toda vez que nos arvoramos contra Deus optamos pela desorientação de nossa própria vida.⁵⁹

A solução para evitar o pior cenário, segundo Chico Xavier, seria a resignação, a tocar exatamente no ponto central para a atualidade. Cuida-se da prova de fogo para a cultura ariana-ocidental, após praticamente dois mil anos de cristianismo no planeta. A almejada resignação significa atravessar grave contexto de crise sem tentar solucioná-lo

com conflitos armados. Pode se tratar de uma crise em vários âmbitos, incluindo o econômico e o social. Os acontecimentos hodiernos permitem-nos conceber vários cenários.

Na ótica da transição planetária, é certo que passaremos, em grau maior ou menor, por uma fase de desafios. A história humana, por outro lado, avaliada à luz da lei de causa e efeito, não autoriza os melhores presságios. Merece reflexão a pergunta lançada a Humberto de Campos por determinado mentor espiritual: “E porventura – respondeu-me o excelente mentor espiritual – chegaste a conhecer no planeta terrestre um homem ou uma ideia, que retirasse a humanidade de sua rotina, sem sofrimento e sem guerra?”⁶⁰

Como visto, através de Chico Xavier, foi revelado que na transição entre a fase de planeta de provas e expiações para o estágio de planeta em regeneração, a cultura ariana-ocidental será submetida a um período agudo, um contexto de crise que poderá levar as nações proeminentes do globo a uma guerra de grandes proporções. Se estiver correta a leitura que fizemos dos textos transcritos, esse período de dificuldades representará a prova de fogo para os sucessores da raça ariana, uma vez que estes serão desafiados no seu ponto fraco: a irresignação perante as vicissitudes da vida terrestre e a atuação da lei de causa e efeito.

O que o Apocalipse nos revela a respeito? Existe algum apontamento sobre a possibilidade de a cultura ariana sobrepujar esse desafio? Espera-se que os comentários que seguem permitam ao leitor meditar sobre a questão.

A obra de Chico Xavier, seus testemunhos e o Apocalipse de João Evangelista

“Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo” (Ap 1:3).

Ninguém escapará às leis universais e, de acordo com Emmanuel:

Jesus sabia, de antemão, que muitos homens não aceitariam a verdade, que almas numerosas buscariam escapar às obrigações justas, que surgiriam retardamento, má vontade, indiferença e preguiça, em torno da Boa-Nova; no entanto, sustentou a unidade divina, a fim de que todos os aprendizes se convencessem de que lhes seria possível envenenar a liberdade própria, criar deuses fictícios, erguer discórdias, trair provisoriamente a Lei, estacionar nos caminhos, ensaiar a guerra e a destruição, contudo, jamais poderiam enganar o plano das verdades eternas, ao qual todos se ajustarão, um dia, na perfeita compreensão de que “o Senhor é nosso Deus, o Senhor é um só”.⁶¹

O Espiritismo, assim, permite a adequada compreensão da proximidade pronunciada pelo Cristo, espírito “cuja perfeição se perde na noite imperscrutável das eras”.⁶² “Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso” (Ap 1:8). Nas lições de Emmanuel, Jesus é aquele “que passou entre nós

fazendo o bem, que nos ama desde o princípio e que permanecerá conosco, até o fim dos séculos”.⁶³ “Eu, João, que também sou vosso irmão, e companheiro na aflição, e no reino, e paciência de Jesus Cristo, estava na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus, e pelo testemunho de Jesus Cristo” (Ap 1:9).

O livro Paulo e Estêvão traz um importante relato que cabe neste versículo, a título de comentário. Paulo, na comunidade de Listra, invocando sua fé no Cristo, promoveu a cura de um aleijado. Por isso, foi anunciado ao povo como uma divindade. Percebendo a confusão que se estabeleceu em torno de sua personalidade, ele assomou a uma tribuna improvisada e passou a explicar que consistia num simples mortal. Os ouvintes mantiveram-se de joelhos. Quando um sacerdote surgiu com animais paramentados para o sacrifício, segundo as solenidades da época, Paulo dirigiu-se ao centro da praça e bradou: “Não cometaís sacrilégios! [...] não somos deuses [...] Vede! [...] somos simples criaturas de carne!”⁶⁴

Logo, importa lembrar que João não foi um santo por predestinação. Tratava-se de um irmão em luta, companheiro na aflição, no reino e na paciência de Jesus Cristo. “Eu fui arrebatado no Espírito no dia do Senhor, e ouvi detrás de mim uma grande voz, como de trombeta [...] E a sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve, e os seus olhos como chama de fogo” (Ap 1:10-14).

Essa passagem indica que Jesus é um espírito de larga trajetória evolutiva, de idade insondável para nós, “cuja genealogia se confunde na poeira dos sóis que rolam no Infinito”.⁶⁵ “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: O que vencer não receberá o dano da segunda morte” (Ap 2:11).

O mencionado “dano da segunda morte” não pode ser melhor compreendido senão pelas explicações dos espíritos em torno das leis universais. Refere-se aos padecimentos experimentados no plano espiritual.

Tenha-se o seguinte esclarecimento de Emmanuel:

Múltiplas são as conceituações dos infernos exteriores. Para os hindus de várias lendas religiosas da antiguidade, a região do sofrimento, para lá do sepulcro, dividia-se em dezenas de seções, nas quais os Espíritos culpados experimentavam os martírios do fogo e da asfixia, dos botes de serpentes e aves famélicas, de venenos e martelos, lâminas e prisões. Entre os chineses, acreditava-se que os condenados, após o decesso, atravessavam privações e torturas, até caírem, exaustos, numa espécie de segunda morte, com o suposto aniquilamento do próprio ser.⁶⁶

20 Mas algumas poucas coisas tenho contra ti que deixas Jezabel, mulher que se diz profetisa, ensinar e enganar os meus servos, para que fornicuem e comam dos sacrifícios da idolatria.

21 E dei-lhe tempo para que se arrependesse da sua fornicação; e não se arrependeu.

22 Eis que a porei numa cama, e sobre os que adulteram com ela virá grande tribulação, se não se arrependerem das suas obras (Ap 2:20-22).

A comunidade certamente recebeu avisos, e a misericórdia divina aguardou a emenda da conduta. Jesus adverte que uma consequência para tal apego sexual é a prisão numa cama conjuntamente com os participantes do adultério (Ap 2:22).

O Espiritismo explica que um desvio dessa natureza também redundará em consequências para o espírito após a morte, no plano espiritual. Tenha-se, como exemplo, o relato da genitora de André Luiz a respeito do destino do seu pai:

E meu pai? – perguntei – onde está? Por que não veio com a senhora?

Minha mãe estampou singular expressão no rosto e respondeu:

– Ah! teu pai! teu pai!... Há doze anos que está numa zona de trevas compactas, no Umbral. Na Terra, sempre nos parecerá fiel às tradições da família, arraigado ao cavalheirismo do alto comércio, a cujos quadros pertenceu até ao fim da existência, e ao fervor do culto externo, em matéria religiosa; mas, no fundo, era fraco e mantinha ligações clandestinas, fora do nosso lar. Duas delas estavam mentalmente ligadas a vasta rede de entidades maléficas, e, tão logo desencarnou o meu pobre Laerte, a passagem no Umbral lhe foi muito amarga, porque as desventuradas criaturas, a quem fizera muitas promessas, aguardavam-no ansiosas, prendendo-o de novo nas teias da ilusão. A princípio, ele quis reagir, esforçando-se por encontrar-me, mas não pôde compreender que após a morte do corpo físico a alma se encontra tal qual vive intrinsecamente. Laerte, portanto, não percebeu minha presença espiritual, nem a assistência desvelada de outros amigos nossos.

Tendo gasto muitos anos a fingir, viciara a visão espiritual, restringira o padrão vibratório, e o resultado foi achar-se tão só na companhia das relações que cultivara irrefletidamente, pela mente e pelo coração. Os princípios da família e o amor ao nosso nome ocuparam algum tempo o seu espírito. De algum modo, lutou, repelindo as tentações; mas caiu afinal, novamente enredado na sombra, por falta de perseverança no bom e reto pensamento.⁶⁷

Apocalipse 3

14 E ao anjo da igreja de Laodiceia escreve: Isto diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus:

15 Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente; quem dera foras frio ou quente!

16 Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca.

17 Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu;

18 Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e roupas brancas, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas.

19 Eu repreendo e castigo a todos quantos amo; sê pois zeloso, e arrepende-te.

A igreja de Laodiceia tornou-se morna perante os ensinamentos de Jesus.

Emmanuel aponta esse problema na atualidade e identifica algumas de suas causas:

As igrejas amornecidas da atualidade e os falsos desejos dos crentes, nos diversos setores do Cristianismo, justificam as nossas intenções. Em toda parte há tendências à ociosidade do espírito e manifestações de menor esforço. Muitos discípulos disputam as prerrogativas de Estado, enquanto outros, distanciados voluntariamente do trabalho justo, suplicam a proteção sobrenatural do Céu. Templos e devotos entregam-se, gostosamente, às situações acomodáticas, preferindo as dominações e regalos de ordem material.⁶⁸

Enquanto em Esmirna os cristãos são pobres, porém ricos, em Laodiceia são ricos, porém pobres. Jesus, assim, contrasta a riqueza material com a penúria espiritual daqueles cristãos. Como se trata de um grande centro comercial, Jesus lhes propõe que adquiram outros tipos de “mercadorias”, designadamente ouro provado no fogo, roupas brancas e “colírio espiritual”.

O “ouro provado no fogo”, recomendado aos laodicenses, indica as virtudes laboriosamente conquistadas na experiência sob a lei do amor. A referência evidente é para que se preocupem menos com as atividades financeiras e mais com o verdadeiro tesouro do espírito. Nesse sentido, cabem os ensinamentos de Emmanuel em torno de Ap 3:18:

Para que um homem se enriqueça, deve adquirir o ouro provado no fogo, fortuna essa que procede das mãos generosas do Altíssimo. Somente essa riqueza espiritual, adquirida nas situações de trabalho árduo, de profunda compreensão, de vitória sobre si mesmo, de esforço incessante, conferirá ao Espírito a posição de ascendência legítima, de bem-estar permanente, além das transformações impostas pelo sepulcro, e apenas levará a efeito tão elevada conquista após entregar-se totalmente ao Pai para a grandeza do Divino Serviço.⁶⁹

As vestes brancas, em linguagem espírita, indicam o estado do perísprito. Como atestam os fenômenos mediúnicos, o ser pode identificar-se no plano espiritual tal qual é. A nudez, assim, corresponde à exposição de suas verdades íntimas. Aqui também se faz uma saliente comparação com as atividades têxteis da região. Ou seja, mais importante do que se preocupar com a aparência exterior é trabalhar o interior.

Enquanto em Filadélfia as portas da inspiração encontram-se abertas, Jesus roga à igreja de Laodiceia que abra as suas portas. A passagem indica não apenas a necessidade de abrir-se à sintonia com os espíritos superiores, mas também a de atender aos chamados de Deus. Como esclarece Emmanuel:

[...] todos os homens menos rudes têm a sua convocação pessoal ao serviço do Cristo. As formas podem variar, mas a essência ao apelo é sempre a mesma. O convite ao ministério chega, às vezes, de maneira sutil,

inesperadamente; a maioria; porém, resiste ao chamado generoso do Senhor.⁷⁰

Apocalipse 4

2 E logo fui arrebatado em espírito, e eis que um trono estava posto no céu, e um assentado sobre o trono.

3 E o que estava assentado era, na aparência, semelhante à pedra jaspe e sardônica; e o arco celeste estava ao redor do trono, e parecia semelhante à esmeralda.

4 E ao redor do trono havia vinte e quatro tronos; e vi assentados sobre os tronos vinte e quatro anciãos vestidos de vestes brancas; e tinham sobre suas cabeças coroas de ouro.

10 Os vinte e quatro anciãos prostravam-se diante do que estava assentado sobre o trono, e adoravam o que vive para todo o sempre; e lançavam as suas coroas diante do trono, dizendo:

11 Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder; porque tu criaste todas as coisas, e por tua vontade são e foram criadas.

João desdobra-se e é levado em espírito ao Cristo e uma equipe que lhe assessora. Os vinte e quatro anciãos são espíritos de longa jornada, que podem ser chamados de cooperadores ou ministros de Jesus. Sobre a existência de

espíritos que atuam como ministros do Cristo, considere-se a seguinte manifestação de Francisco Cândido Xavier:

Do que posso pessoalmente compreender, dos ensinamentos dos Espíritos Amigos, consideramos Jesus Cristo como sendo Espírito de evolução suprema, em confronto com a evolução dos chamados terrícolas que somos nós outros. Não o senhor do sistema solar, com todo o respeito que temos à personalidade sublime de Jesus, mas consideramo-lo como supremo orientador da evolução moral do planeta. E os Espíritos como Buda, como Zoroastro, como aqueles outros grandes instrutores da Índia e da Grécia, por exemplo, que eram considerados orientadores ou chefes de grandes movimentos mitológicos, serão ministros do Cristo, pois não temos ainda outra definição para classificá-los, dentro dos nossos parcos conhecimentos a respeito da nossa História no lado espiritual da vida. [...] Mas, do Plano espiritual, Ministros do Senhor cooperaram, cooperam e cooperarão sempre para que a nossa personalidade se consolide cada vez mais no Plano físico.⁷¹

O espírito de Lacordaire explica que Deus conta com seres puros ou crísticos enquanto cooperadores em plano maior:

Ao lado de Deus estão numerosos Espíritos chegados ao topo da escala dos Espíritos puros, que mereceram ser iniciados em seus desígnios, para dirigirem a sua execução. Deus escolheu dentre eles seus enviados superiores, encarregados de missões especiais. Podeis chamá-los Cristos: é a mesma escola; são as mesmas ideias

modificadas conforme os tempos. [...] Não fiqueis, pois, admirados de todas as comunicações que vos anunciam a vinda de um Espírito poderoso sob o nome do Cristo; é o pensamento de Deus revelado numa certa época, e que é transmitido pelo grupo dos Espíritos superiores que se acercam de Deus e recebe as suas emanções para presidir o futuro dos mundos que gravitam no espaço.⁷²

Em outro texto da Revista Espírita, elucida-se que os messias contam, por sua vez, com o concurso de outros espíritos:

Os Messias, seres superiores, chegados ao mais alto grau da hierarquia celeste, depois de terem atingido uma perfeição que os torna infalíveis daí por diante, e acima das fraquezas humanas, mesmo na encarnação. Admitidos nos conselhos do Altíssimo, recebem diretamente sua palavra, que são encarregados de transmitir e fazer cumprir. Verdadeiros representantes da Divindade, da qual têm o pensamento, é entre eles que Deus escolhe seus enviados especiais, ou seus Messias, para as grandes missões gerais, cujos detalhes de execução são confiados a outros Espíritos encarnados ou desencarnados, agindo por suas ordens e sob sua inspiração. Espíritos dessas três categorias devem concorrer ao grande movimento regenerador que se opera.⁷³

Graças ao espírito de Humberto de Campos, sabe-se que Helil é um desses cooperadores, que atua sobre os problemas sociológicos do planeta:

Helil – disse a voz suave e meiga do Mestre a um dos seus mensageiros, encarregado dos problemas sociológicos da Terra – meu coração se enche de profunda amargura, vendo a incompreensão dos homens, no que se refere às lições do meu Evangelho. Por toda parte é a luta fratricida, como polvo de infinitos tentáculos, a destruir todas as esperanças; recomendei-lhes que se amassem como irmãos, e vejo-os em movimentos impetuosos, aniquilando-se uns aos outros como Cains desvairados. ⁷⁴

Ao responder sobre a personalidade do espírito Antúlio, Emmanuel esclarece que os mais elevados colaboradores de Jesus também atuam com o auxílio de assessores:

Vejo, aqui, nosso diretor espiritual, Emmanuel, que nos diz que um estudo acerca da personalidade de Antúlio exigiria minudências relacionadas com a história, no espaço e no tempo, que, de imediato, não poderíamos realizar. De modo que, tão somente, pode afiançar-nos que se trata de uma entidade de elevada hierarquia, no Plano Espiritual; vamos dizer, um assessor, ou um daqueles assessores, que servem nos trabalhos de execução no plano divino, confiado ao Nosso Senhor Jesus Cristo, para a realização do progresso da Terra, em geral. Esclarece nosso amigo que Jesus Cristo, como Governador de nosso mundo, no sistema solar, conta, naturalmente, com grandes instrutores, para a evolução física e para a evolução espiritual, na organização planetária. E, subordinados a estes ministros, para o progresso da matéria e do Espírito, no Plano que nós habitamos presentemente, conta ele com uma assembleia

de múltiplos instrutores, de variadas condições, que lhe obedecem às ordens e às instruções, numa Esfera cuja elevação de momento, escapa à nossa possibilidade de apreciação. Antúlio forma no quadro destes elevados servidores.⁷⁵

Por sua vez, Emmanuel informa que Jesus integra um grupo de espíritos que tratam do nosso sistema planetário:

Rezam as tradições do mundo espiritual que na direção de todos os fenômenos, do nosso sistema, existe uma Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias. Essa Comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos, ao que nos foi dado saber, apenas já se reuniu, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos.⁷⁶

As coroas de ouro indicam elevação espiritual, as vestes brancas representam pureza.

Apocalipse 6

Síntese: o rompimento dos selos concede acesso a informações sobre leis e forças que atuarão no planeta durante o período objeto do Apocalipse.

7 E, havendo aberto o quarto selo, ouvi a voz do quarto animal, que dizia: Vem, e vê.

8 E olhei, e eis um cavalo amarelo, e o que estava assentado sobre ele tinha por nome Morte; e o inferno o seguia; e foi-lhes dado poder para matar a quarta parte da terra, com espada, e com fome, e com peste, e com as feras da terra.

O cavalo amarelo (quarto selo) também é um agente da lei de destruição e atua a força da morte, que no Espiritismo significa o fim da existência carnal. Desse modo, é um agente da lei de justiça, pois atua a “justiça do fim”.⁷⁷

Apocalipse 7

Síntese: pela mediunidade de João são avaliados os espíritos que conseguirão vencer a fase de tribulações. São espíritos que se manterão no planeta sob a Nova Jerusalém.

1 E depois destas coisas vi quatro anjos que estavam sobre os quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos da

terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem contra árvore alguma.

2 E vi outro anjo subir do lado do sol nascente, e que tinha o selo do Deus vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos, a quem fora dado o poder de danificar a terra e o mar,

3 Dizendo: Não danifiquéis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos selado nas suas testas os servos do nosso Deus.

4 E ouvi o número dos selados, e eram cento e quarenta e quatro mil selados, de todas as tribos dos filhos de Israel.

5 Da tribo de Judá, havia doze mil selados; da tribo de Rúbem, doze mil selados; da tribo de Gade, doze mil selados;

6 Da tribo de Aser, doze mil selados; da tribo de Naftali, doze mil selados; da tribo de Manassés, doze mil selados;

7 Da tribo de Simeão, doze mil selados; da tribo de Levi, doze mil selados; da tribo de Issacar, doze mil selados;

8 Da tribo de Zebulom, doze mil selados; da tribo de José, doze mil selados; da tribo de Benjamim, doze mil selados.

9 Depois destas coisas olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono, e perante o Cordeiro, trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos;

10 E clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro.

11 E todos os anjos estavam ao redor do trono, e dos anciãos, e dos quatro animais; e prostraram-se diante do trono sobre seus rostos, e adoraram a Deus,

12 Dizendo: Amém. Louvor, e glória, e sabedoria, e ação de graças, e honra, e poder, e força ao nosso Deus, para todo o sempre. Amém.

13 E um dos anciãos me falou, dizendo: Estes que estão vestidos de vestes brancas, quem são, e de onde vieram?

14 E eu disse-lhe: Senhor, tu sabes. E ele disse-me: Estes são os que vieram da grande tribulação, e lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro.

15 Por isso estão diante do trono de Deus, e o servem de dia e de noite no seu templo; e aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a sua sombra.

16 Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calma alguma cairá sobre eles.

17 Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, e lhes servirá de guia para as fontes vivas das águas; e Deus limpará de seus olhos toda a lágrima.

A passagem inicia-se pelo levantamento dos espíritos que auxiliam Jesus na contenção das batalhas humanas, aqui representada pelos ventos. Estes podem ser compreendidos na seguinte chave hermenêutica apresentada pelo espírito de Maria João de Deus: “os ventos da iniquidade varrem-na [a Terra] de polo a polo, entre os brados angustiosos dos seres que se debatem na aflição e no morticínio”.⁷⁸ Sobre o símbolo dos ventos, que corresponde ao sentido de poder

destrutivo de batalhas e guerras, confira-se os comentários a Ap 16:17.

Os selados são espíritos que se fizeram protegidos pela própria conduta e, assim, não sofrerão os impactos das grandes tribulações como os renitentes no mal. O número de selados em cento e quarenta mil, no total, e de doze mil pessoas, para cada uma das quatro “tribos” (leia-se, comunidades) é um parâmetro a merecer investigação. De qualquer modo, a passagem indica um grande contingente de pessoas que vencerão sob as grandes tribulações (Ap 7:14) e cujo número não pode ser precisado (Ap 7:9). Todos esses conhecerão a Nova Jerusalém (Ap 7:16-17).

É possível que esses sejam os “espíritos marcados” referidos na Revista Espírita de fevereiro de 1868:

Os Espíritos marcados, isto é, designados para uma missão importante. Têm a irradiação luminosa, que é o sinal característico de sua superioridade. São escolhidos entre os Espíritos capazes de as cumprir; entretanto, como têm livre-arbítrio, podem falir por falta de coragem, de perseverança ou de fé e não estão livres dos acidentes que podem abreviar os seus dias. Mas como os desígnios de Deus não estão à mercê de um homem, o que um não faz, o outro é chamado a fazer. Eis por que há muitos chamados e poucos escolhidos. Feliz aquele que realiza sua missão segundo as vistas de Deus e sem desfalecimento!⁷⁹

Nestório, uma encarnação pretérita de Emmanuel, esclarece a relação desses espíritos com Jesus:

Esses Espíritos amorosos e justos, que se iluminaram interiormente pela compreensão e aplicação dos ensinamentos em toda a vida, estarão mais perto do seu coração misericordioso, cujas pulsações sagradas repercutem em nosso próprio ser, pela magnanimidade infinita que sentimos em torno de nossa alma, em todos os passos desta vida! [...] Tais criaturas são desde já seus irmãos mais próximos, pela iluminação evangélica no cumprimento das leis do amor e do perdão.⁸⁰

Emmanuel, em elucidativa explicação que afasta uma criação estabelecida pela interpretação humana, anota que a expressão “espírito santo”, contida nas escrituras, diz respeito “à legião dos Espíritos redimidos e santificados que cooperam com o Divino Mestre, desde os primeiros dias da organização terrestre, sob a misericórdia de Deus”.⁸¹

Apocalipse 8

Síntese: a abertura do último selo dá origem a anúncios mediúnicos gerais, ilustrados pelas sete trombetas.

1 E, havendo aberto o sétimo selo, fez-se silêncio no céu quase por meia hora.

2 E vi os sete anjos, que estavam diante de Deus, e foram-lhes dadas sete trombetas.

3 E veio outro anjo, e pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso, para o pôr com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro, que está diante do trono.

4 E a fumaça do incenso subiu com as orações dos santos desde a mão do anjo até diante de Deus.

5 E o anjo tomou o incensário, e o encheu do fogo do altar, e o lançou sobre a terra; e houve depois vozes, e trovões, e relâmpagos e terremotos.

6 E os sete anjos, que tinham as sete trombetas, prepararam-se para tocá-las.

O sétimo e último selo aciona sete trombetas.

A mediunidade de Francisco Cândido Xavier oferece uma chave hermenêutica para a compreensão do símbolo da trombeta. André Luiz associa a trombeta à mediunidade de premonição.⁸² Humberto de Campos faz um paralelo com a palavra que procede do céu.⁸³ Emmanuel refere-se à trombeta personificada no discípulo do Evangelho, do qual se deve esperar avisos seguros.⁸⁴

Este último apontamento, por parte do mentor espiritual de Chico Xavier, foi tecido em comentário ao seguinte versículo: “Porque, se a trombeta der sonido incerto, quem se preparará para a batalha?” (1 Co 14:8).

Essa passagem bíblica auxilia-nos a identificar a trombeta como alerta por via da mediunidade. Especialmente, o trecho destaca a fase do Apocalipse que se amolda à festividade do Rosh Hashanah ou Festa das Trombetas, quando as Shofars são tocadas a fim de reunir o “povo de

Israel” para alertar-lhe sobre a proximidade do Dia da Expição (Yom Kippur). Na ilustração, o povo representa toda a humanidade.

Nessa linha, tenha-se que a visualização da “grande espada” (Ap 6:4) suscita o versículo do livro de Ezequiel: “E, vendo ele que a espada vem sobre a terra, tocar a trombeta e avisar o povo” (Ez 33:3). Humberto de Campos emprega a expressão “grande espada” para referir-se à dor.⁸⁵ Talvez seja uma de tantas chaves hermenêuticas deixadas por esse espírito. Ainda assim, cumpre identificar a correlação das três partes gerais do Apocalipse (Rosh Hashanah, Yom Kippur e Sukkot), que se amoldam as três fases de Dn 5:25-28 (Mane - Thecel - Pharés), conforme relacionado por Emmanuel.

O tocar das trombetas, na fase do Rosh Hashanah, consiste no anúncio da expiação, ou seja, o conjunto das trombetas informa que o Dia do Senhor já está próximo (Jl 2:1). Dentre as previsões, incluem-se os duros vaticínios “contra as cidades fortificadas e contra as torres altas” (Sf 1:16), que serão avaliados adiante.

Esses anúncios são realizados para chamar a atenção sobre as provações futuras e para o preparo da ceifa (Pharés), cabendo aqui a seguinte previsão de Jesus: “E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus” (Mt 24:31).

Apocalipse 9

Síntese: o capítulo nove faz o levantamento do fenômeno das guerras no período de transição. Ainda, introduz os três “ais” relativos à Igreja romana.

1 E o quinto anjo tocou a sua trombeta, e vi uma estrela que do céu caiu na terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo.

2 E abriu o poço do abismo, e subiu fumaça do poço, como a fumaça de uma grande fornalha, e com a fumaça do poço escureceu-se o sol e o ar.

3 E da fumaça vieram gafanhotos sobre a terra; e foi-lhes dado poder, como o poder que têm os escorpiões da terra.

A quinta trombeta anuncia as guerras no período de transição.

Em texto que apresenta uma alegoria sobre a lei de destruição e as guerras, Humberto de Campos tece uma descrição semelhante à de Ap 9:1-2:

Em seguida, cumprindo ordens divinas, alguns anjos desceram aos infernos e libertaram perigoso monstro sem olhos e sem ouvidos, mas com milhões de garras e bocas. Foi então que, desde esse dia, o monstro cego e surdo da guerra acompanha os pastores do bem, a fim de exterminar, em tormentas de suor e lágrimas, tudo o que, na Terra, constitua obra de vaidade e orgulho, egoísmo e tirania dos homens, contrários aos sublimes desígnios de Deus.⁸⁶

A ilustração é a mesma, no sentido de que anjos descem aos planos mais inferiores (= poço do abismo) para “liberar” a guerra. Humberto de Campos refere-se à expressão “monstro da guerra”, que é reproduzida outras vezes pela mediunidade de Chico Xavier. O problema dos conflitos sangrentos é frequentemente citado através do médium como questão capital para a transição planetária.

O relato bíblico faz referência a gafanhotos e escorpiões. O capítulo em destaque evidencia o sentido de que se tratam de máquinas de guerra. Na sua visão mediúnica, João interpreta tecnologias que não conhecia com os parâmetros do contexto em que viveu.

Cabe considerar que a interpretação do conjunto dos capítulos 9, 10 e 11 do Apocalipse é especialmente desafiadora. Para compreensão do que tratam esses capítulos, é necessário avaliar o conjunto dos “três ais” (Ap 8:13; 9:12; 11:14), que estão relacionados as três últimas trombetas. No caso do segundo “ai”, que diz respeito à inquisição, a relação com a segunda trombeta é indireta.

Uma interpretação sistemática desses três capítulos permite considerar que se tratam de padecimentos (ais) relativos à grande prostituta, que é a besta apocalíptica. A pergunta inicial, para retirar a mensagem dos símbolos, está em Provérbios 23:29: “Para quem são os ais? Para quem os pesares? Para quem as pelejas? Para quem as queixas? Para quem as feridas sem causa? E para quem os olhos vermelhos?”

A partir dessa indagação, que nos leva a responder para quem são direcionados os “três ais”, e com o auxílio da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, foi possível obter

algumas conclusões satisfatórias. Apresentamo-las aos estudiosos na linha do livre exame.

Na busca pela compreensão do objeto desses capítulos, foi fundamental identificar a personalidade de Francisco de Assis na condição de um dos dois principais auxiliares do Cristo (Ap 11:3). Emmanuel, na obra *A caminho da luz*, elucida o envio de Francisco de Assis no contexto dos mais dolorosos desvios do institucionalismo romano. Esse parâmetro nos permitiu situar os capítulos 9, 10 e 11 do Apocalipse em paralelo com o capítulo da citada obra cujo título é “Os abusos do poder religioso”.

Outro desafio à leitura do conjunto dos capítulos 9, 10 e 11 do Apocalipse é o fato de apresentar dois assuntos entrecruzados. Enquanto a mediunidade de João descreve a guerra e suas máquinas, de permeio são relatados os mais salientes desvios da Igreja romana. A apresentação paralela desses assuntos gera dúvidas, principalmente sobre a relação entre um e outro. Adiante serão transcritas preciosas lições da lavra mediúnica de Chico Xavier que ajudam a explicar essa relação.

Assim, Ap 9:5-6, e Ap 9:12 tratam do primeiro “ai” (Cruzadas). Na sequência, Ap 9:7-10 trata das máquinas de guerra e seu poder destrutivo. Já Ap 9:13-16 e Ap 11:7-14 tratam do segundo “ai” (Inquisição). Em Ap 9:17-21 tem-se nova descrição de máquinas de guerras. Por fim, em Ap 11:15-19 está descrito o terceiro “ai” para a Igreja romana (advento das novas luzes e do Espírito da Verdade). Assim, os “ais” são para a grande prostituta (Ap 17:1; 19:2), embriagada do sangue dos santos (Ap 16:6; 17:6; 18: 24), que é o próprio institucionalismo romano com pretensões de cristianismo.

Entendemos que o arranjo apresentado por Emmanuel permite enquadrar Ap 9:5-6 e 9:12 no contexto das Cruzadas. Na situação de guerras travadas em nome de Jesus, com manifesto “caráter anticristão”⁸⁷, cabe concluir que se tratam de conflitos para os quais seus agentes não receberam autoridade, encontravam-se especialmente desautorizados a matar (Ap 9:5). Afinal, Jesus ensinou que “todos que lançarem mão da espada, à espada morrerão” (Mt 26:52).

Outra conexão importante realizada pela psicografia de Chico Xavier, que permite relacionar as Cruzadas a esse setor do Apocalipse, é o poema pelo espírito de Castro Alves, intitulado “Rogativa”, datado de 17-10-1990, que ao comentar a Guerra do Golfo (02-08-1990 a 28-02-1991) lembra-se das iniquidades cometidas nos ditos conflitos santos:

[...] De espírito transformado

Operando mentalmente

Volto ao meu próprio passado...

Vejo a Guerra das Cruzadas,

Homens munidos de espadas

Montam soberbos corcéis;

Crianças abandonadas

Procuram mães desoladas,

Sofrendo golpes cruéis!...

Eis-me também nas Cruzadas...

A guerra é longa e sangrenta,

O Homem não se contenta,

Crê no ódio, mais e mais;

Nada suprime a matança,

Morre a paz sem esperança,

Gerando embates fatais...

A batalha continua... [...].⁸⁸

Ocorre que os conflitos no Golfo Pérsico estão diretamente relacionados à sexta taça (Ap 16:12), o que será abordado oportunamente.

Nas palavras de Bittencourt Sampaio, os conflitos da história recente apenas despertam os antigos “fantasmas” do passado:

O fantasma do passado está sempre aí, rememorando as épocas tigrinas. A invasão, a chacina, as lutas fratricidas condenadas por todas as vozes que se dirigiram ao orbe em nome da Potência Suprema do Universo aí revivem em moldes de perversidades cada vez mais requintadas, e o coração da humanidade sofredora se dilacera no círculo dessas vibrações antagônicas e destruidoras. As guerras de antanho, feitas pela ambição das conquistas, são hoje metamorfoseadas em movimentos de expansionismos injustificáveis e em vez de criarem os povos leis benfazejas,

que regulem os fenômenos sociais, abalançam-se a temerosas aventuras, contrariando as disposições de todos os estatutos outorgados ao planeta pelas experiências da civilização.⁸⁹

Da mesma forma, a vinculação espiritual entre essas batalhas, estabelecida pela psicografia de Chico Xavier, merece atenção. “Passado é já um ai; eis que depois disso vêm ainda dois morte” (Ap 2:11).

O primeiro “ai”, conforme sustentamos, consistiram nas Cruzadas. Nesse sentido, o “ai” é uma interjeição que exprime o lamento de quem contempla as ações e as vicissitudes do institucionalismo romano.

14 A qual dizia ao sexto anjo, que tinha a trombeta: Solta os quatro anjos, que estão presos junto ao grande rio Eufrates.

15 E foram soltos os quatro anjos, que estavam preparados para a hora, e dia, e mês, e ano, a fim de matarem a terça parte dos homens.

16 E o número dos exércitos dos cavaleiros era de duzentos milhões; e ouvi o número deles.

Entendemos que a menção à liberação de espíritos que atuariam a lei de causa e efeito, bem como a lei de destruição (Ap 9:11) é para marcar uma vinculação entre Ap 9:14 e Ap 16:12, como recado deixado à posteridade. Isso permite compreender a origem espiritual dos abalos finais previstos em Ap 16:12, que ainda não chegaram ao seu

término. Castro Alves, no já citado poema, comenta a vinculação:

[...] No Golfo Pérsico é noite...

Revejo a nuvem da guerra,
Pairando, acima da Terra,
A espalhar-se na amplidão...

No bojo dos grandes barcos,
Em mesas enfileiradas,
Ouço frases cochichadas
Exprimindo inquietação.

Nos guerreiros veteranos,
Há silêncio, não há voz...

E vendo luz ao meu lado
Entro na bênção da prece,
Pedindo a Deus,
Fortaleça a todos nós.

Fitando o Alto, eis que imploro:

“Ah! meu Pai, por que, meu Deus,

Por que deste tanto ódio,

Aos teus filhos e irmãos meus?”

[...]

Sei que o conflito iminente

Pode surgir de repente...

De espírito transformado

Operando mentalmente

Volto ao meu próprio passado...

Vejo a Guerra das Cruzadas [...].⁹⁰

Não é sem propósito, portanto, que Chico Xavier, ao comentar os conflitos da atualidade, faz um resgate do passado cármico erigido desde o tempo das Cruzadas. Assim ele respondeu à entrevista conduzida pela apresentadora Hebe Camargo, em 1985:

Hebe, muitas vezes nós falamos em fim do mundo, mas a verdade é que se houver um fim do mundo, esse fim do

mundo se debitará à ambição e ao ódio entre os homens, mas não a uma ordem divina. Vejamos bem a questão dos armamentos. Os armamentos são cada vez mais especializados para veicular a morte de milhões de pessoas. Então, o homem não tem o que indagar sobre o fim do mundo, porque qualquer transformação mais trágica do mundo virá do homem e não da bondade de Deus. Agora, sobre os nossos tempos, nós vamos pensar num problema que deve ser examinado. Nós estamos no término de um milênio, o segundo milênio da vida cristã. Este segundo milênio foi caracterizado por guerras quase que constantes, sendo que a primeira durou 195 anos em que os homens se exterminaram uns aos outros, criando dificuldades cármicas muito grandes para a Humanidade. Foram as guerras das cruzadas. Elas persistiram pelo espaço de quase 200 anos, de 1098 a 1229, de mais ou menos por aí, de modo que começou a guerra entre os cristãos e os não cristãos. E as lutas foram terríveis. De acordo com as possibilidades bélicas daquele tempo, no princípio do milênio, elas foram tão cruéis quanto as de agora, em que a inteligência humana refinou o processo de extermínio. De modo que tivemos guerras numerosas, entre as quais, vamos destacar, uma que durou cem anos, entre a França e a Inglaterra, no século XIV e no século XV. Essas guerras não foram brincadeira. As criaturas humanas adquiriram fichas cármicas muito dolorosas, porque tudo aquilo que nós semeamos, nós devemos colher. Então, no fim deste século, nós estamos colhendo o que nós temos semeado, quase que desde o seu princípio. Tivemos, agora, ao que nos parece, se é verdade o que a Imprensa veiculou sobre o encontro de Genebra, os maiores estadistas, os chefes das superpotências, eles combinaram que não se deve endossar nem praticar a guerra nuclear, porque nessa guerra nuclear não haverá vencedores. Isto já é o princípio de uma bênção de Nosso Senhor Jesus Cristo para sossegar a fúria do ódio

entre as Nações e atenuar os sofrimentos criados pelos próprios homens sobre as suas próprias cabeças.⁹¹

17 E assim vi os cavalos nesta visão; e os que sobre eles cavalgavam tinham couraças de fogo, e de jacinto, e de enxofre; e as cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões; e de suas bocas saía fogo e fumaça e enxofre.

18 Por estes três foi morta a terça parte dos homens, isto é, pelo fogo, pela fumaça, e pelo enxofre, que saíam das suas bocas.

19 Porque o poder dos cavalos está na sua boca e nas suas caudas. Porquanto as suas caudas são semelhantes a serpentes, e têm cabeças, e com elas danificam.

20 E os outros homens, que não foram mortos por estas pragas, não se arrependeram das obras de suas mãos, para não adorarem os demônios, e os ídolos de ouro, e de prata, e de bronze, e de pedra, e de madeira, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar.

21 E não se arrependeram dos seus homicídios, nem das suas feitiçarias, nem da sua fornicação, nem dos seus furtos.

Na sequência, o importantíssimo capítulo 9 aduz visões do Apóstolo João que novamente permitem identificar máquinas de guerra. No trecho 17-19, a impressão que fica é a de descrição de tanques de guerra, ou de lançadores de mísseis, o que se pode concluir a partir dos seguintes elementos: (i) couraças de fogo; (ii) fogo, fumaça e enxofre (pólvora) expelidos pela boca; (iii) poder de destruição nas

bocas e nas caudas; (iv) caudas semelhantes a serpentes, cujas cabeças (ogivas) danificam.

Os ídolos que não podem ver, ouvir e andar constituem as buscas materialistas da civilização atual, que bem perpetuam a cultura ariana. A manutenção desse estado, no orbe, pode nos conduzir para mais um confronto sob ameaça atômica. Não obstante os inúmeros avisos espirituais e apesar dos horrores das guerras mundiais já experimentados, a humanidade parece caminhar para outro encontro destrutivo. Se tal ocorrer, pode-se compreender o lamento grafado em Ap 9:20,21, sobre o fato de os homens não se arrependem de seus erros clamorosos.

O capítulo 9, assim, destaca o problema das guerras no período de transição. E não foram poucas as advertências de Chico Xavier nesse sentido. Sobre o tema, constata-se ao menos seis registros colhidos diretamente do grande médium brasileiro.

O primeiro é a sua entrevista, intitulada como Pinga-fogo, dada à TV Tupi, em 1971, quando previu a possibilidade de a humanidade envolver-se, dentro dos cinquenta anos subsequentes, num conflito de grandes proporções:

Nós nos encontramos no limiar de uma era extraordinária, se nos mostrarmos capacitados coletivamente a recebê-la com a dignidade devida. Se os países mais cultos do globo puderem suportar a pressão dos seus próprios problemas, sem entrar em choques destrutivos, como, por exemplo: guerra de extermínio, que deixará consequências imprevisíveis para nós todos no planeta, então veremos uma era extraordinariamente maravilhosa para o homem, porque a própria automação - diz ele - nos está dizendo que

vamos ser aliviados ou quase que aposentados do trabalho mais rude no trato com o planeta, para a educação da nossa vida mental, através de informações sobre o Universo com proveito enorme, proveito incalculável para benefício da humanidade. Mas isso terá um preço. Será o preço da paz. Se pudermos nos, suportar uns aos outros, amar uns aos outros, seguindo os preceitos de Jesus, até que essa era prevaleça, provavelmente no próximo milênio, não sabemos se no princípio, se nos meados ou se no fim. O terceiro milênio nos promete maravilhas, mas se o homem, filho e herdeiro de Deus, também se mostrar digno dessas concessões. Senão vamos aguentar nós todos, talvez com as estacas zero ou quase zero para recomeçar tudo de novo. [...] Estamos subordinando a resposta ao mesmo critério com que foi estruturada a informação para a nossa estimada entrevistadora que falou sobre a nova era. Se não entrarmos numa guerra de extermínio nos próximos 50 anos, então nós podemos esperar realizações extraordinárias da ciência humana partindo da Lua.⁹²

O segundo é a entrevista concedida à apresentadora Hebe Camargo, em 1985, oportunidade em que foi mencionada expressamente a possibilidade de uma terceira guerra mundial:

HEBE – Mas, Chico, paira sobre nossas cabeças a profecia de uma terceira guerra...

CHICO – Tudo indica que se não trabalharmos coletivamente com todos os meios ao nosso alcance para que isto seja evitado, de fato uma nova calamidade pode ocorrer sobre nós.⁹³

O terceiro é o vídeo de data desconhecida, talvez gravado por volta de 1986, em que consta a seguinte manifestação do médium:

Estamos certos de que o mundo caminha para grandes realizações caso uma grande guerra não venha nos perturbar. [...] Vida pertence a nós todos. Que o mesmo sol nos cobre e nos vitaliza as energias. Que as mesmas fontes nos dessedentam. [...] Mas, naturalmente, se acalentarmos essas tendências de natureza inferior, a soma de tudo isso tem um nome só: o nome de guerra. Que infelizmente parece se aproximar, mas que devemos fazer tudo para evitar, porque a guerra é um dos maiores pesadelos do mundo e um dos maiores perigos da história humana. Façamos força, cada um de nós, para que a paz esteja conosco e que desistamos todos de viver à procura daquilo que pertence aos outros, porque cada um de nós pode estar contente na situação em que se encontra. Quando nós já estivermos satisfeitos com aquilo que temos, tudo indica que a guerra deixará de existir, porque começará dos grandes povos. E essa atitude virá também descendo ao encontro daqueles povos que estão caminhando para uma evolução maior.⁹⁴

O quarto é o trecho de documentário da FEESP, de 1987:

A maior mensagem nos dias de hoje ainda é aquela do Cristo: amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Porque se nós colocarmos essa legenda em prática, nós estaremos livres da calamidade da guerra que está pendente sobre nós.⁹⁵

O quinto é o seguinte excerto do Programa “Terceira Visão”, da TV Bandeirantes, de 1987:

Eu não vejo qualquer ideia de superação de Allan Kardec nos dias de hoje, até mesmo a discutida página sobre duelos está perfeitamente simbolizada nos conflitos que estamos vivendo, não a peso de armas, mas no campo vibratório. Os duelos no campo vibratório são tamanhos que somos obrigados a pensar em conflito internacional. [...] Porque nós precisamos de paz. Mas que paz que nós temos se o nosso sentimento está torturado com ilusões que não se compadecem com nossa formação e quando a nossa cabeça está esfoliada por remorsos justos ou injustos? Mas que nos obrigam a sofrer por determinadas questões. Então eu creio que o Evangelho de Jesus nos traça normas para a vida simples e feliz. Se os homens de Estado procurassem de fato ouvir o que Jesus nos ensina nos Evangelhos, as próprias grandes guerras seriam evitadas, porque em cada comunidade teríamos homens responsáveis para orientar os seus contemporâneos, sem tanta complicação e sem tanta sofisticação que as pessoas encontram fora do ensinamento de Cristo.⁹⁶

O sexto é uma manifestação externada em palestra no Centro Espírita Perseverança, em São Paulo, realizada em 27-12-1992, sobre possíveis migrações de irmãos de outras terras para o Brasil, que virão em busca de paz:

O nosso Emmanuel é de opinião que dentro do mundo turbulento, com a incompreensão comandando tantos corações, tantos milhões de pessoas, não pode ser motivo de dúvida para nós que o Brasil é o coração do mundo. [...] Quanto à conceituação de Pátria do Evangelho, nós somos compelidos a pensar no futuro, quando teremos, talvez, necessidade de exemplificarmos, até com o sacrifício, o Evangelho que nos foi confiado por Nosso Senhor Jesus Cristo. Sem nos esquecermos que, do ponto de vista evangélico, até Ele foi atingido pelo sacrifício extremo, para dar-nos essa alvorada maravilhosa, que é a doutrina de luz que nós abraçamos e que nos une a todos num abraço só, num só coração. Chegada essa época, naturalmente seremos compelidos a testemunhos e a exemplificações. E, agora, no antes das lutas maiores que o porvir nos reserva, serão horas difíceis que nós, como filhos da Pátria do Evangelho, devemos exemplificar e esperar. Preparemo-nos para um mundo de fraternidade, de fraternidade verdadeira, em nos referindo à comunidade das nações. Preparemo-nos, talvez, para abraçar os filhos de outras terras que virão até o coração de nosso país, buscando a paz desejada, que para eles têm sido tão difícil de ser encontrada. Somos, em verdade, geograficamente falando, o coração do mundo. E como filhos da Pátria do Evangelho, somos chamados a exemplificar o que aprendemos, o que ensinamos, o que constitui a razão de nossas vidas. Que Deus nos abençoe, para sermos dignos da proteção que tem sido espalhada por todos os recantos do nosso país. E a prova disso é que as dissidências havidas, os obstáculos expostos a nós outros, não nos levaram a nenhuma cena de sangue. Que a violência existe no Brasil é a que existe no mundo, mas como povo nós temos sabido honrar a destinação a que fomos chamados. Como povo temos sofrido reviravoltas enormes, inconformações, dilapidações, faltas graves daqueles que foram chamados a dirigir os nossos destinos. Mas as nossas mãos não se sujaram com sangue fraterno.

Quantos povos, por muito menos, acharam na rebelião e na indisciplina a porta falsa a que eles se atiraram para encontrarem dificuldades muito maiores. Assim, somos, sim, pela grandeza da terra em que nós renascemos, nós somos filhos do coração do mundo. E o Senhor nos fortalecerá para sermos filhos também da Pátria do Evangelho, quando soar a hora a que formos chamados para a grande renovação.⁹⁷

Por todas essas manifestações, percebe-se que Chico Xavier nos alertava para a possibilidade de uma terceira guerra mundial, na esteira do que temos interpretado do versículo em análise. É verdade que o último texto em destaque não aborda a questão diretamente. Contudo, a referência indireta é evidente. Basta considerar que se irmãos de outras pátrias poderiam buscar a paz no Brasil é porque existe a hipótese de uma guerra. Faz-se necessário demonstrar que a mediunidade de Francisco Cândido Xavier apresentou o tema guerra na condição de ponto capital para as trilhas futuras da humanidade na fase de regeneração. Emmanuel, na mensagem “Ante os mundos superiores”, indica que não caminharemos para a fase posterior de nossa evolução sem extirpamos de vez do planeta o “monstro da guerra”:

Não podemos alhear-nos do preço que a Terra pagará pela promoção. Sem dúvida, os campos ideológicos da vida internacional entrarão em conflitos encarniçados pelo domínio. As nuvens de ódio que se avolumam, na psicosfera do Planeta, rebentarão em tormentas arrasadoras sobre as comunidades terrestres. Contudo, as vibrações do sofrimento coletivo funcionarão por radioterapia na esfera das almas, sanando a alienação mental dos povos que

sustentam as chagas da miséria, em nome da ideia de Deus, e daqueles outros que pretendem extirpá-las, banindo a ideia de Deus das próprias cogitações. Engenhos de extermínio desintegrarão os quistos raciais e as cadeias que amordaçam o pensamento, remediando as agonias econômicas da Humanidade e dissipando as correntes envenenadas do materialismo, a estender-se por afrodisíaco da irresponsabilidade moral. Enunciando, porém, semelhantes verdades, é forçoso dizer que não somos profetas do belicismo, nem Cassandra do terror. Examinamos simplesmente o quadro escuro que as nações poderosas organizaram e que lhes atormenta, hoje, os gabinetes de governança, ainda mesmo quando se esforçam por disfarçá-lo nos banquetes políticos e nos votos de paz. E, ao fazê-lo, desejamos apenas asseverar a nossa fé positiva no grande futuro, quando o homem, superior a todas as contingências, respirar, enfim, livre dos polvos da guerra que lhe sugam as energias e lhe entornam inutilmente o sangue em esgotos de lágrimas.⁹⁸

Nestório, personalidade envergada por Emmanuel na época retratada no livro Cinquenta anos depois, afirmou:

Até agora, as águias romanas dominam todas as regiões e todos os mares; mas dia virá em que esses símbolos de ambição e tirania hão de rolar dos seus pedestais, numa tempestade de cinzas e sombras! [...] Outros povos serão chamados a dirigir os movimentos do mundo. Mas, enquanto o espírito agressivo da guerra permanecer entre os homens, qual monstro de ruína e de sangue, é sinal de que as criaturas não se realizaram interiormente para serem os irmãos do Mestre, puros e pacíficos.⁹⁹

Pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, o espírito de Cid Franco destacou a necessidade da vivência do Evangelho para a superação do paradigma bélico ainda vigente no planeta:

Que será de nós se não sobrevivermos em Cristo tanto quanto o Cristo busca sobreviver em nós? Não passaremos de símios acorrentados à teia dos cromossomos, nascendo, morrendo e renascendo a fim de aprender a edificar a vida pelo amor, mas acabando por ceder às tentações do ódio para destruí-la qual vem acontecendo na sucessão dos evos. Que será de nós sem a sobrevivência em Cristo? Quem livrará os povos superdesenvolvidos dos polvos da ambição e dos cogumelos do extermínio? [...] Que será de nós se não sobrevivermos em Cristo? Sem Ele, ai de vós entregues às mandíbulas das máquinas, semelhantes a Moloques insaciáveis do sangue das vítimas! [...] Sem sobrevivermos em Cristo, na marcha em direção à solidariedade isenta das pedras do sarcasmo e livre dos punhos e golpes da violência, não passaremos de animais amando e odiando, edificando e arrasando, nas viagens de ida e volta berço-túmulo e túmulo-berço, embora refulgindo no ápice das conquistas biológicas, transistorizadas em nossas lembranças ancestrais a rebentarem através de guerras e mais guerras, conforme a filosofia do imanente e segundo o registro do imemorial.¹⁰⁰

O espírito de Humberto de Campos aponta o obstáculo dos milenários “polvos da guerra”:

Movimentam-se os gênios da sombra, no fundo vale humano [...] São os milenários polvos da guerra e do arrasamento a se reerguerem da cinza dos séculos, ameaçando a civilização. Invadem países e dominam povos, devoram lares e templos, escarnecem dos ideais superiores que alimentam a humanidade e separam irmãos com o gládio da morte.¹⁰¹

De maneira mais enfática, Chico Xavier, na já citada entrevista à Hebe Camargo (1985), faz referência ao “saldo cármico” do planeta, em virtude das guerras anteriores, e reafirma o que disse ao público na TV Tupi em 1971, sobre a necessidade de a humanidade pagar o preço da paz, pressuposto para uma regeneração sob melhores perspectivas:

Tudo indica que se não trabalharmos coletivamente com todos os meios ao nosso alcance para que isto seja evitado, de fato uma nova calamidade pode ocorrer sobre nós. Agora, vamos fazer a força possível para que isto não aconteça ou que aconteça pelo mínimo, se é que nós não podemos estar livres de débitos tão grandes. De modo que se nós pudéssemos incentivar o princípio de paz em todos os lugares, em todos os corações, se nós conseguíssemos levar a mensagem de Nosso Senhor Jesus Cristo sem reparação, sem dogmas, sem qualquer ideia de hegemonia de interpretação de um ponto de vista religioso sobre outro, se nós pudéssemos levar para frente aquela bandeira que ele nos deu, declarando positivamente: “Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei”.¹⁰²

Em fundamental texto, pouco explorado por estudos espíritas, embora repleto de chaves hermenêuticas para o Apocalipse, o espírito de Humberto de Campos afirma que o clima espiritual da humanidade ainda é de “uma atmosfera terrível de destruição” e dá a entender que o paradigma armamentista/bélico no qual se encontram inseridas as potências da atualidade somente encontrará um fim “sob escombros fumegantes”:

Os pensadores, Maria Lacerda, são impotentes para salvar o mundo da desgraça em que ele próprio submergiu. A confusão tem de processar-se, para que se destrua o edifício milenar dos hábitos e dos preconceitos de toda ordem. Uma vida nova terá de florescer sobre os alicerces da morte. Todos os que lutaram, e os que se encontram lutando ainda pelo esclarecimento da coletividade, são frutos extemporâneos da civilização do futuro. Eles oferecem um roteiro de liberdades fulgurantes; mas, em torno do homem contemporâneo, respira-se ainda uma atmosfera terrível de destruição. [...] Um dos pensadores modernos, contemplando o aspecto doloroso da atualidade, concluía tristemente que, se o homem contemporâneo considera natural o extermínio de mulheres e crianças nos últimos movimentos bélicos do planeta, não será extraordinário, daqui a alguns anos, que os homens se devorem uns aos outros [Ap 17, 16; 19, 18]. De fato, a criatura humana parece regredir à noite escura e misteriosa das suas origens. Todavia, o estudo psicológico dessa situação nos conduz a muitas reflexões sobre as suas causas profundas, e concluímos que os homens atuais são mais infelizes que perversos. O que se intensificou em toda a parte da Terra, arruinando os setores da atividade humana, foi aquela crise espiritual a que Gandhi se refere em suas exortações. O Ocidente poderia salvar-se,

conservando o equilíbrio do mundo, se o Cristianismo, em sua simplicidade e pureza, não fosse deturpado pelas igrejas mercenárias. A moral cristã teria fatalmente de evoluir para a simplificação suprema da vida, se os religiosos não a tivessem asfixiado no cárcere estreito de suas cogitações político-sociais. E o resultado de tão nefastos empreendimentos é a atualidade dos homens, inçada de morticínios e crivada de dores. Contudo, há uma providência misericordiosa acompanhando os surtos evolutivos da Terra e, na hora justa dos abalos sociais de toda natureza, os túmulos se enchem de vozes e de revelações consoladoras, realizando profecias. Fascismo, ditaduras para o proletariado, falsas democracias, terão de desaparecer nos fragores da luta, para que a política espiritualista inaugure o direito novo, a lei nova, controladores de todos os fenômenos da economia dos povos. O homem compreenderá então a necessidade de um imperativo de paz, solidário com o progresso espiritual dos outros mundos. [...] E, de você, Maria Lacerda, que vive espiritualmente na vanguarda dos tempos, nós esperamos um grande coeficiente de forças em favor do nosso triunfo na alma das massas. A sua acurada percepção pode reconhecer a vigorosa andaimaria do edifício do porvir, pois não está longe o dia em que os homens se cansarão de lutar uns com os outros, espalhando a miséria e o extermínio. Os lobos famintos da civilização armamentista ficarão sob os escombros fumegantes de suas grandezas [Ap 18:8-9, 17-19], e a alma cristã cantará a glória dos pacíficos e dos bem-aventurados [Ap 19:1].¹⁰³

Sempre submetendo a presente pesquisa aos estudiosos, entendemos que este último texto permite uma vinculação do capítulo 9 do Apocalipse ao que consta no seu capítulo 18, versículos 8-9, 17-19. É verdade que o último texto

citado foi psicografado em 1937. Sobre esse fato, seria possível levantar a hipótese de que a mensagem se referia à Segunda Guerra Mundial, que naquele período teria se consumado. Todavia, esse não é um bom argumento para objetar as constatações sob foco. Demonstrou-se que Francisco Cândido Xavier confirmou, ao longo de sua vida, mesmo após o término da Segunda Guerra Mundial, o perigo de outro conflito global, que interpretamos como o derradeiro desafio à cultura ariana. De toda forma, é preciso atenção ao texto. Nele faz-se referência a homens cansados de lutar uns com os outros. A escalada armamentista promovida pelas grandes potências da atualidade demonstra o contrário. No texto menciona-se os lobos famintos da civilização armamentista sob os escombros fumegantes de suas grandezas, o que contraria a pujança bélica dos tempos que correm. Além desse arranjo, digno de toda atenção, tenha-se a advertência de Emmanuel ao afirmar que o início do século XX representa um marco em matéria de guerras:

Época de lutas amargas, desde os primeiros anos deste século a guerra se aninhou com caráter permanente em quase todas as regiões do planeta. A Liga das Nações, o Tratado de Versalhes, bem como todos os pactos de segurança da paz, não têm sido senão fenômenos da própria guerra, que somente terminarão com o apogeu dessas lutas fratricidas, no processo de seleção final das expressões espirituais da vida terrestre.¹⁰⁴

Fernando Worm, também conhecido como “Fernando Ós”, relata uma revelação, datada de 1985, de Chico Xavier para a sra. Aparecida, fundadora do Hospital do Pênfigo de

Uberaba-MG: “O fogo virá do Oriente. E multidões migrarão para a Amazônia Brasileira.”¹⁰⁵ O autor relata essa manifestação de Chico Xavier no contexto em que analisa a possibilidade de uma guerra nuclear no planeta. Essa afirmativa amolda-se ao que consta em Mt 24:27, trecho em que Jesus comenta sobre o fim dos tempos: “Porque, assim como o relâmpago sai do Oriente e se mostra até ao Ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem”. Cuida-se de importante manifestação do Mestre.

Para finalizar os comentários desse capítulo do Apocalipse, deve-se elucidar a relação entre o fenômeno das guerras e os “ais” da Igreja romana. Cabe compreender o motivo que levou a essa costura entre assuntos que, numa primeira avaliação, não se corresponderiam. A explicação é apresentada por Humberto de Campos:

O que se intensificou em toda a parte da Terra, arruinando os setores da atividade humana, foi aquela crise espiritual a que Gandhi se refere em suas exortações. O Ocidente poderia salvar-se, conservando o equilíbrio do mundo, se o Cristianismo, em sua simplicidade e pureza, não fosse deturpado pelas igrejas mercenárias. A moral cristã teria fatalmente de evoluir para a simplificação suprema da vida, se os religiosos não a tivessem asfixiado no cárcere estreito de suas cogitações político-sociais. E o resultado de tão nefastos empreendimentos é a atualidade dos homens, inçada de morticínios e crivada de dores.¹⁰⁶

Em suma, o planeta teria se conduzido por outro rumo se o institucionalismo religioso não houvesse privado da humanidade os exemplos e puros ensinamentos de Jesus.¹⁰⁷

Emmanuel, no texto “Nas convulsões do século XX”, que será melhor comentado adiante, vincula a ausência de cristianização dos homens com o fenômeno das guerras.

Também de Emmanuel é possível depreender que as lutas fraticidas em nome do Cristo, dentre os demais desvios do institucionalismo religioso, deram causa a um entrelaçamento da Igreja romana com o “ódio dos vencidos e dos humilhados”¹⁰⁸, estabelecendo um “laço pesado e tenebroso” entre ela e os povos que prejudicou.¹⁰⁹ Significa dizer que a Igreja romana contraiu “dívidas penosas”, “criando negras perspectivas” para o futuro¹¹⁰, motivo pelo qual “agora lhe pairam sobre a fronte os mais sinistros vaticínios”.¹¹¹ Daí porque em Ap 9:14 encontra-se a sua vinculação às forças destruidoras que partem da região em que se encontra situado o Rio Eufrates (Ap 7:1-3; 9:14-15).

Apocalipse 10

Síntese: neste trecho da revelação são apresentadas alegorias que versam sobre a finalidade da mensagem do Apocalipse para o planeta.

1 E vi outro anjo forte, que descia do céu, vestido de uma nuvem; e por cima da sua cabeça estava o arco celeste, e o seu rosto era como o sol, e os seus pés como colunas de fogo;

2 E tinha na sua mão um livrinho aberto. E pôs o seu pé direito sobre o mar, e o esquerdo sobre a terra;

3 E clamou com grande voz, como quando ruge um leão; e, havendo clamado, os sete trovões emitiram as suas vozes.

4 E, quando os sete trovões acabaram de emitir as suas vozes, eu ia escrever; mas ouvi uma voz do céu, que me dizia: Sela o que os sete trovões emitiram, e não o escrevas.

5 E o anjo que vi estar sobre o mar e sobre a terra levantou a sua mão ao céu,

6 E jurou por aquele que vive para todo o sempre, o qual criou o céu e o que nele há, e a terra e o que nela há, e o mar e o que nele há, que não haveria mais demora;

7 Mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando tocar a sua trombeta, se cumprirá o segredo de Deus, como anunciou aos profetas, seus servos.

8 E a voz que eu do céu tinha ouvido tornou a falar comigo, e disse: Vai, e toma o livrinho aberto da mão do anjo que está em pé sobre o mar e sobre a terra.

9 E fui ao anjo, dizendo-lhe: Dá-me o livrinho. E ele disse-me: Toma-o, e come-o, e ele fará amargo o teu ventre, mas na tua boca será doce como mel.

10 E tomei o livrinho da mão do anjo, e comi-o; e na minha boca era doce como mel; e, havendo-o comido, o meu ventre ficou amargo.

11 E ele disse-me: Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e nações, e línguas e reis.

Em tamanho e extensão, o Apocalipse pode ser considerado um livrinho. Mas a verdade é que se cuida de revelação

espiritual legítima, que veio à humanidade como advertência para a necessária aplicação do Evangelho exemplificado pelo Cristo. Sua função não é a de encantar a boca, como o doce, mas a de promover mudança interior verdadeira. Sobre a finalidade das revelações de todos os tempos, explica Emmanuel, por intermédio de Francisco Cândido Xavier:

Cabe-nos, então, sentir, e, mais ainda, reconhecer, que os fenômenos da vida moderna e as modificações que nosso “habitat” terreal vem apresentando nos indicam a vizinhança de atividades renovadoras, de considerável extensão.

Daí esse afluxo de revelações da vida extraterrestre, incluindo sobre as cogitações dos homens; esses apelos reiterados do mundo dos Espíritos; essa manifestação ostensiva, daqueles que, supostamente mortos na Terra, são vivos na Eternidade, companheiros dos homens em outras faixas vibratórias do campo em que a Humanidade evolui. Toda essa eclosão de notícias, de mensagens, de avisos da Vida Espiritual, deve significar para o homem, domiciliado na Terra do presente século, a urgência do aproveitamento das lições de JESUS. Elas devem ser apreciadas em si mesmas, e examinadas igualmente no exemplo e no ensinamento de todos aqueles que, em variados setores culturais, políticos e filosóficos do globo lhe traduzem a Vontade Divina, que, na essência, é sempre a nossa jornada para o Supremo Bem.¹¹²

Diante das provações a que formos chamados, lembremos dos versos de Augusto dos Anjos: “O pranto amargo

purga a intemperança Do inferno de passados desatinos”.¹¹³

Apocalipse 11

Síntese: a Igreja romana é medida em suas ações. São mencionados os segundo e terceiro “ais” que acometeriam a besta apocalíptica. Ainda, é abordada a ação dos dois grandes “anjos” de Jesus em face dos desvios da Igreja.

1 E foi-me dada uma cana semelhante a uma vara; e chegou o anjo, e disse: Levanta-te, e mede o templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram.

2 E deixa o átrio que está fora do templo, e não o meças; porque foi dado às nações, e pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses.

3 E darei poder às minhas duas testemunhas, e profetizarão por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de saco.

4 Estas são as duas oliveiras e os dois castiçais que estão diante do Deus da terra.

5 E, se alguém lhes quiser fazer mal, fogo sairá da sua boca, e devorará os seus inimigos; e, se alguém lhes quiser fazer mal, importa que assim seja morto.

Já na fase do sopesamento (Thecel), Jesus providencia uma avaliação da situação atual no que diz respeito aos seus

seguidores, algo semelhante à conversa travada com o Apóstolo João, mencionada no texto “A ordem do Mestre”, no livro Palavras do infinito.¹¹⁴

Em algumas traduções de Ap 11:1, constata-se o texto de “cana como barra de medição”.¹¹⁵ Cuida-se de um instrumento para medir. O parâmetro de medição é a adequação ao Evangelho.

O texto faz referência à sede do institucionalismo romano (cidade santa), ao território da Europa (o átrio), bem como ao período de atuação da besta apocalíptica (42 meses, que correspondem a 1.260 dias proféticos, que, por sua vez, são 1.260 anos). Essa contagem será abordada no momento adequado (vide Ap 12).

Os símbolos remetem ao livro de Zacarias. As duas testemunhas indicam os principais auxiliares do Cristo. Dos seus vinte e quatro ministros, existem sete que são os mais elevados (Zc 4:2. Vide, ainda, Ap 4:5, Ez 1:13). Desses sete, dois são os principais auxiliares de Jesus: “Então ele disse: Estes são os dois ungidos, que estão diante do Senhor de toda a terra” (Zc 4:14).

Mas a referência não é apenas para indicar aqueles que cooperam diretamente com o Mestre. Uma leitura atenta do livro de Zacarias, para o qual remete a simbologia, sobretudo as “duas oliveiras” e os “dois castiçais”, permite compreender que Jesus já advertia sobre a besta apocalíptica desde o início. Conhecia-lhe de antemão os desvios e estava determinando aos seus dois principais emissários que corrigissem os seus rumos, por meio da exemplificação do verdadeiro Evangelho, em toda a sua simplicidade (= “vestidas de saco”). Impende ir ao texto de Zacarias para que, posteriormente, seja compreendida a mensagem:

E o anjo que falava comigo voltou, e despertou-me, como a um homem que é despertado do seu sono. E disse-me: Que vês? E eu disse: Olho, e eis que vejo um castiçal todo de ouro, e um vaso de azeite no seu topo, com as suas sete lâmpadas; e sete canudos, um para cada uma das lâmpadas que estão no seu topo. E, por cima dele, duas oliveiras, uma à direita do vaso de azeite, e outra à sua esquerda. E respondi, dizendo ao anjo que falava comigo: Senhor meu, que é isto? Então respondeu o anjo que falava comigo, dizendo-me: Não sabes tu o que é isto? E eu disse: Não, senhor meu. E respondeu-me, dizendo: Esta é a palavra do Senhor a Zorobabel, dizendo: Não por força nem por violência, mas sim pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos. Quem és tu, ó grande monte? Diante de Zorobabel tornar-te-ás uma campina; porque ele trará a pedra angular com aclamações: Graça, graça a ela. E a palavra do Senhor veio novamente a mim, dizendo: As mãos de Zorobabel têm lançado os alicerces desta casa; também as suas mãos a acabarão, para que saibais que o Senhor dos Exércitos me enviou a vós. Porque, quem despreza o dia das coisas pequenas? Pois esses se alegrarão, vendo o prumo na mão de Zorobabel; esses são os sete olhos do Senhor, que percorrem por toda a terra. Respondi mais, dizendo-lhe: Que são as duas oliveiras à direita e à esquerda do castiçal? E, respondendo-lhe outra vez, disse: Que são aqueles dois ramos de oliveira, que estão junto aos dois tubos de ouro, e que vertem de si azeite dourado? E ele me falou, dizendo: Não sabes tu o que é isto? E eu disse: Não, senhor meu. Então ele disse: Estes são os dois ungidos, que estão diante do Senhor de toda a terra (Zc 4:1-14).

Do que mais importa, no trecho em destaque, consta a advertência de que o reino de Deus será conquistado “não por força nem por violência”, mas, sim, pelo Espírito do Cristo (Zc 4:6). É exatamente o contrário do que fez o institucionalismo romano, que compactuou com a política e as forças inferiores da esfera material.

A passagem ainda indica que a besta apocalíptica, o “grande monte”, será transformado em uma campina (Zc 4:7). Outras mãos terminarão os alicerces da casa de Jesus (Zc 4:9), e as mãos da besta apocalíptica serão extintas (Zc 4:9). Segue-se um pertinente recado para o institucionalismo romano, que sempre fez conta apenas das riquezas e dos primeiros lugares: “Por que, quem despreza o dia das coisas pequenas? Pois esses se alegrarão, vendo o prumo na mão de Zorobabel” (Zc 4:10).

Eis que chegou o momento das “coisas pequenas”. Por fora das grandes instituições religiosas, e com o concurso de espíritos que se manifestaram em várias localidades do globo, iniciou-se a restauração dos ensinamentos de Jesus, em sua pureza. Bem se vê, pois, que por remissão à simbologia do livro de Zacarias a passagem reserva uma séria mensagem aos que pretendem baralhar os interesses divinos com os materiais.

Sobre os ungidos, a expressão “vestidas de saco” aponta diretamente para Francisco de Assis, reencarnação do próprio João Evangelista. O outro “anjo” é João Batista, reencarnação de Elias (Mt 11:14), referido por Jesus na condição do maior dentre os “nascidos de mulher” (Mt 11:11).

O fogo que sai das suas bocas é um símbolo para designar eficientes julgamentos ou avaliações que aqueles dois manifestam¹¹⁶: “Portanto assim diz o Senhor Deus dos

Exércitos: Porquanto disseste tal palavra, eis que converterei as minhas palavras na tua boca em fogo, e a este povo em lenha, eles serão consumidos” (Jr 5:14).

6 Estes têm poder para fechar o céu, para que não chova, nos dias da sua profecia; e têm poder sobre as águas para convertê-las em sangue, e para ferir a terra com toda a sorte de pragas, todas quantas vezes quiserem.

7 E, quando acabarem o seu testemunho, a besta que sobe do abismo lhes fará guerra, e os vencerá, e os matará.

8 E jazerão os seus corpos mortos na praça da grande cidade que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde o nosso Senhor também foi crucificado.

A passagem destaca que esses dois espíritos de notável elevação também dariam a sua cota de sacrifício, como o fez Jesus. Perseguidos e por vezes mortos, são espíritos que no plano terreno foram considerados vencidos pela besta apocalíptica. Emmanuel explica que reiteradamente Jesus encaminhou, do Alto, exortações à Igreja romana, que foram sempre identificadas como heresias:

Instalada nas suas imensas riquezas e dispondo de todo o poder e autoridade, a Igreja poucas vezes compreendeu a tarefa de amor, que competia à sua missão educativa. Habituada a mandar sem restrições, muitas vezes recebeu as advertências de Jesus à conta de heresias condenáveis, que era preciso combater e profligar. As exortações do Alto não se faziam sentir tão somente no seio das ordens

religiosas, onde penitentes humildes proporcionavam aos seus orgulhosos superiores eclesiásticos as mais santas lições da piedade cristã. Também na sociedade civil as sementes de luz deixavam entrever os mais esperançosos rebentos de compreensão e de sabedoria, acerca do Evangelho e dos exemplos do Cristo. Neste caso está Pedro de Vaux, que, embora sendo um homem de negócios, em Lião, desligou-se de todos os laços que o prendiam às riquezas humanas, despojando-se de todos os bens em favor dos pobres e necessitados, comovido com a leitura da exemplificação de Jesus no seu Evangelho de amor e redenção. Esse homem extraordinário, a quem fora cometida a missão de instrumento da vontade do Senhor, mandou traduzir os livros sagrados para leitura pública e, junto de outros companheiros que passaram à História com o nome de valdenses, iniciou amplo movimento de pregações evangélicas, à maneira dos tempos apostólicos. Os Pobres de Lião foram excomungados, primeiramente pelo arcebispo da cidade e, mais tarde, em 1185, pelo pontífice do Vaticano. A Igreja não poderia tolerar outra doutrina que não a sua, feita de orgulho e mal disfarçada ambição. Qualquer lembrança verdadeira e sincera, do seu divino Fundador, era tomada como heresia abominável e suscetível das mais severas punições. A verdade, porém, é que, se os valdenses foram caluniados pelas forças católicas, suas pregações e apelos nunca mais desapareceram do mundo desde o século XI, porque, com vários nomes, as suas organizações subsistiram na Europa até à Reforma, não obstante os guantes de ferro da Inquisição.¹¹⁷

Sendo Francisco de Assis, como defendido nos comentários anteriores, um desses ungidos, cabem os apontamentos de Emmanuel, tecidos no livro A caminho da luz. No capítulo

“Os abusos do poder religioso”, que deve ser atentamente estudado, o autor espiritual informa que as inspirações superiores brotavam de muitas consciências livres e corações sinceros, mas continuaram a receber a pecha de “heresias”. Assim, no contexto de subjugação a dogmas humanos falíveis, quando o institucionalismo romano estudava a fundação do “tribunal da penitência”, com o objetivo sub-reptício de dominar consciências¹¹⁸, Francisco de Assis foi enviado à Terra. Na literalidade de Emmanuel:

Todavia, se a Inquisição preocupou longamente as autoridades da Igreja, antes da sua fundação, o negro projeto preocupava igualmente o Espaço, onde se aprestaram providências e medidas de renovação educativa. Por isso, um dos maiores apóstolos de Jesus desceu à carne com o nome de Francisco de Assis. Seu grande e luminoso espírito resplandeceu próximo de Roma, nas regiões da Úmbria desolada. Sua atividade reformista verificou-se sem os atritos próprios da palavra, porque o seu sacerdócio foi o exemplo na pobreza e na mais absoluta humildade. A Igreja, todavia, não entendeu que a lição lhe dizia respeito e, ainda uma vez, não aceitou as dádivas de Jesus.¹¹⁹

9 E homens de vários povos, e tribos, e línguas, e nações verão seus corpos mortos por três dias e meio, e não permitirão que os seus corpos mortos sejam postos em sepulcros.

10 E os que habitam na terra se regozijarão sobre eles, e se alegrarão, e mandarão presentes uns aos outros; porquanto estes dois profetas tinham atormentado os que habitam sobre a terra.

11 E depois daqueles três dias e meio o espírito de vida, vindo de Deus, entrou neles; e puseram-se sobre seus pés, e caiu grande temor sobre os que os viram.

12 E ouviram uma grande voz do céu, que lhes dizia: Subi para aqui. E subiram ao céu em uma nuvem; e os seus inimigos os viram.

13 E naquela mesma hora houve um grande terremoto, e caiu a décima parte da cidade, e no terremoto foram mortos sete mil homens; e os demais ficaram muito atemorizados, e deram glória ao Deus do céu.

14 É passado o segundo ai; eis que o terceiro ai cedo virá.

De acordo com Marius Coeli, a expressão “três dias e meio” equipara-se à de “quarenta e dois meses” ou de “tempos, dois tempos e metade de um tempo”, de modo que todas elas representam “meia semana profética ou literalmente 1.260 anos”.¹²⁰ Esse período, de 1.260 anos, é o de domínio da Igreja romana, o que será avaliado oportunamente.

O exemplo dos mártires do Evangelho, se não terminou com o período de domínio da besta, ao menos abalou-lhe as estruturas (Ap 11:13), produzindo efeitos sobre dez por cento dos então seguidores do institucionalismo abjeto (a décima parte da cidade). Para essa proposta de leitura, tenha-se os seguintes ensinamentos de Emmanuel a respeito das conquistas de Francisco de Assis:

O esforço poderoso do missionário, todavia, se não conseguiu mudar a corrente de ambições dos papas romanos, deixou traços fulgurantes da sua passagem pelo

planeta. Seu exemplo de simplicidade e de amor, de singeleza e de fé, contagiou numerosas criaturas, que se entregaram ao santo mister de regenerar almas para Jesus. A ordem dos franciscanos chegou a congregar mais de duzentos mil missionários e seguidores do grande inspirado.¹²¹

O padecimento de inúmeras vítimas sob os desmandos da Inquisição, por se tratar de outro fragoroso erro da Igreja romana, consiste no seu segundo “ai” (Ap 11:14).

15 E o sétimo anjo tocou a sua trombeta, e houve no céu grandes vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre.

16 E os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seus tronos diante de Deus, prostraram-se sobre seus rostos e adoraram a Deus,

17 Dizendo: Graças te damos, Senhor Deus Todo-Poderoso, que és, e que eras, e que hás de vir, que tomaste o teu grande poder, e reinaste.

18 E iraram-se as nações, e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a terra.

19 E abriu-se no céu o templo de Deus, e a arca da sua aliança foi vista no seu templo; e houve relâmpagos, e vozes, e trovões, e terremotos e grande saraiva.

Na sequência, a sétima trombeta diz respeito ao tempo das luzes, com novos impulsos coletivos no campo da cultura, da educação e da ciência. Essa “renascença” do mundo permitiu a avaliação crítica dos desvios operados pelo institucionalismo com pretensões de cristianismo e abriu caminhos para o advento do Consolador Prometido (Jo 14:16 e ss), que, como se sabe, é o Espiritismo. Esse movimento é que permitirá a retomada do planeta para o seio de “nosso Senhor e do seu Cristo”, que reinará para todo o sempre (Ap 11:15). Como ocorre em fases cruciais do Apocalipse, que chegam para o bem da humanidade (Ap 14:13; 19:4), os ministros do Cristo manifestam sua gratidão (Ap 11:16-17).

A ira das nações, referida em Ap 11:18, pode ser compreendida pela seguinte explicação de Emmanuel:

A Igreja começou a sofrer os golpes mais fortes e mais dolorosos, porque alguns príncipes ambiciosos se aproveitaram do movimento das massas, confiscando-lhe bens preciosos. Numerosos camponeses, empolgados pelos direitos do pensamento livre, iniciaram grande campanha contra a Igreja usurpadora, exigindo reformas agrárias e sociais, em nome do Evangelho. De 1521 a 1555, os centros cultos europeus viveram momentos de angustiosas expectativas nos bastidores da tragédia religiosa [...].¹²²

O “tempo dos mortos”, que permitirá dar o galardão ou reconhecimento aos profetas e aos espíritos santificados e que ensejará o afastamento daqueles que destroem o planeta, é a manifestação dos espíritos, por intermédio dos fenômenos que permitiram a edificação do Espiritismo.

Confira a seguinte mensagem atribuída a João Evangelista, na Revista Espírita de fevereiro de 1868:

Povos, escutai! [...] Uma voz se faz ouvir de um extremo a outro dos mundos: é a do precursor anunciando a vinda do Espírito de Verdade, que vem endireitar os caminhos tortuosos por onde o espírito humano se desgarrava em falsos sofismas. É a trombeta do anjo vindo despertar os mortos para que saiam de seus túmulos.¹²³

As Tábuas da Lei foram guardadas na Arca da Aliança. Em Ap 11:19 apresenta-se um novo momento de conhecimento das leis gerais do cosmos, mediante o aprofundamento trazido pelos espíritos superiores. Em tal contexto, relâmpagos, vozes e trovões (Ap 11:19) são as manifestações dos espíritos que se espalham por grande área, amoldando-se perfeitamente o seguinte trecho da citada mensagem de João Evangelista:

O Espiritismo é essa voz poderosa que já repercute até os confins da Terra; todos a ouvirão. Felizes os que, não tapando voluntariamente os ouvidos, sairão de seu egoísmo, como o fariam os mortos de seus sepulcros, e daí por diante realizarão os atos da vida verdadeira, a do Espírito se desembaraçando dos entraves da matéria, como fez Lázaro de seu sudário, à voz do Salvador. O Espiritismo marca a hora solene do despertar das inteligências que usaram o seu livre-arbítrio para se demorarem nos atalhos lamacentos, cujos miasmas deletérios infectaram a alma com um veneno lento, que lhe dá as aparências da morte. O Pai celeste tem piedade desses filhos pródigos, caídos tão

baixo que nem mesmo pensam na morada paterna e para eles que permite essas manifestações brilhantes, destinadas a convencer que, além deste mundo de formas perecíveis, a alma conserva a lembrança, o poder e a imortalidade.¹²⁴

A “grande saraiva”, conforme visto acima (Ap 8:7), representa a investida contra o institucionalismo religioso. O que corrobora o fato de que o advento das novas luzes e dos ensinamentos dos espíritos consiste no terceiro “ai” doloroso à Igreja romana. A iluminação da humanidade deixou nu o “reino institucional” com pretensões de cristianismo. Ratifica essa leitura a seguinte afirmativa de Emmanuel: “Aproximando-se o ano de 1870, que assinalaria a falência da Igreja com a declaração da infalibilidade papal, o Catolicismo experimenta provações amargas e dolorosas”.¹²⁵

Apocalipse 12

Síntese: o capítulo descreve o surgimento da besta apocalíptica, bem como os desvios por ela perpetrados.

Este é outro capítulo de difícil interpretação. Graças às chaves hermenêuticas fornecidas pela revelação espírita, é possível extrair o significado dos símbolos. Em primeiro lugar, é preciso identificar e isolar os símbolos mais importantes. Na sequência, serão buscados os sentidos adequados de cada um. Posteriormente, será apresentada uma proposta de interpretação da dinâmica do capítulo. Assim, os principais elementos do capítulo são: (i) a mulher; (ii) o dragão, também mencionado como serpente; (iii) as cabeças e os chifres; (iv) o filho.

A mulher referida é a prostituta desviada, cujo domínio se estendeu por 1.260 dias (Ap 12:6). Trata-se, portanto, da besta apocalíptica, o institucionalismo romano com pretensões de cristianismo. O dragão é o símbolo da inferioridade. Genericamente, remete-se à ideia de mal.¹²⁶ O Apocalipse equipara o dragão à serpente, que é a representação do mal (diabo, satanás – Ap 20:2; 12:9:14-15). Em sentido mais específico, é frequentemente identificável na psicografia de Francisco Cândido Xavier com o significado de guerra. É o que consta no prefácio do livro *Missionários da luz*:

Há chamamentos novos para o homem descrente, do século XX, indicando-lhe horizontes mais vastos, a demonstrar-lhe que o Espírito vive acima das civilizações que a guerra

transforma ou consome na sua voracidade de dragão multimilenário.¹²⁷

Ou no seguinte trecho de poema trazido pelo espírito de Castro Alves:

[...] Ausculta o horror do orbe aflito!

Nos campos de toda a Terra,

Vagueia o dragão da guerra

Em tremenda saturnal...

Vem das angústias do Egito,

Dos tormentos da Caldeia,

Empanando o Sol da Ideia,

Brandindo clava infernal.

Ergueu sobre a Assíria forte

O chamejante estandarte,

Espalhando em toda a parte

Incêndio devastador.

Trouxe à Pérsia – ruína e morte,

Da Grécia – extinguiu a vida,

Deixando Roma caída

Num lago de sangue e dor.

Mas, além do monstro hirsuto
Que nos recorda a caverna,
A ignorância governa
Prostíbulos e canhões.
A preguiça vive em luto,
Ódio torvo prevalece
Nos males de toda espécie,
Enlouquecendo milhões.

Negro vício multiforme
Que de púrpura se veste,
Atormenta, mais que a peste,
Mendigos, ministros, reis...
Mas a verdade não dorme
E abrindo sulco profundo,
Desdobrará sobre o mundo
Novos tempos, novas leis. [...] ¹²⁸

Emmanuel explica que a Igreja romana se consorciou a espíritos de baixa evolução, motivo pelo qual “parecia atormentada pelos mais tenazes inimigos ocultos, que, aos poucos, lhe minaram as bases mais sólidas”.¹²⁹

Nesse período, o “assédio das trevas avassalou o coração das criaturas”.¹³⁰ Daí essa relação com o dragão: um séquito de espíritos obsessores passou a acompanhar-lhe os passos. Emmanuel afirma que a partir da instituição do papado “ia começar um período de 1.260 anos de amarguras e violências para a civilização que se fundava”.¹³¹

As cabeças e os chifres são referências que se encontram novamente em Ap 13:1, 11; 17:3, 7, 9, 12, 16. A chave hermenêutica está no próprio Apocalipse: são comunidades ou nações (vide, especialmente, Ap 17:9, 12) que se comprazem no mal com a besta apocalíptica ou que a perseguem por ódio. Neste último caso, basta lembrar das vítimas das Cruzadas, que estabeleceu à Igreja romana especial legião de inimigos na região do grande Rio Eufrates, conforme comentado acima. Já o filho da besta apocalíptica é o Estado religioso romano, sede do papado.

Compreendidos os símbolos, pode-se avaliar os eventos descritos no capítulo, tanto pelo ângulo espiritual quanto pelo concreto. Afirmou-se que o filho da mulher consiste no Estado religioso romano. Sendo este o produto do parto, por meio desse símbolo compreende-se o que significa as dores do parto. Para a devida compreensão desse ponto, impende relacionar o institucionalismo religioso que se consolida com o surgimento do papado.

A melhor explicação para esses símbolos está no livro A caminho da luz, cuja leitura e estudo detido se fazem imprescindíveis. Cabe, nesse roteiro, apenas a apresentação

de uma síntese. Na citada obra, Emmanuel explica que a Igreja romana é a besta apocalíptica e que o seu domínio de 1.260 anos encontra termo inicial no estabelecimento do papado (610) e termo final com o decreto da infalibilidade papal (1870):

Reza o Apocalipse que a besta poderia dizer grandezas e blasfêmias por 42 meses, acrescentando que o seu número era o 666 (Apoc. XIII, 5 e 18). 2 Examinando-se a importância dos símbolos naquela época e seguindo o rumo certo das interpretações, podemos tomar cada mês como sendo de 30 anos, em vez de 30 dias, obtendo, desse modo, um período de 1.260 anos comuns, justamente o período compreendido entre 610 e 1870, da nossa era, quando o Papado se consolidava, após o seu surgimento, com o imperador Focas, em 607, e o decreto da infalibilidade papal com Pio IX, em 1870, que assinalou a decadência e a ausência de autoridade do Vaticano, em face da evolução científica, filosófica e religiosa da Humanidade.¹³²

Na sequência, o autor espiritual explica o número da besta - 666 -, mais um fator de identificação da Igreja como besta apocalíptica. Esse ponto será objeto do próximo capítulo. Assim, interpretamos que o papado é o filho (= produto) da mulher, a grande prostituta que comercializou no planeta os interesses dos planos superiores. Emmanuel informa que a partir desse evento “as forças do mal, aliadas à incúria e à vaidade dos homens, haviam obtido um triunfo relativo e transitório”.¹³³ As dores do parto, portanto, são as dores geradas aos inocentes durante os processos que culminaram no estabelecimento da aberração que representa o papado. Por isso é que as falanges inferiores,

com as quais se consorciou a Igreja romana, capturaram o filho nascido da mulher (Ap 12:4). O que significa dizer que o institucionalismo romano foi cooptado pelos interesses mundanos. Tanto é assim que Emmanuel, na obra *A caminho da luz*, comenta em diversas passagens que a Igreja romana se apresentou fechada às inspirações e determinações superiores.

Em virtude desse tenebroso consórcio, o institucionalismo romano emplacou seu domínio com “vara de ferro” (Ap 12:5). Mas cuidava-se de um período limitado, já antevisto por Jesus, de modo que chegaria o tempo em que também o filho da grande prostituta seria arrebatado a Deus e ao seu trono (Ap 12:5, *in fine*). Os diademas sobre a cabeça da mulher (Ap 12:1) e das cabeças do dragão (Ap 12:3) correspondem às glórias reconhecidas pelo poder temporal.¹³⁴

A fuga da mulher para o deserto representa o assentamento do institucionalismo religioso numa base territorial (Ap 17:3), caracterizada pela aridez dos sentimentos e pela escassez de população, uma vez que o Vaticano, com área de 0,44 km², era habitado, até 2016, por 840 pessoas. Lembre-se que o símbolo da água, no Apocalipse, representa povos, multidões, nações e línguas (Ap 17:15). Estabelecida sobre essas bases, a mulher será alimentada em seus propósitos inferiores pelo período de 1.260 anos (Ap 12:6). O deserto também pode significar a aridez das ações da besta apocalítica, e nessa leitura Emmanuel emprega a ilustração para explicar que a vida monástica é um desvio, uma opção pelo externalismo religioso, em fuga aos deveres que lhe cabiam.¹³⁵

Os inúmeros esforços empreendidos por Jesus e seus enviados no sentido de converter os rumos da besta apocalítica podem ser identificados com a batalha entre

Miguel e seus anjos em face do “dragão” e de seus espíritos infelizes (Ap 12:7). Como dito, o período de domínio do institucionalismo religioso haveria de encontrar seu fim (Ap 12:8-12). Emmanuel elucida que muitos dos perseguidos e acusados pela Igreja (Ap 12:10), que venceram pela prática do Evangelho (testemunhos – Ap 12:11), “ascenderam definitivamente a planos espirituais mais elevados, apenas voltando às atmosferas do planeta para o cumprimento de enobrecedoras e santificantes missões”.¹³⁶

A relação obsessiva entre a besta apocalíptica e as falanges de espíritos infelizes perduraria durante todo o período de domínio – 1.260 anos (Ap 12:13). As asas de águia, dadas à besta apocalíptica (Ap 12:14), dizem respeito à sua expansão territorial. Confirma-se a chave hermenêutica apresentada por Emmanuel: “Suas águias orgulhosas haviam singrado todos os mares, o Mediterrâneo era propriedade sua, todos os povos se lhe curvavam para a homenagem e para a obediência [...]”.¹³⁷

Mais especificamente quanto ao contexto da expansão religiosa:

A Igreja Romana movimenta-se na América do Sul. Sentindo os perigos da Europa, onde os produtos ideológicos de novas doutrinas lhe criaram uma situação profundamente embaraçosa, a organização política do Catolicismo volta-se para a América Meridional, onde os neolatinos, vivendo a existência reflexa dos grandes centros ocidentais, trabalham ainda por adquirir uma personalidade coletiva. Os últimos congressos eucarísticos na Argentina e no Brasil representam o apogeu das suas atividades, no sentido de manter a sua falsa posição à custa de exterioridades

suntuosas, dentro daquela megalomania característica das águas dominadoras do império romano.¹³⁸

O distanciamento das novas terras da grande “cidade santa” permitiu, de alguma forma, os ensinamentos das mensagens puras do Evangelho “fora da vista da serpente” (Ap 12:14). Mais uma vez, Emmanuel permite a confirmação dessa leitura:

O Cristo localiza, então, na América as suas fecundas esperanças. [...] Os operários de Jesus, porém, abstraídos da crítica ou do aplauso do mundo, cumprem os seus grandes deveres no âmbito das novas terras. Sob a determinação superior, organizam as linhas evolutivas das nacionalidades que aí teriam de florescer no porvir. Nesse campo de lutas novas e regeneradoras, todos os espíritos de boa vontade poderiam trabalhar pelo advento da paz e da fraternidade do futuro humano [...].¹³⁹

Quase se pode afirmar que os únicos jesuítas dignos do nome de sacerdotes de Jesus foram aqueles que vieram para as regiões desconhecidas da América, no cumprimento dos mais nobres deveres de fraternidade humana, porque a quase totalidade da Companhia, no Velho Mundo, mergulhou num oceano de tricas políticas, muitas vezes rematadas em tragédias criminosas.¹⁴⁰

Ainda assim, as trevas (= serpente) providenciaram o envio de multidões (= águas - Ap 17:15) com o objetivo de

contaminar as sementes do cristianismo plantadas em outras terras sob as bases da simplicidade (Ap 12:15). Assim, o domínio desviante também atuou nas terras do novo mundo (Ap 12:16), e os bons corações que acolheram as sementes do Evangelho nas américas sofreram o assédio do institucionalismo religioso (Ap 12:17).

Feitos os comentários que pretendem explicar o capítulo 12, aproveita-se o ensejo para dois apontamentos fundamentais. Um relativo ao período de 1.260 anos, que permite identificar a besta apocalíptica e seu reinado temporal, e outro que diz respeito a um importante sinal relacionado a Ap 12:1, 2.

Como visto, Emmanuel esclarece que o estabelecimento do papado, em 610, é o parâmetro inicial para a contagem da equação apocalíptica de “tempo, tempos e metade de um tempo” (= 1.260 dias apocalípticos, que correspondem a 1.260 anos). O período está numericamente identificado em Ap 11:3 e Ap 12:6, mas também pode ser obtido pela referida equação de $x + 2x + \frac{1}{2}x$ (tempos, tempos e metade de um tempo), que pode ser resumida em $3,5x$. O raciocínio é simples. Cada ano apocalíptico deve ser considerado constituído por meses arredondados de 30 dias cada. Assim, 12 meses correspondem a 360 dias. Por sua vez, a substituição de variável “x” por de 360 dias resulta, conforme a equação acima, em 1.260 dias (360 multiplicado por 3,5).

A fim de demonstrar a precisão desse cálculo, bem como o acerto de Emmanuel, deve-se fazer um teste no livro de Daniel¹⁴¹, especificamente sobre o que consta em Dn 12:11-12: “E desde o tempo em que o sacrifício contínuo for tirado, e posta a abominação desoladora, haverá mil duzentos e noventa dias. Bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias”.

Ali, Daniel, médium que era, fez previsões para o povo judeu. Previu que o povo cairia pela espada, pelo fogo e pelo cativoiro, durante muitos dias (Dn 11:33). Indagado sobre o fim desse tormento, o espírito que se comunicou com Daniel respondeu: “E desde o tempo em que o sacrifício contínuo for tirado, e posta a abominação desoladora, haverá mil duzentos e noventa dias. Bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias” (Dn 12:11-12).

Assim, o termo inicial é o afastamento do sacrifício contínuo e o estabelecimento da abominação desoladora. Parcela do parâmetro para identificar o período também está em Dn 11:31.

Ora, o sacrifício contínuo é o Cristo, que deu exemplo de renúncia extrema para o resto de nossa história. Já a abominação desoladora, segundo a chave hermenêutica de Emmanuel, é a Igreja romana.

É muito importante notar que Emmanuel apresenta três chaves hermenêuticas essenciais para compreender o período descrito por Daniel: (i) a identificação da Igreja romana como a abominação desoladora; (ii) a instituição da abominação desoladora em 610, com o estabelecimento do papado; (iii) a identificação dos dias apocalípticos com anos da cronologia mundana. Diante desse contexto, conclui-se que o período inicial informado em Dn 12:11 é o ano de 1900 ($= 610 + 1290$).

Por sua vez, o período final indicado na passagem é o ano de 1945 ($= 610 + 1.335$). Conclui-se que o período vai do anteâmbulo da Primeira Guerra até o final da Segunda Guerra Mundial, na qual os judeus sofreram o Holocausto. Ali está a dolorosa expiação coletiva daqueles que não observaram a sabedoria e a justiça (Dn 12:3). Percebe-se,

portanto, que as chaves hermenêuticas apresentadas por Emmanuel devem ser levadas a sério. O seu emprego permitiu a obtenção da mensagem espiritual contida no livro de Daniel, e a razão repele tratar-se de mera coincidência.

Apocalipse 13

Síntese: na sequência da avaliação da Igreja romana, a mediunidade de João atesta que Jesus conhecia-lhe os passos desde o início.

A besta referida na passagem é a Igreja romana. Segundo Emmanuel: “E a figura mais dolorosa, ali relacionada, que ainda hoje se oferece à visão do mundo moderno, é bem aquela da igreja transviada de Roma, simbolizada na besta vestida de púrpura e embriagada com o sangue dos santos”.¹⁴² Em exata concretização ao que consta em Dn 7:25, além das já evidenciadas deturpações às leis regentes do cosmos, a Igreja romana ainda chegou à ousadia de alterar datas.

Por exemplo, o nascimento de Jesus foi, segundo o espírito de Humberto de Campos, arbitrariamente estabelecido pelo Frei Dionísios no ano 754 da era romana, enquanto que na verdade se verificou no ano 749 (nos padrões de hoje, 5 a.C.).¹⁴³

O ferimento de uma das cabeças da besta, que posteriormente se recuperou (Ap 13:3), pode referir-se às investidas da Reforma Protestante, que não logrou terminar

com o domínio do institucionalismo romano, embora tenha surtido importantes resultados.¹⁴⁴

O feriado da Reforma é comemorado todo dia 31 de outubro, quando Martinho Lutero pregou suas 95 teses à porta de uma igreja em Wittenberg, no ano 1517. Em 31 de outubro de 2017, ela completou 500 anos.¹⁴⁵

Demonstrou-se, nas linhas anteriores, que o institucionalismo religioso entrou em plena sintonia com as falanges das trevas (= dragão).

A revelação de Ap 13:4 confirma essa leitura.¹⁴⁶ As distorções (blasfêmias) causadas pela Igreja romana perduraram por quarenta e dois meses (Ap 13:5), o que corresponde, conforme visto, a “três dias e meio” ou “tempos, tempos e metade de um tempo”. São equações que representam “meia semana profética ou literalmente 1.260 anos”.¹⁴⁷

O sinal da besta – 666 – (Ap 13:16, 18) reforça tratar-se da Igreja romana. Sobre o signo, explica Emmanuel:

Quanto ao número 666, sem nos referirmos às interpretações com os números gregos, em seus valores, devemos recorrer aos algarismos romanos, em sua significação, por serem mais divulgados e conhecidos, explicando que é o Sumo-Pontífice da igreja romana quem usa os títulos de “VICARIVS GENERALIS DEI IN TERRIS”, “VICARIVS FILII DEI” e “DVX CLERI” que significam “Vigário-Geral de Deus na Terra”, “Vigário do Filho de Deus” e “Príncipe do Clero”. Bastará ao estudioso um pequeno jogo de paciência, somando os algarismos romanos encontrados em cada título papal, a fim de encontrar a mesma equação de 666, em cada um deles.¹⁴⁸

Apocalipse 14

Síntese: no capítulo 14 é apresentada a atuação da espiritualidade superior paralelamente à perturbada besta apocalíptica. O capítulo abrange o advento de um período de novas luzes à humanidade e termina com a chegada, ao plano dos encarnados, do Consolador prometido pelo Cristo, que é o Espiritismo.

A fase de regeneração, para a qual caminha a humanidade, será caracterizada pela eliminação de qualquer resquício do domínio encetado pelo institucionalismo religioso (Ap 14:11). Chegando o momento de amadurecimento da humanidade, Deus encaminhou à Terra seus auxiliares.

É por isso que no século XXI vai se constatar “uma torrente de claridades na face do mundo, encaminhando todos os países para as reformas úteis e preciosas”.¹⁴⁹ Nesse momento, Jesus delibera enviar ao planeta o Consolador que prometeu (Jo 14:16). Esse encaminhamento está descrito em Ap 14:14-20.

Na mensagem “A ordem do Mestre”, Humberto de Campos relata o diálogo travado entre Jesus e João, certamente colhido dos registros acessíveis no plano espiritual superior, oportunidade em que se definiu o envio do Espiritismo à Terra:

Se os vivos nos traíram, meu Discípulo Bem-Amado, se traficam com o objeto sagrado da nossa casa, profligando a

fraternidade e o amor, mandarei que os mortos falem na Terra em meu nome. Deste Natal em diante, meu João, descerrarás mais um fragmento dos véus misteriosos que cobrem a noite triste dos túmulos para que a verdade ressurja das mansões silenciosas da Morte. Os que já voltaram pelos caminhos ermos da sepultura retornarão à Terra para difundirem a minha mensagem, levando aos que sofrem, com a esperança posta no Céu, as claridades benditas de meu amor!...

E desde essa hora memorável, há mais de cinquenta anos, o Espiritismo veio, com as suas lições prestigiosas, felicitar e amparar na Terra a todas as criaturas.¹⁵⁰

Assim, sem apego em definir quem é quem na referida passagem do Apocalipse (14:14-20), cumpre apenas divisar que o espírito responsável por vindimar os cachos maduros da vinha da terra é Allan Kardec, outrora Jan Hus, que fora queimado na fogueira por defender as verdades do Cristo.¹⁵¹ A foice aguda, referida em Ap 14:17, consiste na razão afiada de Kardec.

Emmanuel afirma que Kardec consiste num dos “mais lúcidos discípulos do Cristo”.¹⁵² O mentor espiritual de Chico Xavier também se refere ao Codificador como o “discípulo amado de Jesus”.¹⁵³ Humberto de Campos menciona aquele que seria Kardec enquanto “apóstolo”.¹⁵⁴ Interessante constatar que, na mensagem “Kardec e Napoleão”, a aparição daquele, no plano espiritual, identifica a sua elevação, tal como relatada em Apocalipse (Ap 14:14-20):

Imediatamente uma estrada de luz, à maneira de ponte levadiça, projetou-se do Céu, ligando-se ao castelo

prodigioso, dando passagem a inúmeras estrelas resplendentes. Em alcançando o solo delicado, contudo, esses astros se transformavam em seres humanos, nimbados de claridade celestial. Dentre todos, no entanto, um deles avultava em superioridade e beleza. Tiara rutilante brilhava-lhe na cabeça, como que a aureolar-lhe de bênçãos o olhar magnânimo, cheio de atração e doçura: Na destra, guardava um cetro dourado, a recamar-se de sublimes cintilações...¹⁵⁵

Note-se que o trecho em destaque menciona uma tiara rutilante em torno da cabeça de Kardec. Não despropositadamente, o espírito de Humberto de Campos volta a mencionar o distintivo espiritual em outro texto:

Sua exemplificação é um programa e um símbolo. Conquistando a auréola dos missionários vitoriosos, não se incorporou à galeria dos grandes do mundo, por que apenas indicasse o caminho salvador à humanidade terrestre.¹⁵⁶

Mais uma impressionante chave hermenêutica, espreitada pelos trabalhos mediúnicos de Chico Xavier. A referência à tiara ou à auréola é uma evidente conexão com Ap 14:14 e ss.

Apocalipse 15

Síntese: o capítulo 15 é uma introdução as sete taças, que consistem nas provas finais pelas quais passará o planeta para a fase de regeneração.

De acordo com Humberto de Campos, o Ocidente poderia salvar-se dessas provações dolorosas se atuasse efetivamente o cristianismo puro, ao contrário daquele “deturpado pelas igrejas mercenárias”.¹⁵⁷

Apocalipse 16

Síntese: o capítulo 16 trata das tribulações finais (taças) da fase de transição.

A sétima e última taça, mencionada no capítulo, opera ao mesmo tempo como fecho da fase de provas e expiações e abertura de um novo ciclo para a fase de regeneração.

Aqui são arroladas as sete provações finais que se concretizariam ao longo da transição planetária, por meio da qual a humanidade retira-se do estágio de provas e expiações rumo a uma era de regeneração. O espírito denominado “Um enviado de Ismael” explica a função das provações do período de transição:

Uma renovação se processa de há muito para a humanidade e é natural a confusão dos menos avisados. É certo que vem precedida de muitas dores, porque dói ao homem materializado afastar-se das suas criminosas paixões, incubadas atavicamente através de tantos séculos. São

precisos, portanto, os sofrimentos purificadores não só no terreno pessoal, já que sempre existiram as provações coletivas.¹⁵⁸

Nunca teríamos identificado os eventos apresentados neste capítulo sem as chaves hermenêuticas que a psicografia de Francisco Cândido Xavier nos legou.

A chamada “ira de Deus” (Ap 16:1), como visto, é a lei de causa e efeito em ação. A primeira taça diz respeito à manifestação das mazelas da doutrina dogmática romana. O significado do sinal da besta, que é o da Igreja romana, foi explicado quando dos comentários a Ap 13:16,18. As segunda e terceira taças (Ap 16:3,4) dizem respeito às revoluções e batalhas sangrentas ocorridas nos momentos finais da fase de provas e expiações.

Já foi dito que o mar (Ap 16:3) representa comunidades, povos, línguas e nações (Ap 17:15). A fonte das águas (Ap 16:4) é o fundamento desses agrupamentos. Humberto de Campos oferece importante chave hermenêutica para a compreensão desse ponto, ao comentar os embates contemporâneos sob a responsabilidade de Napoleão Bonaparte: “Colocado pela Sabedoria Celeste na condição de timoneiro da ordem, no mar de sangue da Revolução, não olvides o mandato para o qual foste escolhido”.¹⁵⁹

Humberto de Campos fornece outra chave interpretativa, que confirma a leitura sob foco:

Para quase todos os flagelos que atormentam a Humanidade, encontraram lenitivo e socorro. Todavia, para um deles, todo o esforço tem sido vão. Monstro de mil

tentáculos envolve as criaturas desde o sílex, rastejando entre as nações cultas de hoje, como se arrastava entre as tribos selvagens de ontem. Envenena as fontes [Ap 16:4] da mais adiantada cultura, turva a mente dos pensadores mais nobres, obscurece o sentimento dos mais fiéis mordomos da economia terrestre, investe as posições mais simples, tanto quanto as situações mais altas. Não reconhece a inteligência, nem a sensibilidade; alimenta-se de ódio e ruínas, mastiga violência [Ap 17:16] e morte em todas as latitudes do Globo. Derruba templos e oficinas, lares e escolas, pratica ignominiosos crimes com assombrosa indiferença. Ri-se das lágrimas, espezinha ideais, tritura esperanças... Esse é o monstro da guerra que asfixia a Europa e a América com a mesma força com que constringia a garganta do Egito e da Babilônia. Por cercar-lhe a ação esmagadora, organizam-se ligas e cruzadas, tratados e alianças em todos os tempos; improvisam-se conferências em Londres e Paris. Em Washington e Moscou, renova-se a geografia e modificam-se os sistemas políticos [Ap 16:16]. O flagelo, contudo, prossegue dominando, destruindo, esfrangalhando, matando... Para extinguir-lhe a existência nefasta, só existe um recurso infalível – a aplicação dos princípios curativos e regeneradores do Médico Divino. Esses princípios começam na humildade da manjedoura, com escalas pelo serviço ativo do Reino de Deus, com o auxílio fraterno aos semelhantes, com a adaptação à simplicidade e à verdade, com o perdão aos outros, com a cruz dos testemunhos pessoais, com a ressurreição do espírito, com o prosseguimento da obra redentora através da abnegação e da renúncia, da longanimidade e da perseverança no bem até ao fim da luta, terminando na Jerusalém libertada, símbolo da Humanidade redimida [Ap 21:1-2]. Será, todavia, remédio das nações, quando as almas houverem experimentado a sua essência divina. Não é receituário atuando, problematicamente, de fora para dentro. É medicação viva,

renovando de dentro para fora. Não é demagogia religiosa. É vida permanente. Não se trata de plataforma verbalista, e sim de transformação substancial. Jesus encontrou os discípulos, um por um. O indivíduo é coluna sagrada no templo do Cristianismo. Negue cada qual a si mesmo – disse-nos o Mestre –, tome a sua cruz e siga-me. Eis por que o Evangelho é a Carta do Mundo que glorificará a paz na Terra, depois de impressa no Coração do Homem.¹⁶⁰

Em texto já comentado, Emmanuel também faz referência às lutas sangrentas, com especial menção à Revolução Francesa:

Época de profundas aflições, dir-se-ia encontrarmos no século XX o fruto de sangue de dezesseis séculos de menosprezo à luz espiritual. [...] Realmente, a Revolução Francesa, que inaugurou grandes movimentos libertários no Planeta, filiava-se, no fundo, às plataformas elevadas. Objetivava o término das administrações inconscientes, o fim da ociosidade consagrada, a extinção de prerrogativas delituosas, o reajustamento do governo e do sacerdócio, em nome da liberdade, da igualdade e da fraternidade. [...] Conspurcada nos fundamentos, a Revolução [Ap 16:3], desbordando nos instintos sanguinários, em breve degenerou-se nas lutas napoleônicas, estabelecendo, no mundo, as guerras odiosas de povo a povo. Desde então, a Terra, em sua geografia política, é uma colmeia desesperada, que só a cristianização da democracia poderá reajustar.¹⁶¹

Em se tratando de esclarecimentos que chegaram a todos, pelos mais diversos caminhos, essa luz da verdade abraçou os homens, convidando-lhes a sair de suas posições acomodáticas. Vejamos o que consta em mensagem do espírito de São Luís naquela que talvez seja a mais apocalíptica das Revistas Espíritas, a de fevereiro de 1868:

Venho, meus amigos, confirmar a esperança dos altos destinos que esperam o Espiritismo. Esse glorioso futuro que vos anunciamos será realizado pela vinda de um Espírito superior que resumirá, na essência de sua perfeição, todas as doutrinas antigas e novas, e que, pela autoridade de sua palavra, ligará os homens às crenças novas. Semelhante ao Sol nascente, dissipará todas as obscuridades amontoadas sobre a eterna verdade, pelo fanatismo e pela inobservância dos preceitos do Cristo.¹⁶²

Ocorre, contudo, que muitos são os chamados, mas poucos os que se fazem escolhidos (Mt 22:14), daí porque em Ap 15:9 fala-se sobre os que não se arrependeram.

O trecho da mensagem abaixo, psicografada em 1940, em meio à Segunda Guerra, e que foi incorporada à guisa de prefácio na obra *As quatro babilônias*, autorizaria essa interpretação: “A Europa, nas suas expressões de decadência, não conseguiria receber semelhantes vibrações numa hora destas, em que o Velho Mundo ouve, amargurado, os mais dolorosos ais do Apocalipse”.¹⁶³

É importante constatar que em 1990, durante a Guerra do Golfo (02-08-1990 a 28-02-1991), o espírito de Castro Alves, por intermédio de Francisco Cândido Xavier, escreveu linhas

de tom manifestamente apocalíptico, como se pode aferir pelos trechos a seguir:

Rogativa

No Golfo Pérsico é noite...

Revejo a nuvem da guerra,

Pairando, acima da Terra,

A espalhar-se na amplidão...

[...]

Fitando o Alto, eis que imploro:

“Ah! meu Pai, por que, meu Deus,

Por que deste tanto ódio,

Aos teus filhos e irmãos meus?”

Sem que ninguém saiba de onde,

A voz dos Céus nos responde:

“A todos damos amor!...”

[...]

Sei que o conflito iminente
Pode surgir de repente...

De espírito transformado
Operando mentalmente
Volto ao meu próprio passado...
Vejo a Guerra das Cruzadas,
Homens munidos de espadas
Montam soberbos corcéis;
Crianças abandonadas
Procuram mães desoladas,
Sofrendo golpes cruéis!...
Eis-me também nas Cruzadas...
A guerra é longa e sangrenta,
O Homem não se contenta,
Crê no ódio, mais e mais;
Nada suprime a matança,
Morre a paz sem esperança,
Gerando embates fatais...

A batalha continua...

A guerra prossegue intensa,
Os homens nos lembram feras
No caminho de outras eras
Sem Luz, sem Paz e sem Crença...
E em vilarejo distante, embora vitorioso,
O Rei Luiz cai exangue
E morre em poeira e sangue
Ferindo o mundo cristão!...

Tantas lembranças amargas!...
Afasto-me do terror,
Sempre o ódio em tantas cenas!...
Para ilações mais serenas
Em torno do horrível evento
Coração em sofrimento
Mergulhado em grande dor!...
[...]

O vento brinca na areia...

Noto onde o solo se alteia,

Terra verde e céu de anil!...

A dor quase me enlouquece,

Mas em paz reflito em prece:

- Deus, nos preserve o Brasil.¹⁶⁴

Sabe-se que a Guerra do Golfo, aprovada pelo Conselho de Segurança da ONU (Resolução 678), trouxe dor e destruição para a região cortada pelo Rio Eufrates.

Vejam-se os dados trazidos no poema de Castro Alves. Nele são identificados: (i) a referência à noite, ponto relevante para o relógio do Apocalipse, sobre o qual se tratará adiante; (ii) o espraiamento difuso da guerra - “amplidão”; (iii) a menção ao conflito iminente, que pode surgir de repente (Ap 16:15); (iv) a conexão do conflito com as Cruzadas; (v) o prosseguimento da guerra intensa; (v) a lembrança do Rei Luiz, último condutor das Cruzadas, uma advertência velada de que o “mundo cristão” pode ser ferido; (vi) a manutenção do ódio de outrora; (vii) o vento brincando na areia; (viii) a rogativa de que o Brasil seja preservado.

Todos os elementos farão sentido no contexto paulatinamente apresentado.

Em 07-10-1992, quando a Guerra do Golfo já havia terminado, Castro Alves mantém o vaticínio em outro trabalho, publicado na mesma obra:

Século XX

Século XX... Entardece.

Fim do milênio segundo.

Jesus tutelando o mundo,

Horas de paz e de prece.

Conflito, inveja, rancor,

De nada valem na Terra,

E o ódio que faz a guerra,

Só se desfaz pelo amor.

Desde milênios distantes,

Assírios, gregos, romanos,

Formavam grupos insanos,

Ostentando o orgulho vão...

Viviam de luta armada,

Foice, força, pedra, espada,

Terror e devastação.

Nesse clima belicoso,
Entre nós, brilha Jesus!...
Mas a guerra do poder,
Pela astúcia e pelo mando,
Deu-lhe num gesto nefando,
Martírio e morte na cruz!...

Depois da angústia do Cristo,
A guerra vai aos cristãos,
Que morrem, dando-se as mãos
Na arena do horror e fel.
Temos depois as Cruzadas,
Com matança nas estradas,
Domina o gládio cruel.

No entanto, os povos do tempo
Estavam todos cansados
De tantas guerras... Pediam,
Nas sombras da Idade Média,

Termo a qualquer desavença.
Surge, então, a Renascença,
Por elevada esperança,
Mas a guerra ressurgiu
Nos movimentos da França [Ap 16:3]

Século XX... Anoitece.
Ouço dele estranhas vozes,
O nosso Século XX
É daqueles mais ferozes!...

Espíritas, companheiros,
Recordai a trilogia,
União, serviço e amor,
Nas lutas de cada dia.
Resguardai com zelo e fé
Nossa Doutrina de luz.!...
Ante a treva mais espessa,
Que nenhum de nós se esqueça
Da rota para Jesus!...¹⁶⁵

Desse texto deve-se destacar: (i) o entardecer em algum momento do século XX, referência ao “relógio do apocalipse”; (ii) a manutenção do ódio no planeta, na avançada data de 1992; (iii) a lembrança, face a Lei de Reencarnação, das guerras promovidas por assírios, gregos e romanos; (iv) a manutenção das lutas animais pelo poder, mesmo quando já encerrada a Guerra do Golfo; (v) novamente, a lembrança das Cruzadas; (vii) a marcação no relógio do Apocalipse da noite trevosa, não no início do século XX, quando houveram duas grandes guerras, mas no seu fim, já em 1992.

Ainda da mesma obra, colhe-se outro texto, agora de Emmanuel, com nítida inclinação apocalíptica, cujos trechos mais importantes são transcritos:

A tempestade avizinha-se nos horizontes políticos e sociais do mundo inteiro. Todas as vozes falam de um perigo iminente e todos os corações sentem algo de estranho no ar que respiram. Fala-se no coletivismo, recolhendo-se cada qual no exclusivismo feroz, e fala-se de nacionalismo e de pátria, dentro do mesmo conceito de egoísmo e de isolamento. Esses extremismos caracterizam um período de profunda decadência nos costumes sociais e políticos desta época de transições. Apesar, porém, de sua complexidade, esse fenômeno pode ser definido como a angústia generalizada do homem, nas vésperas de abandonar a sua crisálida de cidadão. Todos os acontecimentos que abalam o planeta, espalhando nos seus recantos mais remotos uma onda revolucionária e regeneradora, significam o trabalho intenso e difícil da laboriosa gestação do novo organismo de

leis pelo qual se regerão, mais tarde, os institutos terrenos.
[...]

Todavia, se falamos com respeito a esse assunto, é para dizermos aos nossos irmãos espiritualistas que eles são as sentinelas da Luz do Santuário, à maneira dos antigos heróis que guardavam as primícias do fogo sagrado. Na hora das sombras, quando a subversão ameaçar o planeta, compete-lhes fornecer o testemunho de sua fé, como um penhor de segurança para as gerações do futuro. A tarefa do Espiritismo está, portanto, adstrita à realização do Homem Interior, dentro de um novo conceito de fraternidade. Fora desses princípios, as atividades de cada qual serão como folhas volantes, dentro do seu caráter dispersivo, porque todo o nosso esforço está enquadrado no “amarmo-nos uns aos outros” e é essa fórmula que deverá representar a bússola das atividades dos espiritualistas sinceros, os quais, com os seus abençoados sacrifícios, serão os “engenheiros sociais” dos tempos do porvir.¹⁶⁶

Seguindo-se a mesma metodologia, cabe pontuar os recados eloquentes deixados por Emmanuel: (i) a tempestade avizinha-se nos horizontes políticos e sociais do mundo inteiro em pleno ano de 1993; (ii) a espiritualidade superior fala em uníssono sobre um perigo iminente; (iii) as pautas coletivas dos tempos modernos são para promover o “exclusivismo feroz”; (iv) os discursos em favor do nacionalismo são para manter a cultura de egoísmo e de isolamento; (v) vive-se desde aquela época (1993) uma era de extremismos, a caracterizar a profunda decadência nos costumes sociais e políticos no meio da transição planetária; (vi) o vislumbre de uma hora das sombras; (vii) o homem às vésperas de abandonar a sua crisálida de cidadão; (viii) o perigo pendente de subversão do planeta.

Para não deixar dúvidas sobre o assunto do qual tratava, Emmanuel apresenta a mensagem cujo título é “Nas convulsões do século XX”, cujos trechos mais relevantes são transcritos:

Não bastaram as torrentes do infortúnio que as grandes guerras do século lançaram sobre os vales do mundo.

Acordando, estremunhada, de horrível pesadelo, que perdurou por mais de dois mil dias, e embora os lares desertos, os campos talados, as arcas empobrecidas e as prisões repletas, arregimenta-se a coletividade planetária para novos embates de cegueira e destruição.

Amontoam-se pesadas nuvens nos céus do Oriente e do Ocidente...

Quem impedirá a tempestade de suor e lágrimas?!...

Época de profundas aflições, dir-se-ia encontrarmos no século XX o fruto de sangue de dezesseis séculos de menosprezo à luz espiritual.

Desde Constantino, o Cristianismo puro sofre a intromissão egoística de humanos interesses. Sempre a ofensiva das trevas contra a luz, as arremetidas do mal contra o bem.

[...]

Entretanto, a dignificação da personalidade permanece apenas esboçada.

Os aviltamentos do ódio campeiam em todos os climas.

Arraiga-se a injustiça, com a máscara da legalidade, nas organizações dos países mais nobres.

Há desvarios do poder em toda parte.

Baraço e cutelo, metamorfoseados nos mais estranhos aparelhos de tortura e de morte, são ainda recursos da toga. A desconfiança e a discórdia regem as relações internacionais.

Racismo tirânico perturba povos avançados.

Conflitos ideológicos tremendos aguçam o raciocínio a soldo da ciência perversa.

E, coroando o sombrio edifício, instalou-se a guerra entre os homens, à maneira de sorvedouro infernal.

O conceito de civilização flutua ao sabor dos grupos dominantes. Para alguns, repousa na economia ou na força; para outros, no direito exclusivista ou na liberdade de praticar o mal. E, do que podemos presumir, não está próxima a equação do inquietante problema.

Há sempre volumosos contingentes para ganhar a demanda, mas raros homens se preocupam em ganhar a harmonia.

O domicílio dos homens sofrerá terríveis brechas, até que a razão se equilibre nas diretrizes do mundo.

A inteligência bestial combaterá ainda a sabedoria divina por longo tempo. Não somos pois, estranhos à tormenta de lágrimas que cobrirá a frente dos continentes em dolorosos quadros apocalípticos. Constituímos o fruto do que fomos, colhemos na pauta da sementeira. Nisto não vai estima às predições de Cassandra, nem barateamento às profecias.

Buscando o Cristo nos templos exteriores e expulsando-o dos corações, fora temeridade esperá-lo por salvador gratuito à última hora.

[...]

Se as doutrinas da força somente representam a decadência das nações, por libertarem o vandalismo, restituindo o homem à animalidade primária, é justo reconhecer que a democracia sem orientação cristã não pode conduzir-nos à concórdia desejada. Realmente, a Revolução Francesa, que inaugurou grandes movimentos libertários no Planeta, filiava-se, no fundo, às plataformas elevadas. Objetivava o término das administrações inconscientes, o fim da ociosidade consagrada, a extinção de prerrogativas delituosas, o reajustamento do governo e do sacerdócio, em nome da liberdade, da igualdade e da fraternidade. Muitos dos patrocinadores da renovação acreditaram-se movidos pelo messianismo evangélico; no entanto, esqueceram-se de que Jesus advogara a liberdade de obedecer a Deus contra o mal, a igualdade dos deveres para que o mérito marcasse a responsabilidade, e a fraternidade verdadeira, dentro da qual há mais alegria em dar que em receber. Conspurcada nos fundamentos, a Revolução [Ap 16:3], desbordando nos instintos sanguinários, em breve degenerou-se nas lutas napoleônicas, estabelecendo, no mundo, as guerras odiosas de povo a povo.

Desde então, a Terra, em sua geografia política, é uma colmeia desesperada, que só a cristianização da democracia poderá reajustar.

O angustioso enigma prende-se à ordem espiritual.

Impraticável o erguimento do edifício sem bases. Impossível a organização de instituições respeitáveis sem sentimentos

humanos dignificados.

O homem elevar-se-á com o Cristo para levantar a política até o plano do equilíbrio divino ou a política sem Cristo, seja qual for a bandeira a que se acolhe, precipitará o homem no caos.

Este, o dilema da atualidade, em que a ventania da destruição assopra de novo...

[...]

– Irmãos, entrelaçai os braços e uni corações, em torno do Caminho, da Verdade e da Vida! Tormentas de dor rondam os castelos da vaidade humana e gênios escuros do morticínio acercam-se das moradias sem alicerces. Os monstros que devoraram as civilizações dos persas e dos assírios, dos egípcios e dos gregos, dos romanos e dos fenícios espreitam a grandeza fantasiosa dos vossos palácios de ilusão!... Os oráculos que prognosticaram queda e ruína em Persépolis e Babilônia, Tebas e Atenas, Roma e Cartago pronunciam angustiados vaticínios em vossas cidades poderosas... Polvos mortíferos do ódio e da ambição desregrada multiplicam-se no oxigênio terrestre, predizendo misérias e desolação. Trazem a fome e a peste em novos aspectos, desorganizando-vos a vida e desintegrando-vos os celeiros... Todos vivemos tempos dramáticos de prece, expectativa e vigília...

E, enquanto o aquilão da impiedade ruge destruidor, reunamo-nos na Jerusalém do íntimo santuário!... Sigamos o Senhor na via dolorosa, como quem sabe que Ele prossegue à nossa frente, desvelando-nos o caminho da ressurreição eterna; vejamo-Lo, heroico e divino, em seu apostolado de sublime renúncia, vergado à cruz de nossas fraquezas milenárias... É natural que nossos olhos estejam orvalhados

de pranto e que o assombro nos domine os corações. Todavia, atentos à Justiça Indefectível que nos preside aos destinos, ouçamo-Lo a dirigir-se às mulheres piedosas que se lhe ajoelhavam aos pés, na cidade santa: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim! Chorai por vós mesmas e por vossos filhos, porque virão dias em se dirá: – Bem-aventurados os ventres que não geraram e os peitos que não amamentaram! Clamareis então para os montes: – Caí sobre nós! E rogareis aos outeiros: – Cobri-nos! Porque se ao madeiro verde fazem isto, que se não fará ao lenho seco?”¹⁶⁷

Quantas informações importantes! Meditando sobre a mensagem, é permitido afirmar que: (i) no final do século XX a coletividade planetária mergulha-se em novo ciclo de embates e destruição; (ii) a escalada das provações é tal que Emmanuel indaga sobre quem impediria a tempestade de suor e lágrimas; (iii) no final do século XX ainda estávamos atravessando período de profundas aflições, reflexo de dezesseis séculos de menosprezo à luz espiritual; (iv) em 1990, os espíritos constatavam um aumento crescente do ódio e de conflitos ideológicos; (v) as relações internacionais não se aprimoraram. Ao contrário, continuam regidas pela desconfiança e pela discórdia; (vi) já em 1990, Emmanuel identificava os povos avançados perturbados por racismo tirânico; (vii) a guerra instalou-se na humanidade no final do século XX, qual sorvedouro infernal; (viii) as conquistas civilizatórias encontram-se sob risco; (ix) em 1990 Emmanuel previa tormenta de lágrimas que cobriria a frente dos continentes em dolorosos quadros apocalípticos; (x) não devemos esperar uma regeneração gratuita, como quem quer colher onde não plantou; (xi) as doutrinas da força conduziram o homem no final do século XX à sua animalidade primária; (xii) desde a Revolução Francesa (Ap 16:3), a terra equipara-se a uma colmeia desesperada,

cenário esse que até 1990 não havia sido resolvido; (xiii) no final do século XX, Emmanuel via a ventania da destruição assoprando novamente, de modo que tormentas de dor estariam em torno dos castelos da vaidade humana; (xiv) os polvos da guerra atacavam o ar do planeta (Ap 7:1-3; Ap 16:17), a permitir para os tempos que correm as mesmas previsões que derrubaram Persépolis, Babilônia, Tebas, Atenas, Roma e Cartago, notadamente para as cidades mais desenvolvidas; (xv) os ventos do norte (aquilão) ameaçam destruição. Esse inventário deve ser suficiente para vincar que os espíritos, por via da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, apontavam entre 1990 e 1993 para a Guerra do Golfo e para aquela época enquanto indicativa de maus presságios. Houve ainda o grande ataque terrorista em solo norte-americano, com a derrubada das Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001. Sobreveio, assim, a guerra ao Iraque em 2003, talvez a mais torpe invasão da história recente da humanidade. O surgimento do Estado Islâmico e de toda a confusão que se instalou a partir da região não é sem propósito. Emmanuel, portanto, vislumbra um conflito no qual os homens retomarão a animalidade primária:

Os homens marcharão ainda uns contra os outros, tripudiando sobre as mais formosas e imperecíveis leis de fraternidade universal, separados pelo simbolismo das bandeiras, obedecendo, muitas vezes, a poderosos imperativos de sua natureza quase semibárbara, embora as expressões de refinamento da sociedade ocidental.¹⁶⁸

Na mensagem comentada acima, intitulada “Nas convulsões do século XX”, Emmanuel refere-se à ventania

da destruição e ao aquilão (= vento norte):

Este, o dilema da atualidade, em que a ventania da destruição assopra de novo... [...] Polvos mortíferos do ódio e da ambição desregrada multiplicam-se no oxigênio terrestre, predizendo misérias e desolação. [...] E, enquanto o aquilão da impiedade ruge destruidor, reunamo-nos na Jerusalém do íntimo santuário!... ¹⁶⁹

Emmanuel não é de perder tempo com palavras vazias de sentido! Anotemos a advertência constante da seguinte mensagem ditada pelo espírito de Francisco Leite Bittencourt Sampaio:

A luta será gigantesca; vereis homem contra homem, nação contra nação. A guerra, esse pavoroso gênio do extermínio, alargará todas as suas possibilidades de destruição e suas vozes aterradoras anunciarão outros flagelos, decorrentes de sua ação corrosiva, mas necessária.¹⁷⁰

Em comentários anteriores foram apresentados seis registros colhidos diretamente de Chico Xavier que atestam alertas do médium para um terceiro conflito mundial de grandes proporções. Em alguns desses registros, o conflito nuclear é abordado expressamente. Remete-se o leitor novamente às sérias previsões ali contidas. Também foi demonstrado que, a partir da Guerra do Golfo, Chico Xavier psicografou advertências com tom evidentemente apocalíptico.

No livro Há dois mil anos consta uma manifestação de Jesus que diz respeito a eventos naturais que viriam como uma consequência do próprio desequilíbrio vibratório no planeta:

Exausto de receber os fluidos venenosos da ignomínia e da iniquidade de seus habitantes, o próprio planeta protestará contra a impenitência dos homens, rasgando as entranhas em dolorosos cataclismos... As impiedades terrestres formarão pesadas nuvens de dor que rebentarão, no instante oportuno, em tempestades de lágrimas na face escura da Terra e, então, das claridades de minha misericórdia, contemplarei meu rebanho desditoso e direi como os meus emissários: “Ó Jerusalém, Jerusalém!...”¹⁷¹

Cabe questionar quando aconteceria.

Na entrevista concedida à TV Tupi, em 1971, várias vezes comentadas neste trabalho, Chico Xavier previu que o progresso se faria mais nítido, a denotar uma transição menos atribulada para o planeta, se não ingressássemos numa guerra de extermínio nos cinquenta anos subsequentes. A notória manifestação do médium é abordada nos livros e nos documentários Não será em 2012 – Chico Xavier revela a data-limite para o mundo velho¹⁷² e Data-limite segundo Chico Xavier.¹⁷³

No início desta obra, foram esclarecidas as leis gerais que regem a mediunidade de presciência. Com suporte nelas deve-se ter em mente que todas as datas manifestadas por revelações são probabilidades que poderão se assentar no plano dos fatos com alguma variação, em razão do livre-arbítrio dos homens. Exatamente por isso, ensinou Jesus: “Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do

céu, mas unicamente meu Pai” (Mt 24:36). É interessante notar, todavia, que a mediunidade de Chico Xavier permite a comparação das fases finais do período de provas e expiações com as horas de um relógio caminhando adentro na noite. As horas avançadas são empregadas como uma ilustração para indicar a aproximação dos períodos mais obscuros. Nas palavras do espírito de Anna Justina Ferreira Nery, tida como a primeira enfermeira do Brasil: “Grandes horas, estes momentos do mundo inteiro! Marcam solenemente no relógio da eternidade os desvarios da Terra!”¹⁷⁴

No citado poema de Castro Alves, o relógio marca o entardecer, em algum momento do século XX. E o mesmo relógio indica o anoitecer, por volta de 1992, ano de publicação da mensagem.¹⁷⁵ Em outro trabalho o poeta é mais explícito, atrelando o conflito no Golfo Pérsico à noite:

No Golfo Pérsico é noite...

Revejo a nuvem da guerra,

Pairando, acima da Terra,

A espalhar-se na amplidão...¹⁷⁶

Emmanuel menciona, em 1938, o final da tarde (crepúsculo), que seria sucedido pela noite:

Vive-se agora, na Terra, um crepúsculo, ao qual sucederá profunda noite; e ao século XX compete a missão do

desfecho desses acontecimentos espantosos. [...] A noite não tarda e, no bojo de suas sombras compactas, não nos esqueçamos de Jesus, cuja misericórdia infinita, como sempre, será a claridade imortal da alvorada futura, feita de paz, de fraternidade e de redenção.¹⁷⁷

Portanto, considerando-se a aproximação da noite, conforme as chaves interpretativas fornecidas pela mediunidade de Chico Xavier, pode-se afirmar que não tarda a concretização da sétima taça do apocalipse.

Em importante anotação, Humberto de Campos menciona que “a criatura humana parece regredir à noite escura e misteriosa das suas origens”.¹⁷⁸ Entendemos que o dito retorno à escuridão noturna, indicativa de nossas origens, é uma previsão de que a humanidade poderia repetir evento semelhante ao que se verificou em Capela, que culminou no exílio de grande contingente de espíritos para a Terra. Emmanuel não dá detalhes do que ocorreu naquele sistema, apenas diz que lá se verificou “uma ação de saneamento geral”.¹⁷⁹

Contudo, o contexto narrado por Humberto de Campos, no trecho em foco, aponta para lutas de vulto. Assim, é possível que ele esteja se referindo a uma grande guerra também ocorrida no sistema de Capela, que acarretou no exílio de muitos espíritos ao nosso planeta. Assim, uma terceira guerra global de cunho nuclear seria incidir novamente no mesmo erro cometido naquele outro orbe. Em face da hipótese de ocorrer uma “reincidência”, convém refletir em que medida atuaria a Misericórdia Divina.

As lutas finais de um longo aperfeiçoamento estavam delineadas, como ora acontece convosco, relativamente às

transições esperadas no século XX, nesse crepúsculo de civilização.¹⁸⁰ De fato, a criatura humana parece regredir à noite escura e misteriosa das suas origens.¹⁸¹

Pensar numa provação dessa magnitude não é fácil. O estudioso do Espiritismo pode fazer-se muitos questionamentos a respeito do tema. Num esforço de antecipação, pode-se sintetizá-los nos seguintes: (i) o que esperar das citadas fases do Apocalipse referidas como Thecel (Kippur do fim) e do Pharés (Sukkot)? (ii) a humanidade dá sinais de superação do paradigma bélico? (iii) como cotejar as revelações trazidas pela mediunidade de Chico Xavier posteriores a 1938, ano de edição do livro *A caminho da luz*, com as contidas neste último? Existe contradição entre o livro *A caminho da luz* e as demais manifestações da lavra de Francisco Cândido Xavier? (iv) Emmanuel e os demais espíritos que se comunicaram por intermédio de Francisco Cândido Xavier deixaram transparecer, de alguma forma, quais seriam suas opiniões a respeito dos momentos finais da transição planetária? Devemos nos inclinar às “predições de Cassandra” ou ao “barateamento às profecias”? (v) existe algum fatalismo nas previsões em foco? Como fica a questão da Misericórdia Divina? (vi) o que pode ser feito individualmente, mesmo para quem vive distante da região prevista para o evento?

Esses tópicos são abordados a título de comentários finais ao capítulo 16 do Apocalipse.

O que engessou o institucionalismo religioso do cristianismo no passado?

No diálogo entre João e Jesus, quando este define o envio do Consolador prometido ao planeta, comenta-se sobre a Igreja romana:

- Qual o núcleo de minha doutrina que detém no momento maior força de expressão?

- É o departamento dos bispos romanos, que se recolheram dentro de uma organização admirável pela sua disciplina, mas altamente perniciosa pelos seus desvios da verdade. O Vaticano, Senhor, que não conheceis, é um amontoado suntuoso das riquezas das traças e dos vermes da Terra. Dos seus palácios confortáveis e maravilhosos irradia-se todo um movimento de escravização das consciências. Enquanto vós não tínheis uma pedra onde repousar a cabeça, dolorida, os vossos representantes dormem a sua sesta sobre almofadas de veludo e de ouro; enquanto trazíeis os vossos pés macerados nas pedras do caminho escabroso, quem se inculca como vosso embaixador traz a vossa imagem nas sandálias matizadas de pérolas e de brilhantes. E junto de semelhantes superfluidades e absurdos, surpreendemos os pobres chorando de cansaço e de fome; ao lado do luxo nababesco das basílicas suntuosas, erigidas no mundo como um insulto à glória da vossa humildade e do vosso amor, choram as crianças desamparadas, os mesmos pequeninos a quem estendíeis os vossos braços compassivos e misericordiosos. Enquanto sobram as lágrimas e os soluços entre os infortunados, nos templos, onde se cultua a vossa memória, transbordam moedas em mãos cheias, parecendo, com amarga ironia, que o dinheiro é uma defecação do demônio no chão acolhedor da vossa casa.¹⁸²

Assim, o institucionalismo romano é uma preocupação para o Cristo desde sempre, em razão de sua “força de expressão” e também porque sua atuação foi responsável por anos de atraso na marcha evolutiva do planeta.¹⁸³

A humanidade dá sinais de superação do paradigma bélico?

Por diversas vezes, a mediunidade de Francisco Cândido Xavier nos alertou para o fato de que a transição mais amena exigiria um preço: a paz. Significa dizer que seria possível o desdobramento de uma transição sem tribulações de vulto se a humanidade conseguisse evitar uma guerra de grandes proporções. Manifestações desse teor podem ser apontadas: (i) entrevista concedida à TV Tupi, em 1971¹⁸⁴; (ii) entrevista concedida à apresentadora Hebe Camargo, em 1985¹⁸⁵; (iii) entrevista concedida ao Programa “Terceira Visão”, em 1987; (iv) entrevista concedida para documentário da FEESP de 1987; (v) mensagem de Emmanuel, intitulada “Nas convulsões do século XX”, de 1990.¹⁸⁶

Ainda, considere-se as seguintes afirmativas, igualmente avaliadas nas linhas anteriores:

Os lobos famintos da civilização armamentista ficarão sob os escombros fumegantes de suas grandezas [Ap 18:8, 9, 17-19], e a alma cristã cantará a glória dos pacíficos e dos bem-aventurados [Apoc. 19:1].¹⁸⁷

A impenitência da civilização moderna, corrompida de vícios e mantida nos seus maiores centros à custa das indústrias bélicas, não é diferente do império babilônico que caiu, apesar do seu fastígio e da sua grandeza. No banquete dos povos ilustres da atualidade terrestre, leem-se as três palavras fatídicas do festim de Baltasar. Uma força invisível gravou novamente o “Mane - Thecel - Pharés” na festa do mundo. Que Deus, na sua misericórdia, ampare os humildes e os justos.¹⁸⁸

Vejamos bem a questão dos armamentos. Os armamentos são cada vez mais especializados para veicular a morte de milhões de pessoas. Então, o homem não tem o que indagar sobre o fim do mundo, porque qualquer transformação mais trágica do mundo virá do homem e não da bondade de Deus. [...] Tudo indica que se não trabalharmos coletivamente com todos os meios ao nosso alcance para que isto seja evitado, de fato uma nova calamidade pode ocorrer sobre nós. Agora, vamos fazer a força possível para que isto não aconteça ou que aconteça pelo mínimo, se é que nós não podemos estar livres de débitos tão grandes.¹⁸⁹

E, ao fazê-lo, desejamos apenas asseverar a nossa fé positiva no grande futuro, quando o homem, superior a todas as contingências, respirar, enfim, livre dos polvos da guerra que lhe sugam as energias e lhe entornam inutilmente o sangue em esgotos de lágrimas.¹⁹⁰

Na entrevista concedida à TV Tupi, em 1971, Chico Xavier foi muito claro sobre ser imprescindível “encerrar o período bélico na evolução dos povos terrestres”.¹⁹¹ Sob essa lente é

que deve ser lida a seguinte afirmativa de Emmanuel, no sentido de que as guerras “somente terminarão com o apogeu dessas lutas fratricidas, no processo de seleção final das expressões espirituais da vida terrestre”.¹⁹²

Se é verdade afirmar que o planeta somente avançará para a fase de regeneração após a superação do paradigma bélico, por outro lado cabe refletir se a humanidade segue no roteiro da eliminação das armas. Como se sabe, os últimos anos têm demonstrado uma nova corrida armamentista entre as potências dominantes do globo. É verdade que um movimento de paz e de redução armamentista poderá eclodir a qualquer momento, e o sucesso de um empreendimento dessa natureza dependerá de atuação individual e coletiva. Todavia, não é menos verdade que na atual fase não há indícios de superação do cenário bélico.

Como cotejar as revelações trazidas pela mediunidade de Chico Xavier posteriores a 1938, ano de edição do livro *A caminho da luz*, com as contidas no livro *Apocalipse segundo o Espiritismo*? Existe contradição entre esta obra e as demais manifestações da lavra de Francisco Cândido Xavier?

Consta no livro *A caminho da luz*:

O século que passa efetuará a divisão das ovelhas do imenso rebanho. O cajado do pastor conduzirá o sofrimento na tarefa penosa da escolha e a dor se incumbirá do

trabalho que os homens não aceitaram por amor. [...] Vive-se agora, na Terra, um crepúsculo, ao qual sucederá profunda noite; e ao século XX compete a missão do desfecho desses acontecimentos espantosos.¹⁹³

Cabe-nos ter em mente que mensagens psicografadas por Chico Xavier, bem como suas manifestações em entrevistas e palestras posteriores à publicação do livro *A caminho da luz*, foram mais específicas.

Basta consultar os trechos transcritos nas linhas anteriores, inclusive as publicadas após o início da Guerra do Golfo, quando os espíritos, verificando a direção tomada pelo livre-arbítrio de coletividades destacadas, puderam emitir novas considerações a respeito das respectivas repercussões. As escolhas dos homens, enquanto causas, possuem o poder de especificar outros rumos, que são as consequências.

A mesma lei de causa e efeito continua operando. A humanidade, com grande empenho de sua vontade, poderá afastar os perigos da atualidade e fazer merecer o reconhecimento de Deus, que atuará a sua Misericórdia na proporção dos esforços.

Emmanuel e os demais espíritos que se comunicaram por intermédio de Francisco Cândido Xavier deixaram transparecer, de alguma forma, quais seriam as suas visões a respeito dos momentos finais da transição planetária?

Evidentemente, os espíritos superiores fazem a leitura do futuro segundo suas capacidades e tendo-se por base as escolhas presentes. Uma vez que os passos da atualidade não têm apresentado melhoras quanto ao problema bélico, suas perspectivas não são fantasiosas. São, ao contrário, fundadas e realistas.

Emmanuel, a partir de 1990, afirma que (i) a tempestade avizinha-se nos horizontes políticos e sociais do mundo inteiro; (ii) a espiritualidade superior fala em uníssono sobre um perigo iminente; (iii) o homem se encontra às vésperas de abandonar a sua crisálida de cidadão; (iv) verifica-se o perigo pendente de subversão do planeta;¹⁹⁴ (v) no final do século XX, a coletividade planetária mergulha em novo ciclo de embates e destruição; (vi) seria o caso de indagar quem conseguiria impedir a tempestade de suor e lágrimas que se aproximaria; (vii) no final do século XX, o planeta ainda atravessava período de profundas aflições, reflexo de dezesseis séculos de menosprezo à luz espiritual; (viii) as relações internacionais não se aprimoraram; (ix) a guerra instalou-se na humanidade no final do século XX, qual sorvedouro infernal; (x) as conquistas civilizatórias encontram-se sob risco; (xi) seria possível antever uma tormenta de lágrimas que cobriria a fronte dos continentes em dolorosos quadros apocalípticos; (xii) não devemos esperar uma regeneração gratuita, como quem quer colher onde não plantou; (xiii) as doutrinas da força conduziram o homem no final do século XX à sua animalidade primária; (xiv) no final do século XX, via-se a ventania da destruição atuando novamente, de modo que tormentas de dor estariam em torno dos castelos da vaidade humana; (xv) os polvos da guerra atacavam o ar do planeta (Ap 7:1-3; Ap 16:17), a permitir para os tempos que correm as mesmas previsões que derrubaram Persépolis, Babilônia, Tebas, Atenas, Roma e Cartago, notadamente para as cidades mais

desenvolvidas; (xvi) os ventos do norte (aquilão) ameaçam destruição.¹⁹⁵

Chico Xavier, por sua vez, a partir de 1985, manifestou-se no sentido de que (i) a guerra infelizmente parece se aproximar; (ii) a calamidade da guerra está pendente sobre nós; (iii) se não trabalharmos coletivamente com todos os meios ao nosso alcance, de fato uma nova calamidade pode ocorrer sobre nós; (iv) que o futuro reservava horas difíceis para o Brasil e que deveríamos nos preparar para a hipótese de abraçar os filhos de outras terras, que viriam ao nosso país buscando a paz desejada.

Pela mediunidade de Chico Xavier também são constatadas manifestações sobre o imenso débito cármico do planeta, sobretudo dos espíritos que habitam a região da Europa. Confirma-se os trechos selecionados:

Nós estamos no término de um milênio, o segundo milênio da vida cristã. Este segundo milênio foi caracterizado por guerras quase que constantes, sendo que a primeira durou 195 anos em que os homens se exterminaram uns aos outros, criando dificuldades cármicas muito grandes para a Humanidade. Foram as guerras das cruzadas. [...] Essas guerras não foram brincadeira. As criaturas humanas adquiriram fichas cármicas muito dolorosas, porque tudo aquilo que nós semeamos, nós devemos colher. Então, no fim deste século, nós estamos colhendo o que nós temos semeado, quase que desde o seu princípio.¹⁹⁶

Não podemos olvidar, também, que a Europa, superalfabetizada, se encontra num Karma de débitos

clamorosos, à frente da Lei, em dolorosa expectativa, para o reajuste moral, que lhe é necessário.¹⁹⁷

Revendo os quadros da História do mundo, sentimos um frio cortante neste crepúsculo doloroso da civilização ocidental. Lembremos a misericórdia do Pai e façamos as nossas preces. A noite não tarda e, no bojo de suas sombras compactas, não nos esqueçamos de Jesus, cuja misericórdia infinita, como sempre, será a claridade imortal da alvorada futura, feita de paz, de fraternidade e de redenção.¹⁹⁸

Por isso, nos débitos romanos pesam essas responsabilidades tão tremendas quão dolorosas.¹⁹⁹

Considere-se a seguinte manifestação do mentor Eusébio, publicada em 1945: “O vendaval das paixões fulminantes de homens e de povos passa ululante, de um a outro polo, a semear maus presságios”.²⁰⁰ Por fim, é preciso lembrar da afirmativa de Emmanuel sobre o fato de que “a civilização ocidental não chegou a se cristianizar”.²⁰¹

Não se trata, no caso, de pessimismo. A observação dos fatos é que permite apontar num ou noutro sentido, por isso Emmanuel afirma que não devemos nutrir estima pelas “predições de Cassandra”, mas também devemos cuidar para não chegar ao outro extremo de “barateamento às profecias”.²⁰²

Cassandra, personagem da mitologia grega, teve a orelha lambida por serpentes e, devido a isso, adquiriu notável sensibilidade para ouvir as vozes dos deuses. Tornou-se, assim, uma profetiza. Após recusar relacionamentos com Apolo, foi por este amaldiçoada para que ninguém

acreditasse em suas previsões. Por consequência da condenação, foi tida como louca pela população e em vão tentou avisar ao povo de Troia sobre a invasão iminente. Ao que tudo indica, Emmanuel recorreu à figura mitológica para ilustrar profecias que ao grande público parecem espetaculosas.

Ele destaca, de outro ângulo, que as profecias não podem ser desprezadas. É preciso muita cautela em não equiparar o Apocalipse a contos fantásticos. Ali estão consignadas previsões de Jesus. Embora envoltas em simbologia, são as constatações do mais evoluído espírito vinculado ao planeta.

Existe algum fatalismo nas previsões em foco? Como fica a questão da Misericórdia Divina?

Conforme visto no subcapítulo que tratou das “visões de Jonas”, as profecias podem ser alteradas de acordo com as escolhas atuais. Apenas para completar os ensinamentos em torno das “visões de Jonas”, deve-se lembrar de importante lição de Emmanuel a respeito do beijo dado por Judas em Jesus (Mt 26:49). Ao comentar Mt 26:50²⁰³, o mentor de Chico Xavier ensina que Jesus antevia os suplícios que o esperavam, sabia que Judas encontrava-se envolvido e, quando este desponta acompanhado dos soldados romanos, é recebido pelo Mestre com o título de amigo. Assim conclui Emmanuel:

Seu coração misericordioso proporcionava ao discípulo inquieto o ensejo ao bem, até ao derradeiro instante. Embora notasse Judas em companhia dos guardas que lhe efetuariam a prisão, dá-lhe o título de amigo. Não lhe retira a confiança do minuto primeiro, não o maldiz, não se entrega a queixas inúteis, não o recomenda à posteridade com acusações ou conceitos menos dignos. Nesse gesto de inolvidável beleza espiritual, ensinou-nos Jesus que é preciso oferecer portas ao bem, até à última hora das experiências terrestres, ainda que, ao término da derradeira oportunidade, nada mais reste além do caminho para o martírio ou para a cruz dos supremos testemunhos.²⁰⁴

O que pode ser feito individualmente, mesmo para quem vive distante da região prevista para o evento?

Para responder a essa questão, parte-se da seguinte afirmativa de Francisco Cândido Xavier:

Eu não vejo qualquer ideia de superação de Allan Kardec nos dias de hoje, até mesmo a discutida página sobre duelos está perfeitamente simbolizada nos conflitos que estamos vivendo, não a peso de armas, mas no campo vibratório. Os duelos no campo vibratório são tamanhos que somos obrigados a pensar em conflito internacional. [...] ²⁰⁵

Vários espíritos, por intermédio de Chico Xavier, trouxeram alertas sobre a necessidade de zelarmos pelo nosso estado

mental, com benefícios coletivos. Se os anos correntes nos parecem estranhos, veja-se que desde 1947 o espírito de André Luiz já alertava para o problema dos desequilíbrios vibratórios individuais e coletivos no planeta. No livro *No mundo maior*, o autor espiritual reproduz partes de preleção do mentor Eusébio, cujos trechos mais relevantes seguem:

Debalde exortou-nos o Cristo a buscar as manifestações do Pai em nosso próprio íntimo. Cevamos e expandimos unicamente o egoísmo e a ambição, a vaidade e a fantasia na Crosta Planetária. Contraímos pesados débitos e escravizamos-nos aos tristes resultados de nossas obras, deixando-nos ficar, indefinidamente, na messe dos espinhos. Foi assim que atingimos a época moderna, em que a loucura se generaliza e a harmonia mental do homem está a pique de soçobro. De cérebro evolvido e coração imaturo, requintamo-nos, presentemente, na arte de esfacelar o progresso espiritual. [...] Hoje, as coletividades humanas ainda sofrem o assédio da espada homicida, e chuvas de bombas arremetem contra populações indefesas; no entanto, a febre amarela, a cólera e a varíola foram dominadas; a lepra, a tuberculose e o câncer experimentam combate sem tréguas. Existe, porém, nova ameaça ao domicílio terrestre: o profundo desequilíbrio, a desarmonia generalizada, as moléstias da alma que se ingerem, sutis, solapando-vos a estabilidade. [...] Como fruto de eras sombrias, caracterizadas pela opressão e maldade recíprocas, em que temos vivido, odiando-nos uns aos outros, vemos a Terra convertida em campo de quase intermináveis hostilidades. Homens e nações perseguem o mito do ouro fácil; criaturas sensíveis abandonam-se aos distúrbios das paixões; cérebros vigorosos perdem a visão interior, enceguedidos pelos enganos da personalidade e do autoritarismo. Empenhados em disputas intermináveis, em

duelos formidandos de opinião, conduzidos por desvairadas ambições inferiores, os filhos da Terra abeiram-se de novo abismo, que o olhar conturbado não lhes deixa perceber. Esse hiante vórtice, meus irmãos, é o da alienação mental, que não nos desintegra só os patrimônios celulares da vida física, senão também nos atinge o tecido sutil da alma, invadindo-nos o cerne do corpo perispiritual. Quase todos os quadros da civilização moderna se acham comprometidos na estrutura fundamental. Precisamos, pois, mobilizar todas as forças ao nosso alcance, a serviço da causa humana, que é a nossa própria causa. [...] Não reclamemos, pois, ingresso em mundos felizes, antes de melhorar o nosso próprio mundo.²⁰⁶

O orientador Alexandre adverte sobre a necessidade do alinhamento de nossa vontade às leis maiores, com direta repercussão sobre o estado mental:

A perversão do nosso plano mental consciente, em qualquer sentido da evolução, determina a perversão de nosso psiquismo inconsciente, encarregado da execução dos desejos e ordenações mais íntimas, na esfera das operações automáticas. A vontade desequilibrada desregula o foco de nossas possibilidades criadoras. Daí procede a necessidade de regras morais para quem, de fato, se interesse pelas aquisições eternas nos domínios do Espírito. Renúncia, abnegação, continência sexual e disciplina emotiva não representam meros preceitos de feição religiosa. São providências de teor científico, para enriquecimento efetivo da personalidade. Nunca fugiremos à lei, cujos artigos e parágrafos do Supremo Legislador abrangem o Universo. Ninguém enganará a Natureza. Centros vitais

desequilibrados obrigarão a alma à permanência nas situações de desequilíbrio.²⁰⁷

São muito raros ainda, na Terra, os que reconhecem a necessidade de preservação das energias psíquicas para engrandecimento do Espírito eterno. O homem vive esquecido de que Jesus ensinou a virtude como esporte da alma, e nem sempre se recorda de que, no problema do aprimoramento interior, não se trata de retificar a sombra da substância, e sim a substância em si mesma.²⁰⁸

Emmanuel, como visto, fornece importantíssima chave interpretativa ao esclarecer que a besta apocalíptica corresponde ao institucionalismo romano.

E a figura mais dolorosa, ali relacionada, que ainda hoje se oferece à visão do mundo moderno, é bem aquela da igreja transviada de Roma, simbolizada na besta vestida de púrpura e embriagada com o sangue dos santos.²⁰⁹

A Europa, na atualidade, é o gigante cansado, à beira do seu túmulo. Infelizmente, o senso arraigado do militarismo envenenou-lhe os centros de força.²¹⁰

A realidade, porém, qual já vimos, é que, como os egípcios, os hindus eram um dos ramos da massa de proscritos da Capela, exilados no planeta. Deles descendem todos os povos arianos, que floresceram na Europa e hoje atingem

um dos mais agudos períodos de transição na sua marcha evolutiva.²¹¹

Esse é o monstro da guerra que asfixia a Europa e a América com a mesma força com que constringia a garganta do Egito e da Babilônia.²¹²

A Europa, nas suas expressões de decadência, não conseguiria receber semelhantes vibrações numa hora destas, em que o Velho Mundo ouve, amargurado, os mais dolorosos ais do Apocalipse.²¹³

Não podemos olvidar, também, que a Europa, superalfabetizada, se encontra num Karma de débitos clamorosos, à frente da Lei, em dolorosa expectativa, para o reajuste moral, que lhe é necessário.²¹⁴

Lembre-se, neste ponto, da icônica declaração da infalibilidade papal, comentada por Emmanuel.²¹⁵

Já foi dito, linhas atrás, que Chico Xavier afirmou: “O fogo virá do Oriente. E multidões migrarão para a Amazônia Brasileira”.²¹⁶ Assim, se efetivamente ocorrer um conflito atômico, de onde partirá o ataque? Do Irã? Evidentemente, espera-se que nada disso ocorra. Uma vez que as profecias, inclusive as de Chico Xavier, não podem ser desprezadas, fica o registro para a posteridade.

Vejamos outras palavras de Emmanuel sobre o tema:

Revelando avançada paranoia, pela hipertrofia do orgulho ante as conquistas da civilização atual, há quem pretenda banir a ideia de Deus do pensamento humano, encastelando-se na demência disfarçada de grandeza. No torvo cometimento, situam-se todos os mentores do ateísmo histórico e prático, notadamente entre os povos-polvos, sequiosos de hegemonia e influência. Todavia, quantos se consagram a semelhante monstruosidade do raciocínio esquecem-se de que apenas há quatro lustros as nações mais cultas do Globo se empenharam em pavorosa carnificina. No prélio terrível, salientavam-se os países superalfabetizados do mundo... Bastaram, porém, simplesmente alguns meses de luta para que se rebaixassem à condição de feras, fazendo renhir as garras sanguissedentas e fulminando as aquisições do espírito, com o objetivo de aniquilar a soberania da razão.²¹⁷

Vale transcrever novamente o que Chico Xavier disse em entrevista à Hebe Camargo: “Agora, vamos fazer a força possível para que isto não aconteça ou que aconteça pelo mínimo, se é que nós não podemos estar livres de débitos tão grandes”.²¹⁸

Dentro de alguns séculos, os colossos de Paris, de Roma e de Londres serão contemplados com o embevecimento histórico das recordações; a torre Eiffel e a Abadia de Westminster serão como as ruínas do Coliseu de Vespasiano e das construções antigas do Spalato. Os ventos tristes da noite hão de soluçar sobre os destroços, onde os homens se encontraram para se destruírem, uns aos outros, em vez de se amarem como irmãos. Os raios da luz deixarão ver, nas margens do Tâmis, do Tibre e do Sena o local onde a

civilização ocidental suicidou-se à míngua de conhecimentos espirituais. O império britânico conhecerá então, como a península ibérica a recordação dos seus domínios e das suas conquistas. A França sentirá, como a Grécia antiga, um orgulho nobre por ter cooperado na enunciação dos Direitos do homem e a Itália se lembrará melancolicamente de suas lutas. De cada vez que os homens querem impor-se, arbitrários e despóticos, diante das leis divinas, há uma força misteriosa que os faz cair, dentro dos seus enganos e de suas próprias fraquezas. A impenitência da civilização moderna, corrompida de vícios e mantida nos seus maiores centros à custa das indústrias bélicas, não é diferente do império babilônico que caiu, apesar do seu fastígio e da sua grandeza. No banquete dos povos ilustres da atualidade terrestre, leem-se as três palavras fatídicas do festim de Baltasar. Uma força invisível gravou novamente o “Mane – Thecel – Pharés” na festa do mundo. Que Deus, na sua misericórdia, ampare os humildes e os justos.²¹⁹

E mais uma vez recorrendo a Emmanuel:

Sim, porque depois da treva surgirá uma nova aurora. Luzes consoladoras envolverão todo o orbe regenerado no batismo do sofrimento. O homem espiritual estará unido ao homem físico para a sua marcha gloriosa no Ilimitado e o Espiritismo terá retirado dos seus escombros materiais a alma divina das religiões, que os homens perverteram, ligando-as no abraço acolhedor do Cristianismo restaurado.²²⁰

Chegará o momento de extirpar o mal do planeta. Dessa forma, haverá também um exílio para fora da Terra, tal como nosso planeta recebeu espíritos de Capela na formação das chamadas raças adâmicas.²²¹ É o que explica Emmanuel:

Então a Terra, como aquele mundo longínquo da Capela, ver-se-á livre das entidades endurecidas no mal, porque o homem da radiotelefonia e do transatlântico precisa de alma e sentimento, a fim de não perverter as sagradas conquistas do progresso. Ficarão no mundo os que puderem compreender a lição do amor e da fraternidade sob a égide de Jesus, cuja misericórdia é o verbo de vida e luz, desde o princípio.²²²

Lembre-se que nos mundos regenerados ainda existe a imperfeição:

Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes; a alma penitente encontra neles a calma e o repouso e acaba por depurar-se. Sem dúvida, em tais mundos o homem ainda se acha sujeito às leis que regem a matéria; a Humanidade experimenta as vossas sensações e desejos, mas liberta das paixões desordenadas de que sois escravos, isenta do orgulho que impõe silêncio ao coração, da inveja que a tortura, do ódio que a sufoca. Em todas as fronteiras, vê-se escrita a palavra amor; perfeita equidade preside as relações sociais, todos reconhecem Deus e tentam caminhar para Ele, cumprindo-lhe as leis. Nesses mundos, todavia, ainda não existe a felicidade perfeita, mas a aurora

da felicidade. O homem lá é ainda de carne e, por isso, sujeito às vicissitudes de que libertos só se acham os seres completamente desmaterializados; ainda tem de suportar provas, porém, sem as pungentes angústias da expiação.²²³

A regeneração da humanidade, portanto, não exige absolutamente a renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação em suas disposições morais.²²⁴

Nas palavras de Nestório, personalidade pretérita de Emmanuel:

O reino do Senhor sofrerá, por muito tempo, a “abominação do lugar santo”, pela falsa interpretação dos homens, mas chegará a época em que a Humanidade, hoje decadente e corrompida, se sentirá a caminho de uma Jerusalém gloriosa e libertada!...²²⁵

Pela perspectiva de um conflito atômico mundial, é plausível o cenário em que sobreviventes terão que buscar terras não afetadas pela radiação, a caracterizar um novo e grande êxodo. Francisco Cândido Xavier falou sobre o tema ao menos três vezes. A primeira, já mencionada, está no livro *A viagem com Chico Xavier*.²²⁶ A segunda, igualmente comentada, foi manifestada em palestra proferida no Centro Espírita Perseverança de São Paulo:

Preparemo-nos para um mundo de fraternidade, de fraternidade verdadeira, em nos referindo à comunidade

das nações. Preparemo-nos, talvez, para abraçar os filhos de outras terras que virão até o coração de nosso país, buscando a paz desejada, que para eles tem sido tão difícil de ser encontrada. Somos, em verdade, geograficamente falando, o coração do mundo. E como filhos da Pátria do Evangelho, somos chamados a exemplificar o que aprendemos, o que ensinamos, o que constitui a razão de nossas vidas.²²⁷

A terceira consiste numa hipótese aventada no livro *Cadernos de mensagens*:

Aqui mesmo no Brasil, numa nação com capacidade de asilar 900 milhões de habitantes, em quatrocentos e alguns anos de evolução, mal estamos passando das faixas litorâneas. Serviços imensos esperam por nossas almas no futuro próximo.²²⁸

Será, assim, o momento da colheita e da separação entre o joio e o trigo: “O século que passa efetuará a divisão das ovelhas do imenso rebanho. O cajado do pastor conduzirá o sofrimento na tarefa penosa da escolha e a dor se incumbirá do trabalho que os homens não aceitaram por amor”.²²⁹

Esse exílio viria num contexto posterior a uma guerra nuclear, com grande potencialidade destrutiva. O que aponta para um cenário de verdadeiro retorno às origens, de acordo com um dos sentidos tradicionais do feriado.²³⁰ Chico Xavier manifestou-se a respeito, na entrevista concedida à TV Tupi em 1971, ao frisar que a humanidade iria retroceder muito se ocorresse uma terceira guerra:

“Senão vamos aguentar nós todos, talvez com as estacas zero ou quase zero para recomeçar tudo de novo”.²³¹

Anote-se que a distribuição quadripartite prevista no próprio Apocalipse para as terras da Nova Jerusalém mostra-se compatível com a revelação dada por Chico Xavier a Geraldo Lemos Neto, a respeito da divisão do atual território brasileiro em quatro partes, na hipótese de uma imigração em massa causada por um conflito mundial de grandes proporções.²³² O espírito de Bittencourt Sampaio escreveu:

Ao Brasil de amanhã espera um dia lindo e indescritível. Como a Canaã prometida, é para as suas infinitas possibilidades econômicas, para o seu seio, onde todas as raças confraternizam, caldeando sentimentos e dando origem ao ouro puro da fraternidade, que as outras nações volverão os olhos amortecidos, esgotadas pelo furioso excesso das lutas mais cruentas.²³³

Humberto de Campos escreveu:

De portas abertas, diante da paisagem escura em que se agitam os viajores humanos, o santuário de Ismael, no Brasil, reflete a luz da Boa-Nova, em comunhão com as fontes celestiais. Da região platina ao vale amazônico, traça caminhos sutis de redenção para o mundo inteiro, no cultivo da árvore augusta do Evangelho, transplantada pelos pomicultores do Alto para o solo acolhedor da Brasília esperança! Dia e noite, o seu leque gigantesco de claridades sublimes varre o céu constelado, descortinando ao planeta o alvorecer da nova era.²³⁴

Chico Xavier se manifesta a respeito da importância da região de Goiás, inclusive para os dias futuros:

14-Segundo o que se possa saber dos guias espirituais, a mudança da Capital Federal para a Terra de Goiás e a transferência do Estado de Goiás para Goiânia terão tido algum sentido místico?

Os espíritos amigos sempre disseram, notadamente em Pedro Leopoldo, há muito tempo, que o Estado de Goiás é o campo do equilíbrio e da ordem para a garantia do progresso do País. E, por isso, as determinações de caráter místico, que se manifestam no mundo para ambas essas mudanças se realizassem, obedeceram a processo decorrentes da própria decisão do Mundo Espiritual, com alusão aos destinos de Goiás. [...] De 1863 a 1933, o tempo naturalmente rolou e o mundo espiritual patrocinou a vinda de grandes missionários da vida goiana, a maioria deles renascidos nas margens do histórico Rio Vermelho, para que se abraçassem e se harmonizassem, provendo a mudança da Capital, porquanto a mudança da Capital se impunha por necessidade básica na garantia da própria vida nacional do Brasil, como povo cristão indicado a grandes tarefas na civilização do futuro. [...] A mudança se destacava compreensível e imperiosa para que o País pudesse trazer o seu próprio coração palpitante ao planalto goiano e daí cogitar do zelo e da administração de vastas faixas territoriais do País, à frente do porvir. [...] Creio nos fundamentos místicos da transferência da Capital de Goiás para Goiânia, tanto quanto na transferência da Capital Federal do Rio para Brasília.²³⁵

No livro Há dois mil anos consta uma manifestação de Jesus que apontava o aproveitamento de todos os recursos existentes no planeta:

Trabalharemos com amor, na oficina dos séculos porvindouros, reorganizaremos todos os elementos destruídos, examinaremos detidamente todas as ruínas buscando o material passível de novo aproveitamento e, quando as instituições terrestres reajustarem a sua vida na fraternidade e no bem, na paz e na justiça, depois da seleção natural dos Espíritos e dentro das convulsões renovadoras da vida planetária, organizaremos para o mundo um novo ciclo evolutivo, consolidando, com as divinas verdades do Consolador, os progressos definitivos do homem espiritual.²³⁶

O preparo do Brasil para a consecução de sua missão evangelizadora iniciou-se desde o início de sua história.²³⁷

Note-se, entretanto, que a mediunidade de Francisco Cândido Xavier distinguiu a época da semente ou da árvore em potência em comparação com a árvore verdejante em plenitude. Esta última acontecerá após as expiações finais, representadas pela sétima e última taça.

Emmanuel refere-se à fase inicial simbolizada pela semente:

“Nos campos exuberantes do continente americano estão plantadas as sementes de luz da árvore maravilhosa da civilização do futuro”.²³⁸

Anota Humberto de Campos sobre a árvore do Evangelho:

Jesus transplantou da Palestina para a região do Cruzeiro a árvore magnânima do seu Evangelho, a fim de que os seus rebentos delicados florescessem de novo, frutificando em obras de amor para todas as criaturas.²³⁹

É por isso que, multiplicando-se em atividades, o mundo espiritual, sob a determinação augusta do Divino Mestre, transplantou para a América a árvore maravilhosa da fraternidade e da paz, a cuja sombra cariciosa e divina, vamos encontrar o Brasil, sob a luz do Cruzeiro, desempenhando a tarefa significadora de Pátria do Evangelho.²⁴⁰

No mesmo sentido, relata Humberto de Campos a seguinte manifestação de Jesus:

Para esta terra maravilhosa e bendita será transplantada a árvore do meu Evangelho de piedade e de amor. No seu solo dadivoso e fertilíssimo, todos os povos da Terra aprenderão a lei da fraternidade universal. Sob estes céus serão entoados os hosanas mais ternos à misericórdia do Pai Celestial.²⁴¹

Sobre a árvore do Evangelho, após atos representativos de “voracidade de carnificina”, o mesmo autor espiritual reproduz as seguintes manifestações do Cristo:

Reúne as incansáveis falanges do Infinito, que cooperam nos ideais sacrossantos de minha doutrina, e inicia, desde já, a construção da pátria do meu ensinamento. Para aí transplantei a árvore da minha misericórdia e espero que a cultives com a tua abnegação e com o teu sublimado heroísmo. Ela será a doce paisagem dilatada do Tiberíades, que os homens aniquilaram na sua voracidade de carnificina.²⁴²

Affonso Celso de Assis Figueiredo, o Visconde de Ouro Preto, apresenta-nos:

Não vivemos, desencarnados e encarnados da Terra, uma época vulgar. O momento é de transições profundas, requisitando intervenções enérgicas. E o Brasil, no concerto dos povos, tem a sua especial destinação como pátria de regeneração do Cristianismo primitivo. Aqui, meu amigo, na grandeza da terra e na vastidão dos horizontes, forma-se uma raça nova e uma atuação transcendente se verificará, em época não distante, na reconstrução geral do mundo. A Europa, embriagada de violência e de sangue, sucumbe ao peso de crimes seculares na tabela expiatória dos grandes sofrimentos coletivos. O orgulho de raça, a vaidade da tecnocracia, a defecção no terreno espiritual transformam o Velho Mundo em palco sanguinolento de chamas dolorosas que só Deus sabe quanto terminarão. A ciência perversa une-se à decadência intelectual e o morticínio prossegue, em surtos insofreáveis, disseminando ruínas, estabelecendo a miséria e agravando devastações. O homem do século XX esconde-se por detrás das muralhas dos livros para

assassinar o direito, disfarça-se nos excessos intelectuais para desorganizar a paz. [...] O Brasil tem uma missão particular no quadro da evolução humana e deve contar com o sacrifício de seus filhos mais dignos e mais operosos. [...] ²⁴³

Em sintonia com as advertências do Visconde de Ouro Preto, há as seguintes exortações de Bittencourt Sampaio:

Muitas vezes, tentando elucidar o vosso entendimento, temos asseverado que o Brasil é a terra do Evangelho. De fato, em nenhum outro país se trabalha com mais fervor pela renascença do Cristianismo, na pureza das suas origens, como nas plagas brasileiras. Pelo seu caráter nitidamente pacifista, foram os filhos da antiga Santa Cruz os escolhidos para a mais grandiosa das tarefas: a de conduzir, por entre os povos esgotados pelas lutas tigrinas, oriundas de ódios raciais, o estandarte bendito da crença pura, único fator do reerguimento moral das coletividades, prejudicadas no mais íntimo das suas organizações, pelos abusos a que se entregaram muitos daqueles que vieram ao mundo incumbidos de lhe proporcionar uma parcela de evolução espiritual. Nos países da Europa, os fenômenos mediúnicos, na sua generalidade, se circunscrevem aos laboratórios dos cétricos, aos ambientes impenetráveis dessa ciência que descansa sobre os louros conquistados, saturada de presunção e de pseudoinfalibilidade, ao passo que, no Brasil, a Doutrina consoladora se espalha pelas camadas populares, lenindo o coração infortunado dos humildes, esclarecendo os ignorantes, confortando os aflitos, como prometeu Jesus no seu suave ensinamento, beneficiando-se, todos os que sofrem, no manancial da sua

caridade inesgotável. O Espiritismo, no Brasil, com a sua feição religiosa e, por isso, redentora, acode, em toda a parte, a uma ânsia de paz e regeneração. Essa diversidade é eminentemente significativa e basta para vos dar a entrever a gloriosa missão coletiva do Brasil como pátria do Evangelho. [...] Ao Brasil de amanhã espera um dia lindo e indescritível. Como a Canaã prometida, é para as suas infinitas possibilidades econômicas, para o seu seio, onde todas as raças confraternizam, caldeando sentimentos e dando origem ao ouro puro da fraternidade, que as outras nações volverão os olhos amortecidos, esgotadas pelo furioso excesso das lutas mais cruentas. Espíritas! Uni-vos cristãmente atentos à sublimidade do vosso mandato! Não é sem razão que os desencarnados reconhecem no Brasil a terra do reflorescimento do Evangelho! Sob a bênção das suas estrelas, ouve-se hinos de redenção e de paz, entoados por aqueles cujos pensamentos luminosos interpretam a vontade e a misericórdia do Cordeiro! Entidades boníssimas preparam, com carinhosa solicitude, o seu grandioso porvir. Que todos vós saibas corresponder à confiança daquele que derrama sobre o mundo as luzes de suas graças, trabalhando todos, mediante o testemunho da fé, para que desabrochem nos corações as flores da crença e da paz, elementos basilares da anelada concórdia humana!²⁴⁴

Francisco Cândido Xavier assim se manifestou expressamente:

Preparemo-nos, talvez, para abraçar os filhos de outras terras que virão até o coração de nosso país, buscando a paz desejada, que para eles tem sido tão difícil de ser

encontrada. Somos, em verdade, geograficamente falando, o coração do mundo. E como filhos da Pátria do Evangelho, somos chamados a exemplificar o que aprendemos, o que ensinamos, o que constitui a razão de nossas vidas.²⁴⁵

A escória espiritual constituída pelos cegos voluntários será exilada como raça de seres decaídos, porque não mais a sede maldita de ouro predominará entre os homens e um fraternismo cristão se implantará sob uma só bandeira de paz.²⁴⁶

Não devemos agir como a “criança que desconhece o valor do tempo”.²⁴⁷

As previsões por Jesus

Emmanuel mantém a advertência para os dias atuais na mensagem intitulada “Nas convulsões do século XX”:

Todavia, atentos à Justiça Indefectível que nos preside aos destinos, ouçamo-Lo a dirigir-se às mulheres piedosas que se lhe ajoelhavam aos pés, na cidade santa: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim! Chorai por vós mesmas e por vossos filhos, porque virão dias em se dirá: – Bem-aventurados os ventres que não geraram e os peitos que não amamentaram! Clamareis então para os montes: – Caí

sobre nós! E rogareis aos outeiros: – Cobri-nos! Porque se ao madeiro verde fazem isto, que se não fará ao lenho seco?²⁴⁸

Reflexões finais: trabalho e fé

Jesus, aquele que presidiu a formação do orbe²⁴⁹, o grande orientador da humanidade, compareceu pessoalmente no plano dos encarnados, deixando exemplos de vida eterna, que consistem na obra máxima em face de todas as filosofias que procuram aprimorar o espírito.²⁵⁰ Nas palavras de Nestório (Emmanuel), “Jesus conhecia todas as nossas necessidades e ajuizou de nossa situação, não apenas em vista da época que passa, mas de todos os séculos do futuro”.²⁵¹

Ao final desse ciclo evolutivo estabelecido à humanidade, que no Espiritismo se conhece por período de provas e expiações, encontra-se a raça ariana sob o desafio de vencer suas chagas, a abranger a ausência de fé, a irresignação, o orgulho, as inquietações das buscas transitórias.²⁵² A Justiça Maior é sempre acompanhada pela Misericórdia Divina, e o resultado dessa combinação fica a cargo de Deus:

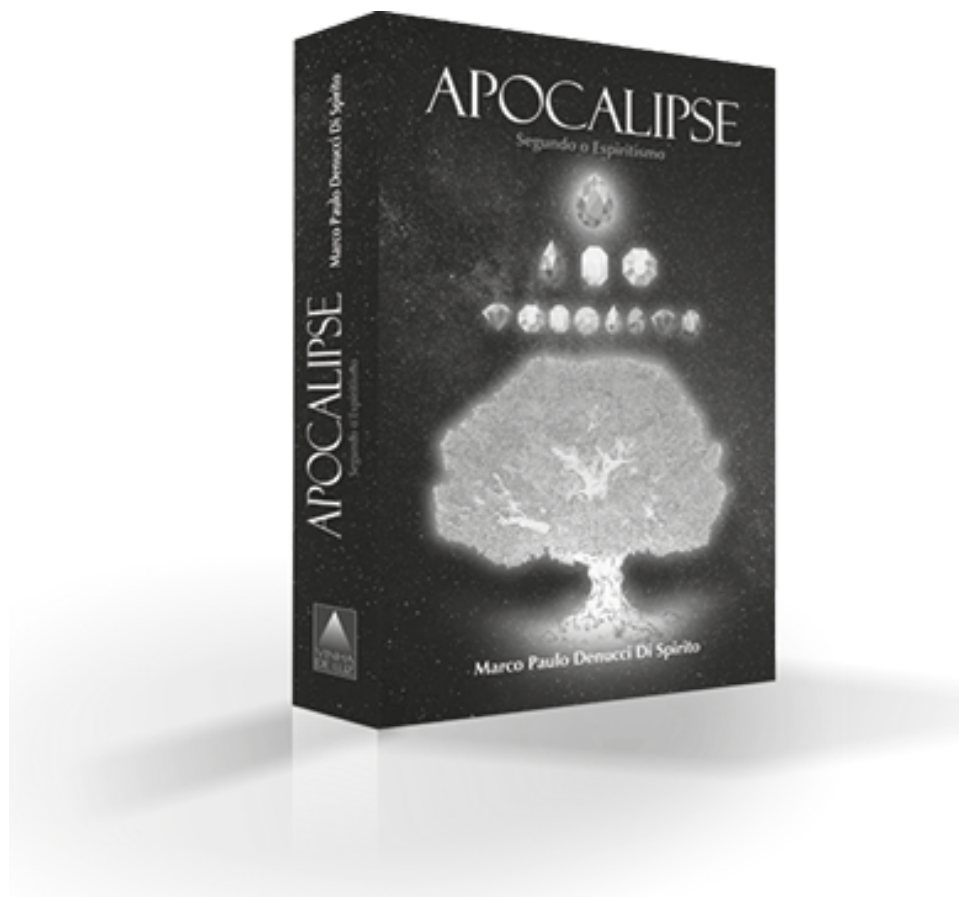
Muita gente insiste pela rigidez e irrevogabilidade das determinações de origem divina, entretanto, compete-nos reconhecer que os corações inclinados a semelhante interpretação ainda não conseguem analisar a essência sublime do amor que apaga dívidas escuras e faz nascer novo dia nos horizontes da alma. Se entre juízes terrestres

existem providências fraternas, qual seja a da liberdade sob condição, seria o tribunal celeste constituído por inteligências mais duras e inflexíveis?

A Casa do Pai é muito mais generosa que qualquer figuração de magnanimidade apresentada, até agora, no mundo, pelo pensamento religioso. Em seus celeiros abundantes, há empréstimos e moratórias, concessões de tempo e recursos que a mais vigorosa imaginação humana jamais calculará. [...] Os prisioneiros da concepção de justiça implacável ignoram os poderosos auxílios do Todo-Poderoso, que se manifestam através de mil modos diferentes; contudo, os que procuram a própria iluminação pelo amor universal sabem que Deus dá sempre e que é necessário aprender a receber.²⁵³

O evangelho irá inevitavelmente florescer “como a seara imortal e inesgotável das bênçãos divinas”.²⁵⁴ “Um dia, todos os seres da Terra hão-de conhecer o Evangelho do Mestre, observando-lhe os ensinamentos”.²⁵⁵

Seja qual for o conteúdo das provas finais pelas quais passarão a humanidade, mantenhamos “a confortadora certeza de que toda tempestade é seguida pela atmosfera tranquila e de que não existe noite sem alvorecer”.²⁵⁶



[29 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 110.](#)

[30 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 116.](#)

[31 XAVIER, Francisco Cândido. O consolador. Brasília: FEB, 2008. 3ª parte, I, pergunta n. 276.](#)

32 Releva destacar essa data em virtude de existirem estudiosos que defendem que todas as previsões que vieram por intermédio de Chico Xavier a respeito de conflitos de grandes proporções referiram-se à Segunda Guerra Mundial. Como se verá adiante, essa visão não encontra respaldo numa detida pesquisa das manifestações do médium.

33 XAVIER, Francisco Cândido. Jesus em nós. São Bernardo do Campo: GEEM, 1986. Caps. 1-3.

34 XAVIER, Francisco Cândido. Contos desta e doutra vida. Rio de Janeiro: FEB, 2006. p. 159.

35 XAVIER, Francisco Cândido. Contos desta e doutra vida. Rio de Janeiro: FEB, 2006. p. 160.

36 XAVIER, Francisco Cândido. Encontros no tempo. Araras: IDE, 1979. Cap. 1.

37 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 202.

38 XAVIER, Francisco Cândido. Pinga-fogo. Catanduva: EDICEL, 1971. p. 80.

39 XAVIER, Francisco Cândido. Palavras sublimes. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2014. p. 80.

40 XAVIER, Francisco Cândido. O consolador. Brasília: FEB, 2008. 3ª parte, I, pergunta n. 276.

41 XAVIER, Francisco Cândido. O consolador. Brasília: FEB, 2008. 3ª parte, I, pergunta n. 275.

42 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 117.

43 KARDEC, Allan. O evangelho segundo o Espiritismo. Brasília: FEB, 2013. Cap. I, itens 4-5.

44 KARDEC, Allan. Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Fevereiro de 1868. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1868.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017. p. 86-87.

45 DI SPIRITO, Marco Paulo Denucci. Apocalipse segundo o Espiritismo. Minas Gerais: Vinha de Luz, 2017.

46 DI SPIRITO, Marco Paulo Denucci. Apocalipse segundo o Espiritismo. Minas Gerais: Vinha de Luz, 2017.

47 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 131.

48 XAVIER, Francisco Cândido. Plantão de respostas. São Paulo: CEU, 1994. Cap. 9.

49 XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel. Brasília: FEB, 2013. p. 178.

50 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 116.

51 XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel. Brasília: FEB, 2013. p. 178.

52 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 59.

53 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 44.

54 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 44-45.

55 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 49-50.

56 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 44.

57 XAVIER, Francisco Cândido. Pinga-fogo. Catanduva: EDICEL, 1971. p. 47.

58 BACCELLI, Carlos. O evangelho de Chico Xavier. São Paulo: Didier, 2000. Cap. 71.

59 XAVIER, Francisco Cândido. Diálogo dos vivos. São Bernardo do Campo: GEEM, 1974. Cap. 4.

60 XAVIER, Francisco Cândido. Novas mensagens. Rio de Janeiro: FEB, 1939. p. 61.

61 XAVIER, Francisco Cândido. Pão nosso. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 105.

62 XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel. Brasília: FEB, 2013. p. 25.

63 XAVIER, Francisco Cândido. Instrumentos do tempo. São Bernardo do Campo: GEEM, 1974. Cap. 37.

64 XAVIER, Francisco Cândido. Paulo e Estêvão. Brasília: FEB, 2008. Cap. 79.

65 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 33.

66 XAVIER, Francisco Cândido. Justiça divina. Rio de Janeiro: FEB, 2000. Cap. 77.

67 XAVIER, Francisco Cândido. Nosso lar. Brasília: FEB, 2008. Cap. 16.

68 XAVIER, Francisco Cândido. Paulo e Estêvão. Brasília: FEB, 2008.

69 XAVIER, Francisco Cândido. Caminho, verdade e vida. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 135.

70 XAVIER, Francisco Cândido. Paulo e Estêvão. Brasília: FEB, 2008.

71 XAVIER, Francisco Cândido; PIRES, J. Herculano. Na era do espírito. São Bernardo do Campo: GEEM, 1973. Cap. 28.

72 KARDEC, Allan. Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. Fevereiro de 1868. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1868.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017. p. 76-77.

73 KARDEC, Allan. Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. Fevereiro de 1868. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1868.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017. p. 76-77.

74 XAVIER, Francisco Cândido. Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho. Brasília: FEB, 2008. Cap. 1.

75 XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel fala sobre Ramatis e outros assuntos. Caderno de Mensagens. 2008 (originariamente: Revista Boa Vontade, ano I, n. 4, outubro de 1956).

76 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 13.

77 Expressão empregada por Humberto de Campos. XAVIER, Francisco Cândido. Estante da vida. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 37.

78 XAVIER, Francisco Cândido. Cartas de uma morta. São Paulo: Lake, 1980. Cap. 5. Nosso adendo explicativo entre colchetes.

79 KARDEC, Allan. Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Fevereiro de 1868. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1868.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017. p. 78.

80 XAVIER, Francisco Cândido. Cinquenta anos depois. Brasília: FEB, 2012. 1ª parte, cap. 5.

81 XAVIER, Francisco Cândido. O consolador. Brasília: FEB, 2008. 3ª parte, II, pergunta n. 312.

82 “Premonição - rejubile-se com a responsabilidade de prever acontecimentos; todavia, busque sentir, pensar e realizar o melhor ao seu alcance, na movimentação de cada dia, para que a sua conversa não se transforme em trombeta de pessimismo e destruição” (XAVIER, Francisco Cândido. Paz e renovação. Araras: IDE, 2000. p. 49).

83 “Várias vezes, antes do berço, visitou, em companhia de grandes instrutores, o local em que receberia a tarefa. E vira, de perto, a enorme cidade em que lhe soaria a palavra como trombeta do Céu” (XAVIER, Francisco Cândido. Contos desta e doutra vida. Rio de Janeiro: FEB, 2006. p. 81).

84 “Eis por que, personificando no discípulo do Evangelho a trombeta viva do Cristo, dele devemos esperar avisos seguros” (XAVIER, Francisco Cândido. Vinha de luz. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 124).

85 “Esse golpe foi a grande espada de dor, estraçalhando para sempre a tranquilidade da sua vida” (XAVIER, Francisco Cândido. Crônicas de além-túmulo. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 28).

86 XAVIER, Francisco Cândido. Estante da vida. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 37.

87 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 153.

88 XAVIER, Francisco Cândido. Esperança e luz. São Paulo: CEU, 1994. Cap. 14.

89 XAVIER, Francisco Cândido. Palavras sublimes. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2014. p. 59-61.

90 XAVIER, Francisco Cândido. Esperança e luz. São Paulo: CEU, 1994. Cap. 14.

91 XAVIER, Francisco Cândido. Jesus em nós. São Bernardo do Campo: GEEM, 1986. Caps. 1-3.

92 XAVIER, Francisco Cândido. Pinga-fogo. Catanduva: EDICEL, 1971. p. 47-50.

93 XAVIER, Francisco Cândido. Jesus em nós. São Bernardo do Campo: GEEM, 1986. Caps. 1-3.

94 A GUERRA parece se aproximar. Publicado em 14 jul. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BHcjYtzNyXc&t=132s>. Acesso em: 10 ago. 2017.

95 CHICO XAVIER FALA sobre a calamidade da guerra que pende sobre nós. Publicado em 19 set. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vw-0sRw2V9s&feature=youtu.be>. Acesso em: 10 out. 2017.

96 CHICO XAVIER CONFLITO internacional. Publicado em 19 set. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iWLCUpjjuoE&feature=youtu.be>. Acesso em: 10 out. 2017.

97 TESTEMUNHOS do povo brasileiro nos momentos difíceis segundo Chico Xavier. Publicado em 14 de jul. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUZ10zaptGo>. Acesso em: 10 out. 2017.

98 XAVIER, Francisco Cândido. Justiça Divina. Rio de Janeiro: FEB, 1964.

99 XAVIER, Francisco Cândido. Cinquenta anos depois. Brasília: FEB, 2012. 1ª parte, cap. 5.

100 XAVIER, Francisco Cândido. Astronautas do além. São Bernardo do Campo: GEEM, 1996. Cap. 15.

101 XAVIER, Francisco Cândido. Luz acima. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Prefácio.

102 XAVIER, Francisco Cândido. Jesus em nós. São Bernardo do Campo: GEEM, 1986. Caps. 1-3.

103 XAVIER, Francisco Cândido. Crônicas de além-túmulo. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 19. Adendos explicativos entre colchetes nosso.

104 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 196.

105 ÓS, Fernando. A viagem com Chico Xavier. Guaíba: Lar Irmã Ester, 2009. p. 26.

106 XAVIER, Francisco Cândido. Crônicas de além-túmulo. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 19. Adendos explicativos entre colchetes nosso.

107 Conforme afirma Emmanuel, “A realidade é que a civilização ocidental não chegou a se cristianizar” (XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. Cap. 25).

108 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 120.

109 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 121.

110 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 120.

111 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 195.

112 XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel fala sobre Ramatis e outros assuntos. Caderno de Mensagens, 2008 (originariamente: Revista Boa Vontade, ano I, n. 4, outubro de 1956).

113 XAVIER, Francisco Cândido. Antologia dos imortais. Rio de Janeiro: FEB, 1990. 3ª parte, cap. 5.

114 XAVIER, Francisco Cândido. Palavras do infinito. São Paulo: Lake, 2000. 1ª parte, cap. 10. O mesmo texto pode ser encontrado em: XAVIER, Francisco Cândido. Crônicas de além-túmulo. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 15.

115 “A reed like a measuring rod” (New International Version).

116 KEENER, Craig S. The IVP Bible Background Commentary – New Testament. Downers Grove: InterVarsity Press, 2014. p. 750.

117 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 145-146.

118 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 147.

119 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 147.

120 COELI, Marius. As quatro babilônias. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1939. p. 48.

121 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 147-148.

122 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 167.

123 KARDEC, Allan. Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. Fevereiro de 1868. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1868.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017. p. 86-87.

124 KARDEC, Allan. Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. Fevereiro de 1868. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1868.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017. p. 86-87.

125 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 188.

126 O que se pode constatar na fala de Matilde para Gregório: “Aderiste aos Dragões do Mal pela simples verificação de que a tiara passageira não te poderia aureolar a cabeça nos domínios da vida eterna a que a morte nos arrebatou; entretanto, o Divino Amigo jamais descreu das nossas promessas de serviço e espera por nós

com a mesma abnegação do princípio” (XAVIER, Francisco Cândido. Libertação. Brasília: FEB, 2008. Cap. 20).

127 XAVIER, Francisco Cândido. Missionários da luz. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Prefácio.

128 XAVIER, Francisco Cândido. Correio fraterno. Rio de Janeiro: FEB, 1980. Cap. 17. Ainda com o sentido de guerra, tenha-se: XAVIER, Francisco Cândido. Parnaso de além-túmulo. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 48. XAVIER, Francisco Cândido. Marcas do caminho. Porto Alegre: FERGS, 1979. Cap. 36.

129 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 104-105.

130 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 200.

131 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 126.

132 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 110.

133 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 130.

134 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 131.

135 “Não compreenderam imediatamente que esses preceitos evangélicos, acima de tudo, significam sacrifício pelo próximo, perseverança no esforço redentor, serenidade no trabalho ativo, que corrige e edifica simultaneamente. Retirando-se para a vida monástica, povoaram os desertos na suposição de que se redimiriam mais rapidamente para o Cordeiro” (XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 124.

136 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 132.

137 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 131.

138 XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel. Brasília: FEB, 2013. p. 55.

139 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 160-161.

140 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 160-161.

141 Devemos essa lição a Luis Sérgio Marota, a quem somos eternamente gratos.

142 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 117.

143 XAVIER, Francisco Cândido. Palavras do infinito. São Paulo: Lake, 2000. 1ª parte, cap. 10. O mesmo texto pode ser encontrado em: XAVIER, Francisco Cândido. Crônicas de além-túmulo. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 15.

144 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 163.

145 500 years of the Reformation. Made for Minds. Disponível em: <http://www.dw.com/en/top-stories/500-years-of-the-reformation/s-30092>. Acesso em: 10 ago. 2017; SHERWOOD, Harriet. After 500 years, Europe's Reformation scars have all but healed, study finds. 31 ago. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2017/aug/31/reformatio>

[n-protestant-catholic-europe-scars-healed-study](#). Acesso em: 10 ago. 2017.

146 XAVIER, Francisco Cândido. Palavras do infinito. São Paulo: Lake, 2000. 1ª parte, cap. 10. O mesmo texto pode ser encontrado em: XAVIER, Francisco Cândido. Crônicas de além-túmulo. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 15.

147 COELI, Marius. As quatro babilônias. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1939. p. 48.

148 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 118.

149 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 185.

150 XAVIER, Francisco Cândido. Palavras do infinito. São Paulo: Lake, 2000. 1ª parte, cap. 10. O mesmo texto pode ser encontrado em: XAVIER, Francisco Cândido. Crônicas de além-túmulo. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 15.

151 XAVIER, Francisco Cândido. Doutrina-escola. Araras: IDE, 1995. Cap. 5.

152 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 181.

153 XAVIER, Francisco Cândido. Deus conosco. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2008. Cap. 29.

154 XAVIER, Francisco Cândido. Cartas e crônicas. Rio de Janeiro: FEB, 2002. p. 123-124.

155 XAVIER, Francisco Cândido. Cartas e crônicas. Rio de Janeiro: FEB, 2002. p. 123-124.

156 XAVIER, Francisco Cândido. Doutrina-escola. Araras: IDE, 1995. Cap. 5.

157 XAVIER, Francisco Cândido. Crônicas de além-túmulo. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 19.

158 XAVIER, Francisco Cândido. Palavras sublimes. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2014. p. 29-31.

159 XAVIER, Francisco Cândido. Cartas e crônicas. Rio de Janeiro: FEB, 2002. p. 125.

160 XAVIER, Francisco Cândido. Pontos e contos. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 2. Adendos explicativos entre colchetes nosso.

161 XAVIER, Francisco Cândido. Sentinelas da luz. São Paulo: CEU, 1990. Cap. 8.

162 KARDEC, Allan. Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Fevereiro de 1868. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1868.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017. p. 79.

163 XAVIER, Francisco Cândido. Palavras sublimes. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2014. p. 80.

164 XAVIER, Francisco Cândido. Esperança e luz. São Paulo: CEU, 1994. Cap. 14.

165 XAVIER, Francisco Cândido. Esperança e luz. São Paulo: CEU, 1994, Cap. 14.

166 XAVIER, Francisco Cândido. Esperança e luz. São Paulo: CEU, 1994. Cap. 3.

167 XAVIER, Francisco Cândido. Sentinelas da luz. São Paulo: CEU, 1990. Cap. 8. Anotações entre colchetes de nossa autoria.

168 XAVIER, Francisco Cândido. Palavras sublimes. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2014. p. 105.

169 XAVIER, Francisco Cândido. Sentinelas da luz. São Paulo: CEU, 1990. Cap. 8.

170 XAVIER, Francisco Cândido. Palavras sublimes. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2014. p. 36.

171 XAVIER, Francisco Cândido. Há dois mil anos. Brasília: FEB, 1990. 2ª parte, cap. 6.

172 NOBRE, Marlene; LEMOS NETO, Geraldo. Não será em 2012 – Chico Xavier revela a data-limite para o mundo velho. São Paulo: FE Editora, 2013.

173 DATA limite segundo Chico Xavier. Publicado em 18 dez. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4JxukHvGVzE&feature=youtu.be>. Acesso em: 10 out. 2017.

174 XAVIER, Francisco Cândido. Militares no além. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2008. Prefácio.

175 XAVIER, Francisco Cândido. Esperança e Luz. São Paulo: CEU, 1994. Cap. 14.

176 XAVIER, Francisco Cândido. Esperança e Luz. São Paulo: CEU, 1994. Cap. 14.

177 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 202-203.

178 XAVIER, Francisco Cândido. Crônicas de além-túmulo. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 19. Adendos explicativos entre colchetes nosso.

179 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 27.

180 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 27.

181 XAVIER, Francisco Cândido. Crônicas de além-túmulo. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 19. Adendos explicativos entre colchetes nosso.

182 XAVIER, Francisco Cândido. Palavras do infinito. São Paulo: Lake, 2000. 1ª parte, cap. 10. O mesmo texto pode ser encontrado em: XAVIER, Francisco Cândido. Crônicas de além-túmulo. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 15.

183 Segundo Emmanuel, só a Inquisição atrasou a marcha evolutiva da humanidade em seis séculos (XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 149).

184 XAVIER, Francisco Cândido. Pinga-fogo. Catanduva: EDICEL, 1971. p. 47.

185 XAVIER, Francisco Cândido. Jesus em nós. São Bernardo do Campo: GEEM, 1986. Caps. 1-3.

186 XAVIER, Francisco Cândido. Sentinelas da luz. São Paulo: CEU, 1990. Cap. 8.

187 XAVIER, Francisco Cândido. Crônicas de além-túmulo. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 19. Adendos explicativos entre colchetes nosso.

188 XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel. Brasília: FEB, 2013. p. 178.

189 XAVIER, Francisco Cândido. Jesus em nós. São Bernardo do Campo: GEEM, 1986. Caps. 1-3.

190 XAVIER, Francisco Cândido. Luz acima. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Prefácio.

191 XAVIER, Francisco Cândido. Pinga-fogo. Catanduva: EDICEL, 1971. p. 80.

192 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 196.

193 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 202.

194 XAVIER, Francisco Cândido. Esperança e luz. São Paulo: CEU, 1994. Cap. 3.

195 XAVIER, Francisco Cândido. Sentinelas da luz. São Paulo: CEU, 1990. Cap. 8.

196 XAVIER, Francisco Cândido. Jesus em nós. São Bernardo do Campo: GEEM, 1986. Caps. 1-3.

197 XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel fala sobre Ramatis e outros assuntos. Caderno de Mensagens, 2008 (originariamente: Revista Boa Vontade, ano I, n. 4, outubro de 1956).

198 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. Cap. 25.

199 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. Cap. 18.

200 XAVIER, Francisco Cândido. No mundo maior. Brasília: FEB, 2013. Cap. 2.

201 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. Cap. 25.

202 XAVIER, Francisco Cândido. Sentinelas da luz. São Paulo: CEU, 1990. Cap. 8.

203 “Jesus, porém, lhe disse: Amigo, a que vieste? Então, aproximando-se, lançaram mão de Jesus e o prenderam” (Mt 26, 50).

204 XAVIER, Francisco Cândido. Caminho, verdade e vida. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 90.

205 CHICO XAVIER CONFLITO internacional. Publicado em 19 set. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iWLcUpjjuoE&feature=youtu.be>. Acesso em: 10 out. 2017.

206 XAVIER, Francisco Cândido. No mundo maior. Brasília: FEB, 2013. Cap. 5.

207 XAVIER, Francisco Cândido. Missionários da luz. Brasília: FEB, 2010. Cap. 2.

208 XAVIER, Francisco Cândido. Missionários da luz. Brasília: FEB, 2010. Cap. 2.

209 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 59.

210 XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel. Brasília: FEB, 2013. p. 178

211 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 44.

212 XAVIER, Francisco Cândido. Pontos e contos. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 2. Adendos explicativos entre colchetes nosso.

213 XAVIER, Francisco Cândido. Palavras sublimes. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2014. p. 80.

214 XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel fala sobre Ramatis e outros assuntos. Caderno de Mensagens, 2008 (originariamente: Revista Boa Vontade, ano I, n. 4, outubro de 1956).

215 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 188.

216 ÓS, Fernando. A viagem com Chico Xavier. Guaíba: Lar Irmã Ester, 2009. p. 26.

217 XAVIER, Francisco Cândido. Religião dos espíritos. Rio de Janeiro: FEB, 1996. Cap. 64.

218 XAVIER, Francisco Cândido. Jesus em nós. São Bernardo do Campo: GEEM, 1986. Caps. 1-3.

219 XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel. Brasília: FEB, 2013. p. 178.

220 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 203.

221 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 110.

222 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 196.

223 KARDEC, Allan. O evangelho segundo o Espiritismo. Brasília: FEB, 2013. Cap. III, item 16 e ss.

224 KARDEC, Allan. A gênese - os milagres e as predições segundo o Espiritismo. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Capítulo XVIII, item 33.

225 XAVIER, Francisco Cândido. Cinquenta anos depois. Brasília: FEB, 2012. 1ª parte, cap. 5.

226 ÓS, Fernando. A viagem com Chico Xavier. Guaíba: Lar Irmã Ester, 2009. p. 26.

227 TESTEMUNHOS do povo brasileiro nos momentos difíceis segundo Chico Xavier. Publicado em 14 de jul. de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUZ10zaptGo>. Acesso em: 10 out. 2017.

228 XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel fala sobre Ramatis e outros assuntos. Caderno de Mensagens. 2008 (originariamente: Revista Boa Vontade, ano i, n. 4, outubro de 1956).

229 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 202.

230 Sobre a relação do Sukkot com a criação, vide: DOUKHAN, Jacques B. Secretos Del Apocalipsis. El apocalipses visto a través de ojos hebreos. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2002. p. 147.

231 XAVIER, Francisco Cândido. Pinga-fogo. Catanduva: EDICEL, 1971. p. 47.

232 NOBRE, Marlene; LEMOS NETO, Geraldo. Não será em 2012. São Paulo: FE Editora, 2013. p. 54.

233 XAVIER, Francisco Cândido. Palavras sublimes. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2014. p. 50-52.

234 XAVIER, Francisco Cândido. Palavras sublimes. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2014. p. 235.

235 XAVIER, Francisco Cândido. Chico Xavier em Goiânia. São Bernardo do Campo: GEEM, 1992. Caps. 3.

236 XAVIER, Francisco Cândido. Há dois mil anos. Brasília: FEB, 2013. 2ª parte, cap. 6.

237 Sobre a difusão do Espiritismo, anota Humberto de Campos: “Consolidadas as primeiras construções basilares de Ismael na Pátria do Cruzeiro, o Espiritismo derramou seus frutos sazoados e doces no coração da coletividade brasileira” (XAVIER, Francisco Cândido. Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho. Brasília: FEB, 2008. Cap. 29).

238 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 197.

239 XAVIER, Francisco Cândido. Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho. Brasília: FEB, 2008. Introdução.

240 XAVIER, Francisco Cândido. Coletânea do além. São Paulo: FEESP, 1945. Cap. 40.

241 XAVIER, Francisco Cândido. Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho. Brasília: FEB, 2008. Cap.1.

242 XAVIER, Francisco Cândido. Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho. Brasília: FEB, 2008. Cap.1.

243 XAVIER, Francisco Cândido. Cartas do alto. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2017. p. 188-189.

244 XAVIER, Francisco Cândido. Palavras sublimes. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2014. p. 50-52.

245 TESTEMUNHOS do povo brasileiro nos momentos difíceis segundo Chico Xavier. Publicado em 14 de jul. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUZ10zaptGo>. Acesso em: 10 out. 2017.

246 XAVIER, Francisco Cândido. Palavras sublimes. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2014. p. 37.

247 XAVIER, Francisco Cândido. Fonte viva. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 10.

248 XAVIER, Francisco Cândido. Sentinelas da luz. São Paulo: CEU, 1990. Cap. 8.

249 XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel. Brasília: FEB, 2013. p. 24.

250 XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel. Brasília: FEB, 2013. p. 28.

251 XAVIER, Francisco Cândido. Cinquenta anos depois. Brasília: FEB, 2012. 1ª parte, cap. 5.

252 XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013. p. 49-50.

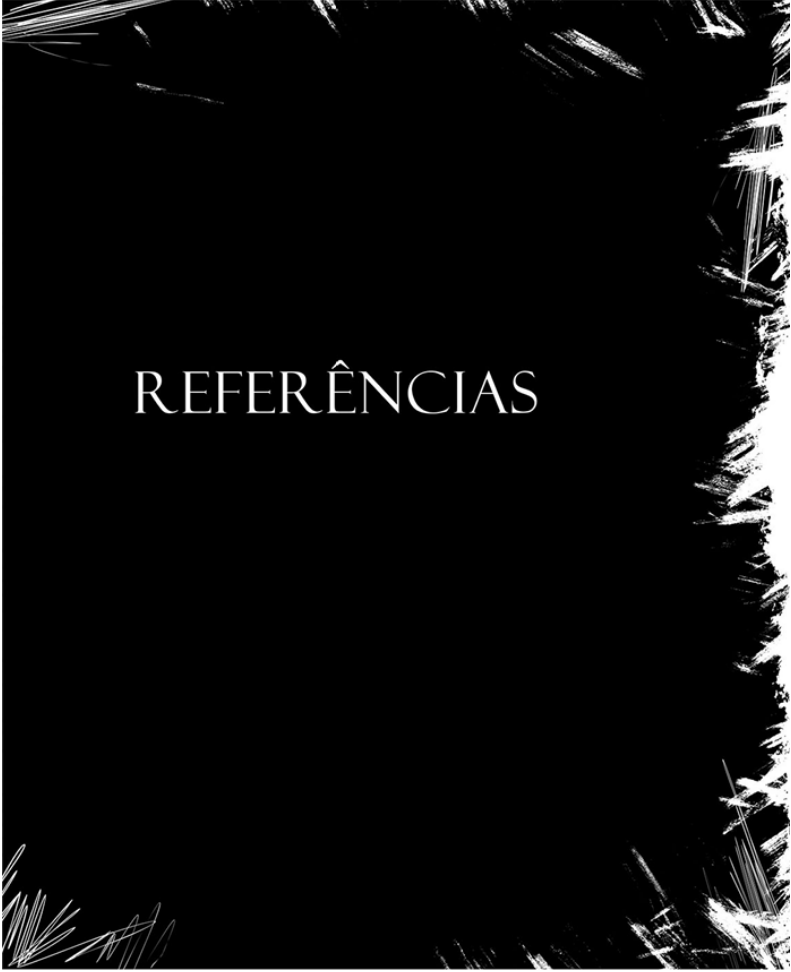
253 XAVIER, Francisco Cândido. Pão nosso. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 92.

254 XAVIER, Francisco Cândido. Há dois mil anos. Brasília: FEB, 2013. 2ª parte, cap. 6.

255 XAVIER, Francisco Cândido. Há dois mil anos. Brasília: FEB, 2013. 2ª parte, cap. 6.

256 XAVIER, Francisco Cândido. Fonte viva. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 41.





REFERÊNCIAS

500 YEARS of the Reformation. Made for Minds. Disponível em: <http://www.dw.com/en/top-stories/500-years-of-the-reformation/s-30092>. Acesso em: 10 ago. 2017.

BACCELLI, Carlos. O evangelho de Chico Xavier. São Paulo: Didier, 2000.

COELI, Marius. As quatro babilônias. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1939.

DI SPIRITO, Marco Paulo Denucci. Apocalipse segundo o Espiritismo. Minas Gerais: Vinha de Luz, 2017.

DOUKHAN, Jacques B. Secretos Del Apocalipsis. El apocalipses visto a través de ojos hebreos. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2002,

KEENER, Craig S. The IVP Bible Background Commentary – New Testament. Downers Grove: InterVarsity Press, 2014.

NOBRE, Marlene. Lições de sabedoria. 3. ed. São Paulo: FE Editora, 1997.

NOBRE, Marlene; LEMOS NETO, Geraldo. Não será em 2012 – Chico Xavier revela a data-limite para o mundo velho. São Paulo: FE Editora, 2013.

ÓS, Fernando. A viagem com Chico Xavier. Guaíba: Lar Irmã Ester, 2009.

PEREIRA, Yvonne do Amaral. Devassando o invisível. Rio de Janeiro: FEB, 1963.

SHERWOOD, Harriet. After 500 years, Europe's Reformation scars have all but healed, study finds. 31 ago. 2017.
Disponível em:
<https://www.theguardian.com/world/2017/aug/31/reformation-protestant-catholic-europe-scars-healed-study>. Acesso em: 10 ago. 2017.

Vídeos

A GUERRA parece se aproximar. Publicado em 14 jul. 2015.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BHcjYtzNyXc&t=132s>. Acesso em: 10 ago. 2017.

CHICO XAVIER CONFLITO internacional. Publicado em 19 set. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?>

v=iWLcUpjjuoE&feature=youtu.be. Acesso em: 10 out. 2017.

CHICO XAVIER FALA sobre a calamidade da guerra que pende sobre nós. Publicado em 19 set. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vw-0sRw2V9s&feature=youtu.be>. Acesso em: 10 out. 2017.

CHICO XAVIER – PINGA FOGO 1971 – Parte 6/10 – Água na Lua: Chico já sabia. Publicado em 25 de mai de 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6i6lhp3HadQ>. Acesso em: 10 out. 2017.

DATA limite segundo Chico Xavier. Publicado em 18 dez. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4JxukHvGVzE&feature=youtu.be>. Acesso em: 10 out. 2017.

TESTEMUNHOS do povo brasileiro nos momentos difíceis segundo Chico Xavier. Publicado em 14 de jul. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUZ10zaptGo>. Acesso em: 10 out. 2017.

Obras de Allan Kardec

A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

O evangelho segundo o Espiritismo. Brasília: FEB, 2013.

O livro dos Espíritos. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

O livro dos médiuns. 93. ed. Brasília: FEB, 2016.

Obras póstumas. 93. ed. Brasília: FEB, 2016.

Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Fevereiro de 1868. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Disponível em:
<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1868.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017.

Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1864. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Disponível em:
<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1864.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017.

Obras de Francisco Cândido Xavier

A caminho da luz. Brasília: FEB, 2013.

A caminho da luz. Rio de Janeiro: FEB, 1939.

Antologia dos imortais. Rio de Janeiro: FEB, 1990.

Astronautas do além. São Bernardo do Campo: GEEM, 1996.

Ave, Cristo! Brasília: FEB, 2008.

Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho. Brasília: FEB, 2008.

Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho. Rio de Janeiro: FEB, 1938.

Caminho, verdade e vida. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

Cartas de uma morta. São Paulo: Lake, 1980.

Cartas do Alto. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2017.

Cartas e crônicas. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

Chico Xavier em Goiânia. São Bernardo do Campo: GEEM, 1992.

Cinquenta anos depois. Brasília: FEB, 2012.

Coletânea do além. São Paulo: FEESP, 1945.

Contos desta e doutra vida. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

Correio fraterno. Rio de Janeiro: FEB, 1980.

Crônicas de além-túmulo. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

Deus conosco. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2008.

Diálogo dos vivos. São Bernardo do Campo: GEEM, 1974.

Doutrina-escola. Araras: IDE, 1995.

Emmanuel fala sobre Ramatis e outros assuntos. Caderno de Mensagens, 2008 (originariamente: Revista Boa Vontade, ano I, n. 4, outubro de 1956).

Emmanuel. Brasília: FEB, 2013.

Encontros no tempo. Araras: IDE, 1979.

Esperança e luz. São Paulo: CEU, 1994.

Estante da vida. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

Falando à Terra. Rio de Janeiro: FEB, 1951.

Festas. Contos desta e doutra vida. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

Fonte viva. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

Há dois mil anos. Rio de Janeiro: FEB, 1990.

Há dois mil anos. Rio de Janeiro: FEB, 1939.

Instrumentos do tempo. São Bernardo do Campo: GEEM, 1974.

Jesus em nós. São Bernardo do Campo: GEEM, 1986.

Justiça divina. Rio de Janeiro: FEB, 2000.

Libertação. Rio de Janeiro: FEB, 1949.

Libertação. Brasília: FEB, 2008.

Luz acima. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

Marcas do caminho. Porto Alegre: FERGS, 1979.

Militares no além. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2008.

Missionários da luz. Brasília: FEB, 2010.

Na era do espírito. São Bernardo do Campo: GEEM, 1973.
[Com PIRES, J. Herculano.]

Na senda escabrosa. Fonte Viva. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

No mundo maior. Brasília: FEB, 2013.

Nosso lar. Brasília: FEB, 2008.

Novas mensagens. Rio de Janeiro: FEB, 1939.

O consolador. Brasília: FEB, 2008.

Os mensageiros. Brasília: FEB, 2008.

Palavras de Chico Xavier. Araras: IDE, 1995.

Palavras do infinito. São Paulo: Lake, 2000.

Palavras sublimes. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2014.

Pão nosso. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

Parnaso de além-túmulo. Rio de Janeiro: FEB, 2008.

Paulo e Estêvão. Brasília: FEB, 2008.

Paz e renovação. Araras: IDE, 2000.

Pinga-fogo. Catanduva: EDICEL, 1971.

Plantão de respostas. São Paulo: CEU, 1994.

Pontos e contos. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

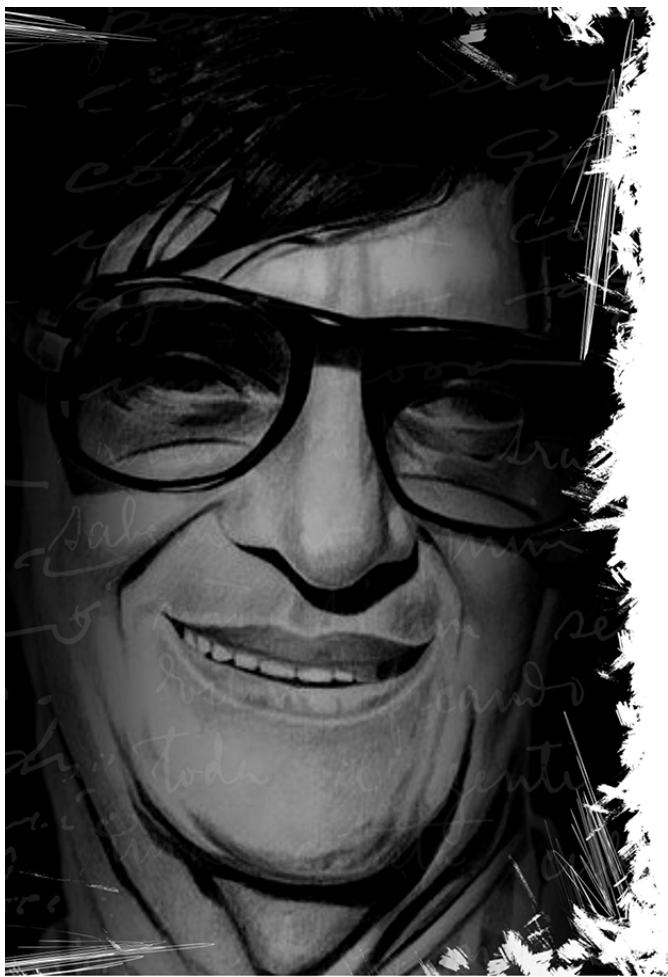
Religião dos espíritos. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

Sentinelas da luz. São Paulo: CEU, 1990.

Vinha de luz. Rio de Janeiro: FEB, 2006.







...tan.
...e qui
...de cen.
...man
...x e
...a dze
...e
...com
...Tua
...rio
...re
...cabe
...parar
...to.
...velho
...m
...bo
...man
...Eldi

...m. Com
...e qui porra
...en - = faz
...man = come
...e um p
...de: a
...e um p
...com a
...na
...rio, um
...to-re, reverendo
...nic Sabem p
...arar não
...to. Roston
...velho, toda
...uma a
...boa Ade
...man
...thi